



FACULTAD DE TEOLOGÍA

Espiritualidade Inaciana e Reconciliação

Conversão, perdão e missão

Autor: Marcos Vinícius Sacramento de Souza

Prof. D. Luís Maria García Domínguez

Madrid

Junio, 2018

ÍNDICE

ÍNDICE, 01

SIGLAS E ABREVIATURAS, 03

INTRODUÇÃO GERAL, 04

CAPÍTULO I

Reconciliação à luz do processo de conversão de Santo Inácio, 10

1. Autobiografia de um Peregrino, 12

1.1 Santo Inácio: Tempo e lugar, 14

1.1.1 Sua Terra: O barro, 15

1.1.2 Sua Família: A aliança matrimonial, 16

1.1.3 Sua Casa: A fortaleza reconstruída, 17

2. Santo Inácio antes da conversão: Rupturas que mudam o caminho, 17

2.1 Juventude, 18

2.2 Traços da personalidade de S. Inácio, 19

2.3 Crises fecundas, 21

3. Caminhos de conversão, 22

3.1 Loyola: Início de um longo caminho, 23

3.2 Peregrino e penitente: de Loyola a Manresa, 26

3.2.1 Monserrat: Peregrino de si e de Deus, 27

3.2.2 Manresa: Alcançado pela misericórdia Divina, 29

3.3 Iluminação do Cardoner, 32

4. Conclusão, 39

CAPÍTULO 2

Exercícios Espirituais: a experiência do perdão que reconcilia, 41

1. A experiência reconciliadora que brota dos Exercícios, 42

1.1 Uma aproximação entre Exercícios e reconciliação, 45

- 2. Princípio e Fundamento: O ser humano reconciliado, 47**
- 3. Exercícios Espirituais e a reconciliação com Deus e consigo mesmo, 50**
- 3.1 Meditação com as três potências [Ej. 45-54], 52*
3.2 Meditação do pecado [Ej. 55-61], 56
3.3 Meditação do Inferno [Ej. 65-71], 58
- 4. Exercícios Espirituais e a reconciliação com a criação, 61**
- 4.1 Reconciliação com a criação no princípio e fundamento, 62*
4.2 Reconciliação com a criação na Contemplação para alcançar o amor, 64
- 5. Conclusão, 66**

CAPÍTULO 3

A missão de reconciliar os desavindos, 69

1. Significado geral de reconciliação, 70

- 1.1 Uma mirada bíblica teológica, 72*
1.2 Uma mirada eclesial, 76

2. Sentido inaciano de reconciliação, 77

- 2.1 Fórmula do Instituto, 80*
- 2.1.1 O fim e os meios da Companhia, 81
2.1.2 Experiências germinais: Montmartre, Azpeitia e Venezia, 84
2.1.3 O ministério de reconciliar os desavindos, 85
- 2.2 Testemunhos do ministério de reconciliar, 90*

3. Conclusão, 93

CONCLUSÃO FINAL, 95

BIBLIOGRAFIA, 103

Siglas e Abreviaturas

<i>Au</i>	Autobiografía de San Ignacio de Loyola
BAC	Biblioteca de Autores Cristianos
<i>CG</i>	Congregación General
<i>Co</i>	Constitución de la Compañía de Jesús
CV II	Concilio Vaticano IIº
d.	Decreto
<i>DEI</i>	Diccionario de Espiritualidad Ignaciana
<i>De</i>	Diario Espiritual
<i>DPP</i>	Deliberatio Primorum Patrum
<i>Ee</i>	Escritos Esenciales de los primeros jesuitas
<i>Ej</i>	Ejercicios Espirituales
<i>Epp</i>	Cartas de San Ignacio de Loyola
<i>FN</i>	Fontes Narrative
<i>FI</i>	Fórmula del Instituto
<i>F39</i>	Fórmula del Instituto de 1539
<i>F40</i>	Fórmula del Instituto de 1540
<i>F50</i>	Fórmula del Instituto de 1550
<i>Ibid</i>	Ibidem (Idéntica la cita previa)
JRS	Serviço Jesuíta aos Refugiados
<i>LS</i>	Laudato Si'
Mbr	Monumenta Broët
MHSJ	Monumenta Historica Societatis IESU
n.	Número
nt.	Nota
PoCo	Polanci Complementa
<i>Mco</i>	Monumenta Constitutionum
<i>MNad</i>	Monumenta Natalis
Nadal, Orat. Obs. Jerónimo	Nadal, Orationis Observationes

INTRODUÇÃO GERAL

A reconciliação é um tema explicitado na espiritualidade inaciana desde a *F50* onde se define, entre outros ministérios da Companhia de Jesus, a missão de “reconciliar os desavindos”. Por tanto, não se trata de um tema novo do ponto de vista apostólico. Mas, levando em consideração a abrangência e a evolução do sentido da reconciliação no decorrer da história nos sentimos desafiados a atualizar e discernir a nossa vida e missão à luz da reconciliação no momento e na história atual em que vivemos.

A motivação pessoal para desenvolver o tema da reconciliação e sua relação com a espiritualidade inaciana é principalmente o desejo de encontrar caminhos que ajude a responder a chamada à reconciliação que a Companhia de Jesus tem feito nos últimos anos. Em 2008 a *CG 35* convida aos jesuítas para realizar a missão de fé e justiça no horizonte da reconciliação. Oito anos depois, a *CG 36* considera que temos uma missão de reconciliação e condensa alguns elementos inacianos que considero de grande importância:

A participação na obra de reconciliação que Deus está realizando no mundo ferido. A dimensão tripla da reconciliação, a saber, a reconciliação com Deus, a de uns com os outros e a dos seres humanos com a criação. A confirmação de que esta reconciliação é sempre obra da justiça discernida e formulada nas comunidades e contextos locais. E por fim, ressalta a centralidade da cruz de Cristo e a nossa participação nela, no processo de reconciliação.

Com isso, nos deparamos com duas grandes novidades necessárias para realizar a missão de reconciliar sugerida na *F50*: a reconciliação com Deus que implica a reconciliação consigo mesmo e nos chama atenção para um desafio muito atual que é a reconciliação com a criação. A espiritualidade inaciana assume então, a triple dimensão

da reconciliação como realidades complementárias e inseparáveis que tem seu fim nas relações justas em todos esses níveis.

Desde aqui já podemos notar a abrangência do tema que pode se relacionar com muitas dimensões da vida e missão da Companhia de Jesus. Dentre tantos elementos que não será possível desenvolver nesta reflexão, este trabalho se limitará a oferecerá um itinerário que passa necessariamente pela conversão, perdão e missão. Tais elementos se relacionam respectivamente com a vida de S. Inácio, os Exercícios espirituais e a particular missão de reconciliar aos desavindos. Entendemos que por este caminho será possível voltar a amizade com Deus rompida pelo pecado pessoal e social, devolvendo assim a dignidade do ser humano e de toda a criação.

Para isso queremos ressaltar as palavras de Jesus ao inaugurar sua missão: “Convertei-vos e credes no Evangelho” [Mc. 1, 15] um programa para todos que desejam viver um processo de reconciliação. Estas palavras são primeiramente um convite à conversão e acolhida da Boa Notícia que se relacionam essencialmente com a reconciliação com Deus que implica todas as demais reconciliações. Sem a conversão, o perdão e a missão do Evangelho que nos configuram a Cristo, a reconciliação com a criação fica comprometida.

O coração dividido do ser humano e o mundo ferido por tantas injustiças geradas pelo pecado pessoal e social são sem dúvida os principais destinatários desta chamada que nos responsabiliza a todos a iniciar processos pessoais e interpessoais de reconciliação.

Na dimensão pessoal destacamos a conversão que mobiliza o desejo de configuração a Jesus Cristo. Esta transformação interior se relaciona com o processo de conversão vivido por S. Inácio e com a dinâmica interna dos próprios *Exercícios Espirituais*¹ [Ej] como “*todo modo de preparar y disponer el ánima para quitar de si todas las afecciones desordenadas y, después de quitadas, para buscar y hallar la voluntad divina en la disposición de su vida para la salud del ánima*” [Ej 1]. Com isso, o ser humano em processo de conversão é aquele que primeiramente busca superar suas divisões internas, vencendo a si mesmo e ordenando sua vida para Deus [Ej 21] em vista da sua salvação e da salvação dos demais.

¹ IGNACIO DE LOYOLA, *Ejercicios Espirituales*, em *Obras* (Iparraguirre, I., Dalmases, C., Ruiz Jurado, M., eds.) BAC, Madrid 2014, 147 – 233.

O Evangelho a ser acolhido é o próprio Jesus, verbo encarnado para realizar o plano da salvação: “*Hagamos redención del género humano*” [Ej 107] e implica necessariamente a dimensão interpessoal. Esta acolhida faz-se ainda mais urgente e necessária diante da humanidade, do mundo e de toda a criação que necessita ser redimida e reconciliada. No exercício inaciano da encarnação [Ej 106-109], Santo Inácio sugere que é preciso abrir os olhos para a realidade. Ver e considerar² “*tanta ceguedad, y cómo mueren y descenden al inferno*” [Ej 106]. E pede ainda para ter os ouvidos atentos e refletir³ para tirar algum proveito.

Esta proposta nos coloca diante de uma das principais claves da espiritualidade inaciana que é o discernimento que brota da experiência de S. Inácio, perpassa a dinâmica dos Exercícios Espirituais. Aqui podemos falar mais explicitamente da importância de um discernimento para o processo de conversão pessoal e para assumir a missão de reconciliar. Discernir para tomar consciência das realidades pessoais e socioambientais mergulhadas em uma profunda crise que tem suas raízes mais profunda na ruptura relacional com Deus. Por isso, este trabalho se esforçará em buscar elementos na espiritualidade inaciana que ajudem na mudança de sentido de vida que passa pela conversão, pelo perdão e reorienta o sujeito inaciano para a reconciliação com Deus, com os demais e com Deus e com a criação.

A Igreja preocupada com as realidades não-reconciliadas, sabendo ser a reconciliação algo tão querida por Deus e assumido plenamente na entrega de Jesus na cruz, propôs desde o Concílio Vaticano II um novo olhar sobre este tema tratado em alguns dos seus documentos⁴. À luz deste mesmo concílio a Companhia de Jesus, principalmente por meio de suas Congregações Gerais⁵, fez um grande esforço para voltar as fontes e redescobrir desde o seu carisma originário a missão de reconciliar.

Com isso, chegamos inevitavelmente a dois elementos essenciais e tão relacionados entre si que não podem ser entendidos separadamente, que são a vida e

² Considerar. Es un acto de reflexión sobre un objeto determinado, de pretensión ponderativa queriendo llegar a la importancia de tal objeto por su observación, contemplación, meditación. Cf. GARCÍA DE CASTRO, J., “¿Qué hacemos cuando hacemos Ejercicios? La actividad del ejercitante a través de sus verbos”, *Manresa* 74 (2002) 11- 40.

³ Refletir. “Se trata de una acción segunda, supuesta una primera ya realizada. Volver de nuevo sobre lo contemplado personalizando, aplicando el mensaje percibido ‘a mí mismo’ ”. GARCÍA DE CASTRO, J., “¿Qué hacemos cuando hacemos Ejercicios?”, 30.

⁴ Principalmente em sua Constituição pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja e o mundo contemporâneo.

⁵ Especialmente as CG 32, CG 35, CG 36.

missão da Companhia de Jesus. O P. Arturo Sosa⁶ resalta que “*vida y misión son inseparables para quien elige seguir a Jesucristo en la Compañía de Jesús al servicio de la Iglesia. (...) nos sabemos un cuerpo frágil formado por pecadores perdonados y enviados a contribuir a la misión reconciliadora de Jesucristo*”⁷. A vida será aqui em primeiro lugar a vida mesma de Inácio que faz um experiência de conversão pessoal e reconciliação com Deus para responder sua vocação neste Instituto, e a missão é o quê e o como a Companhia realiza aquilo que ela está chamada a viver. A este entrelaçamento onde se origina, fundamenta e vive o carisma da Companhia podemos chamar de espiritualidade inaciana que dá identidade a nossa vida e missão enquanto pecadores, perdoados e enviados a uma missão.

A espiritualidade inaciana revela os passos de Deus em uma experiência de vida concreta e encarnada na realidade. A força do carisma inaciano, dom de Deus, fecunda primeiramente o dividido e inquieto coração de Inácio de Loyola antes da sua conversão⁸. O longo processo de acolhida deste dom que reconcilia, unifica, pacifica e ordena a vida de Inácio para Deus, nos remete aos Exercícios Espirituais e logo, a missão da Companhia de Jesus, como aprofundaremos no decorrer deste trabalho.

Revisitando o carisma inaciano à luz da missão reconciliadora será possível constatar que desde as suas origens mais remotas a Companhia de Jesus está chamada a uma missão. Primeiramente pela vida de Inácio e de todo ser humano que carrega em si mesmo uma história a ser convertida e reconciliada. Depois no sujeito inaciano chamado a fazer uma experiência de perdão e reconciliação por meio dos Exercícios Espirituais. E por fim, no grupo tão diverso dos primeiros companheiros que se sentiram chamados a formar um corpo apostólico. De pecadores perdoados chamados a muitos ministérios, dos quais, aprofundaremos em especial a missão de “*Reconciliar a los desavenidos*” [F50].

No capítulo I deste trabalho acompanharemos de modo particular a experiência de conversão vivida por S. Inácio de Loyola. Neste processo de purificação buscaremos entender e fortalecer a relação entre conversão e reconciliação, ao mesmo tempo que, perceber os efeitos da conversão na vida de S. Inácio que o abre para novas realidades e relações. Para isso utilizaremos como fonte principal a *Autobiografía*⁹ [Au]. Ela nos dará

⁶ Padre Geral da Companhia de Jesus eleito pela CG 36.

⁷ SOSA, A., “*Nuestra vida es misión, la misión es nuestra vida*”, em <http://www.jesuitas.org.co>.

⁸ Refere-se a conversão inicial e continuada de Santo Inácio.

⁹ IGNACIO DE LOYOLA, *Autobiografía*, em *Obras* (Iparraguirre, I. / Dalmases, C. / Ruiz Jurado, M., eds.), BAC, Madrid 2014, 24 - 105.

os fatos históricos, principalmente no período que vai de Loyola a Manresa, para que à luz de experiências humanas e espirituais possamos compreender a necessidade da conversão pessoal no processo de reconciliação.

S. Inácio e os primeiros companheiros são as grandes testemunhas da força transformadora e reconciliadora dos Exercícios Espirituais. Uma vez perdoados pela misericórdia divina buscam seguir ordenando suas vidas para o serviço de Deus e ajuda das almas. Por isso no Capítulo II trataremos da experiência fundante dos Exercícios como instrumento desencadeador e dinamizador de processos de conversão do sujeito inaciano que deseja reconciliar-se primeiramente com Deus e conseqüentemente consigo mesmo; abrindo-o para outras autênticas relações. Nos aproximaremos do livro dos Exercícios Espirituais focando principalmente na Primeira Semana de onde entendemos começar o processo de reconciliação do sujeito inaciano com Deus, mas, também daremos um salto para demonstrar a incidência desta experiência na reconciliação do ser humano com a criação.

Mais do que uma análise dos Exercícios em si, buscaremos buscar elementos em sua dinâmica interna que coloca o exercitante em um profundo processo espiritual de reconciliação. Uma vez reconciliado, o sujeito inaciano é movido internamente a responder a chamada para colaborar com Jesus Cristo no ministério de reconciliar.

Das principais fontes inacianas que iremos utilizar neste trabalho, destacaremos no capítulo III, a *Fórmula do Instituto*¹⁰ [F50] que sem dúvida é a que mais explicita o termo reconciliar e lança luzes para entender o significado inaciano de reconciliação. Esta aproximação ao documento fundacional da Companhia de Jesus nos dará as chaves inacianas para compreender a missão reconciliadora levada a cabo desde a experiência dos primeiros companheiros.

Para a realização deste estudo utilizamos fundamentalmente a Autobiografia, os Exercícios Espirituais e a Fórmula do Instituto. Também recorreremos a alguns relatos e testemunhos dos primeiros companheiros, assim como, estudos e documentos mais recentes que nos ajudam a aprofundar o tema da espiritualidade inaciana e a reconciliação.

Em palavras gerais o principal objetivo desta reflexão será mostrar a colaboração da espiritualidade inaciana no tema da reconciliação e como podemos tomar parte, desde

¹⁰ IGNACIO DE LOYOLA, *Constituciones*, em *Obras* (Iparraguirre, I. / Dalmases, C. /Ruiz Jurado, M., eds.), BAC, Madrid 2014, 390-394.

Jesus Cristo, no ministério de reconciliar, pois, “tudo vem de Deus, que por Cristo, nos reconciliou e nos confiou o ministério da reconciliação” [2Cor 5, 18].

Faremos isto à luz do processo de conversão de Inácio; dos elementos reconciliadores presentes nos Exercícios Espirituais e da missão que a Companhia de Jesus está chamada a participar tal como ressalta a Congregação Geral 36.

Logo, neste itinerário tentaremos responder algumas perguntas fundamentais: Como o processo de conversão de Santo Inácio se relaciona com a reconciliação? Como a dinâmica interna dos Exercícios Espirituais transformam e reconciliam o sujeito inaciano? Qual a importância da missão de reconciliação na Companhia de Jesus?

As possíveis respostas que buscaremos encontrar no decorrer deste trabalho tentarão mostrar a valiosa contribuição que brota da relação entre espiritualidade inaciana e reconciliação. Não podendo abarcar toda a riqueza deste tema para a vida espiritual, comunitária, apostólica e para as mais diversas realidades da Companhia, consideramos neste trabalho que os processos de conversão pessoal, a capacidade de acolhida do perdão e a resposta generosa à missão são matizes importantes que nos desafia a todos e lançam luzes em nossa busca. Entendemos com isso, que com esta reflexão daremos alguns passos para assumir a reconciliação como dom e tarefa. Dom, por que somos reconciliados por Deus. Tarefa, por que uma vez que acolhemos este dom, somos chamados e enviados a reconciliar.

CAPÍTULO I

Reconciliação à luz do processo de conversão de S. Inácio

Conversão e reconciliação são duas experiências intrinsecamente relacionadas e fazem parte de um mesmo processo de amadurecimento espiritual do ser humano. Neste caminho, a pessoa se mobiliza internamente para ordenar sua vida a Deus. Esta mudança de sentido espiritual passa essencialmente pelo doloroso reconhecimento da condição de pecador e pela acolhida do dom misericordioso de Deus, e encontra em Jesus Cristo o motor desta transformação interior. Esta foi a experiência de Deus vivida por Santo Inácio em seu longo processo de conversão pessoal que levou a reconciliação consigo e com o Absoluto de sua vida.

Em Inácio acontece uma *metanoia*, ou seja, uma profunda mudança no seu coração. Sua conversão está relacionada com as “*cosas de Dios*” [Au 8] que foi experimentando em seu interior e a mais importante delas, foi a acolhida da Graça divina em sua história. Podemos dizer que este processo vai se dando na abertura gradativa dos seus olhos: (...) “*una vez se le abrieron un poco los ojos*” [Au 8] para conhecer a diversidade dos espíritos¹¹. Depois segue contínua e progressivamente a abertura total da sua visão na Iluminação do Cardoner [Au 30].

Santo Inácio levou adiante esse processo com grande determinação mantendo vivo o desejo de se afastar dos pecados e imitar a Jesus e os santos [Au 7]. Mas, para viver uma autêntica reconciliação com Deus era preciso a conversão que o levaria a reconciliar-se consigo mesmo, pois, era um “*hombre dado a las vanidades del mundo y principalmente se deleitaba en ejercicio de armas con gran y vano deseo de ganar honra*” [Au 1]. Sem

¹¹ “Sentir y cognocer las varias mociones que en la ánima se causan: las buenas para recibir y las malas para lanzar” (Ej 313). “Reglas de discernimiento de 1ª semana”.

uma verdadeira aceitação da sua história de pecado e confiança no perdão que vem de Deus o processo de conversão inaciano não seria de todo possível.

A sua história dialoga com o seu mundo interior, afetivo e social. Deus por sua infinita misericórdia trabalha na vida do ser humano abarcando todas as suas dimensões e chama a Santo Inácio para a conversão, perdão e serviço com suas potencialidades, mas, também com suas fraquezas e com todas as realidades da vida a serem reconciliadas. Por isso, “*le trataba Dios de la misma manera que trata un maestro de escuela a un niño*” [Au. 27].

Depois da conversão em Loyola¹², Santo Inácio continua o caminho de busca e encontro da vontade de Deus para a sua vida. Esta aventura ao mesmo tempo humana e divina foi muitas vezes acompanhada de fortes rupturas e feridas que quando alcançadas pela Graça de Deus potencializava o seu processo de conversão.

Entre a conversão e a reconciliação está a experiência do perdão misericordioso de Deus que Inácio experimentou em um momento da sua vida penitencial em Manresa. A experiência do perdão foi um dom de Deus que liberou a vida do Peregrino para novos horizontes. A imagem do Deus misericordioso revelada na vida, paixão e ressurreição de Jesus vai configurando a vida de Inácio em sua vivência espiritual. É por este Jesus, crucificado e ressuscitado, que Santo Inácio se sentiu atraído desde o início da sua conversão e o acompanhará por toda a sua vida.

Esta atração radical por Jesus conduziu o peregrino por muitos caminhos até chegar a iluminação do Cardoner onde seus olhos interiores se abriram para a totalidade da realidade. É nesta dinâmica de conversão, perdão misericordioso e reconciliação que Deus vai conduzindo e modelando a vida de Santo Inácio forjando uma nova vida para a missão. As palavras de Santo Inácio em sua *Autobiografía*¹³ depois da Iluminação do Cardoner¹⁴ revelam o profundo significado desta experiência: “*le parecia como si fuese*

¹² “Agosto-septiembre de 1521: Pide libros de caballería. Le entregan libros piadosos. Conversión. Visión de la Virgen Santissima. Octubre-diciembre de 1521: Concentración espiritual de lecturas, transcripción y oración del *Vita Christi*, de Ludolfo de Sajonia, y de *Flos Sanctorum*”. Cf. “cronología de San Ignacio”, em *Obras*, LXVII.

¹³ Conhecemos como *Autobiografía* um texto copilado e redatado pelo P. Luis Gonçalves da Câmara que contém parte da vida de Santo Inácio de Loyola: de sua primeira conversão em Loyola (1521) até sua chegada em Roma (1540). O próprio Santo Inácio ditou sua vida. Foi composta em Roma entre os anos de 1553 e 1555 e considerada a primeira fonte para conhecer sobre a vida do Fundador.

¹⁴ Experiência espiritual fundante vivida por Santo Inácio próximo ao rio Cardoner. Episódio relatado na autobiografia (Au. 30) e por alguns dos jesuítas da primeira geração como o P. Láñez, P. Polanco e Nadal.

otro hombre y tuviese otro intelecto”¹⁵ [Au 30]. Ser um outro homem e ter um novo intelecto marca o ponto alto deste caminho de purificação, um estágio espiritual mais amadurecimento capaz de acolher, responder e continuar vivendo mais profundamente processos de reconciliação.

As principais etapas deste itinerário não se identificam com um caminho linear, mas, espiral. À medida que avança em seu tempo adquire perspectivas mais amplas e de conjunto a partir das próprias experiências do caminho. Este movimento espiral exigiu de S. Inácio um esforço para “vencer a si mesmo, ordenar sua vida, buscar e achar a Deus” [Ej 1]. Um esforço que vai acompanhado da “saída do seu próprio amor, querer e interesse” [Ej 189]. Que conjugados revelam o processo de conversão e reconciliação que está chamado a viver.

Conversão “*en sentido general indica cambio de vida; dejar el comportamiento habitual de antes para emprender otro nuevo; prescindir de la búsqueda egoísta de uno mismo para ponerse a servicio del Señor. Conversión es toda decisión o innovación que de alguna manera nos acerca o nos conforma con la vida divina*”¹⁶. Buscaremos pois, neste capítulo a experiência fontal da conversão¹⁷ na vida de Santo Inácio que leva a reconciliação consigo mesmo e com Deus. Esta peregrinação humana e espiritual acontece fundamentalmente no mais íntimo do seu ser a ser convertido e perdoado por Deus para responder ao modo de Jesus Cristo a missão de reconciliar.

1. Autobiografia de um Peregrino

A autobiografia será a principal fonte inaciana deste capítulo que tratará sobre a vida de Inácio e o seu processo de conversão. Este relato expressa o desejo dos

¹⁵ Frase da *Autobiografía* de Santo Inácio e se refere aos efeitos da Iluminação do Cardoner como graça e fruto desta profunda experiência espiritual.

¹⁶ GOFFI, T., “Conversión”, em *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, Fiore, S. De, Goffi, T. (dirs.), Paulinas, Madrid 1991, 356.

¹⁷ “La conversión no es solo un acontecimiento sino un largo proceso al nivel profundo del conocimiento interno”. Cf. PARMANANDA P. DIVARKAR., “La transformación del yo y la experiencia espiritual: El enfoque ignaciano a la luz de otros modelos antropológicos”, em *Psicología e ejercicios ignacianos I* (ALEMANY, C. / GARCÍA – MONGE, A, J., eds.), Mensajero – Sal Terrae, Bilbao – Santander, 1992, 23 - 34.

companheiros de Inácio em saber “*el modo cómo el Señor le había dirigido desde el comienzo de su conversión*”¹⁸. Também é fruto da feliz insistência dos companheiros em recordar a S. Inácio que “*en ninguna cosa podía el Padre hacer más bien a la Compañía (...) y que esto era fundar verdaderamente la Compañía*”¹⁹.

O confidente escolhido por S. Inácio para escutar e escrever o relato da sua vida foi o P. Luis Gonçalves da Câmara que escutou as confidências do Santo em três períodos: agosto de 1553, março de 1555, setembro e outubro de 1555, muito próximo dos últimos anos de vida de Santo Inácio que morre em julho de 1556²⁰. Com isso encontramos neste importante escrito a principal fonte autobiográfica²¹ sobre a vida de Santo Inácio por ele mesmo interpretada com os olhos de Deus.

Sobre o estilo e a construção do texto inaciano surgem dúvidas se realmente podemos considerá-lo como uma autobiografia. A cerca deste ponto nos esclarece Rambla: “*(...) puede afirmarse que el relato ignaciano no es una autobiografía en sentido estricto, ya que no pretende narrar su vida, sino cómo Dios le guió desde su conversión*”²². Assim, sem negar a dimensão histórica deste documento, queremos ressaltar principalmente a sua força espiritual e mistagógica que abre caminhos para que muitos outros busquem e encontrem a vontade de Deus na experiência mística de Santo Inácio.

São muitos os títulos dados a este escrito inaciano em distintas línguas como “*hechos (Acta), testamento, confesiones, memorias, relación del peregrino*”²³ e mais atualmente autobiografia²⁴. Neste trabalho ganha força a identificação de Santo Inácio como “Peregrino” pela íntima relação entre a peregrinação interior e os muitos lugares

¹⁸ “Prólogo del P. Nadal”, em *Obras*, 23 n.2.

¹⁹ “Prólogo del P. Câmara”, em *Obras*, 25 n. 4.

²⁰ RAMBLA, J. M^a., “Autobiografía”, em *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 197-201. Apesar de alguns erros cronológicos presentes na autobiografia (a data de sua ferida em Pamplona é de 1521 e Santo Inácio tinha 26 anos (*Au* 1), podemos supor que ele nasceu em 1495. No entanto, ao narrar a iluminação do Cardoner em 1555 ele tinha 62 ANOS (*Au* 30), com isso muda a data do seu nascimento para o ano de 1493). Depois de muitas investigações dos estudiosos podemos considerar o nascimento de Santo Inácio em 1491 e sua morte em 1556.

²¹ Importantes fontes biográficas escritas pelos primeiros companheiros Cf. DALMASES, C., “Autobiografía” em *Obras*, 5: Vida de San Ignacio por Ribadaneira (*FN* IV, 3-52); carta de Láinez desde Trento em 16 de junio de 1547, considerada como la primera vida de San Ignacio (*FN* I, 54-145); esbozo de la historia del origen y primeros progresos de la Compañía escrito por Polanco entre 1547 y 1548 (*FN* I, 146-256).

²² Cf. RAMBLA, J. M^a., “Autobiografía”, em *DEI* I, 199.

²³ Cf. DALMASES, C., “Introducción Autobiografía”, em *Obras*, 4.

²⁴ “Así empezó a llamarse por lo menos a partir de 1900 en la ed. Inglesa de J. F. X. O’Connor”. *Ibid.* n.9.

por onde Santo Inácio caminhou no tempo de sua conversão. Neste sentido poderíamos chama-la de “relato de um peregrino”, pois, muito precisou caminhar até deixar-se guiar totalmente pelo Espírito.

Os principais objetivos para escrever a Autobiografia foram o importante significado da vida de Santo Inácio e a relação com a fundação da Companhia de Jesus. Estes dois aspectos de um mesmo objetivo lançam luzes para compreender como o processo de conversão de Santo Inácio dão frutos de reconciliação em sua vida e posteriormente na missão da Companhia de Jesus.

1.1 *Santo Inácio: tempo e lugar*

Tempo e lugar são duas coordenadas básicas para uma aproximação da figura inaciana. Santo Inácio foi um homem de seu tempo que nasceu e viveu em determinados contextos históricos, sociais, religiosos, familiares. O mundo social, afetivo e interior de Santo Inácio é alcançado por Deus em sua totalidade: “*La invitación e inspiración personal de la acción de Dios y su situación histórica y cultural se relacionan íntimamente*”²⁵. Por isso, vamos considerar os contextos de Santo Inácio recolhendo alguns pontos significativos do seu itinerário humano e espiritual.

Alguns dados cronológicos²⁶ da vida de Inácio, antes e depois da sua conversão em Loyola, poderão ser úteis para acompanhar melhor a reflexão que será desenvolvida neste capítulo.

Ele nasce em Loyola no ano de 1491. Depois de outubro de 1505 vai a Arévalo como familiar de Juan Velázquez²⁷ de Cuélleronde onde teve alguns anos de formação castelhana. A morte de Velázquez em 1517 provocou a primeira mudança de Inácio desde que havia chegado em Arévalo. Neste mesmo ano começa a servir como cavaleiro a Antônio Manrique de Lara²⁸ em Nájera. Em maio de 1521 contribui na pacificação de

²⁵ GARCÍA MATEO. R., *Ignacio de Loyola, su espiritualidad y su mundo cultural*, Mensajero – Bilbao 2000, 11.

²⁶ La cronología de SAN Ignacio es (...) guía orientadora para la interpretación de los hechos aducidos en los escritos del Santo, sobre todo en la Autobiografía y Epistolario (...) muchos de los datos se han podido precisar gracias a ellos. “Cronología de San Ignacio”, em *Obras*, LVX – LXXIX.

²⁷ Contador maior do rei Fernando o Católico.

²⁸ Duque de Nájera e vice rei de Navarra.

Guipúzcoa onde é enviado para reconciliar as divisões²⁹ nesta vila. Depois segue para Pamplona e impede a rendição da fortaleza. No dia 20 de maio de 1521 é ferido na perna direita defendendo o castelo. Gravemente ferido é levado para Loyola e recebe os últimos sacramentos. Em 28 de junho começa a sentir-se melhor. Sua convalescência coincide com a sua conversão e em 1522 se põe a caminhar como peregrino para Jerusalém. No caminho viveu experiências de transformação radical da sua vida que iluminará toda a sua caminhada até o dia da sua morte em 31 de julho de 1556.

1.1.1 Sua terra: o barro

Loyola significa “*abundancia de barro*”³⁰ e ficou universalmente conhecida por ser a terra onde Santo Inácio nasceu e se converteu. Podemos nos aproximar da vida de Santo Inácio pelo próprio significado da palavra Loyola que nos remete ao “barro” de suas origens e simbolicamente ao cuidadoso processo de modelagem do barro nas mãos do oleiro que S. Inácio viverá. A experiência de conversão de Santo Inácio só foi possível, porque ele deixou-se modelar por Deus: “*Señor, tú eres nuestro Padre, nosotros somos la arcilla y tú el alfarero, somos todos obras de tu manos*” [Is 64, 7].

Na antropologia bíblica o ser humano é barro modelado por seu Criador como afirma a narrativa de *Gn 2, 7* que o “Senhor modelou o ser humano com argila da terra, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o ser humano se tornou um ser vivente”. Desde aqui podemos fazer uma analogia com antropologia inaciana presente no “Princípio e Fundamento”: “*El hombre es criado para alabar, hacer reverencia y servir a Dios nuestro Señor y mediante esto salvar su ánima*” [Ej. 23]. Ambas antropologias colocam o ser humano com uma finalidade e esta é a relação com Deus que gera a vida, o serviço, e não o pecado e o fechamento.

Sabemos também que Santo Inácio viveu momentos importantes em Loyola como a sua infância e início da sua adolescência; sua recuperação da ferida adquirida na guerra de Pamplona e sua conversão, e finalmente em 1535 quando vive no Hospital Magdalena e assume alguns ministérios de evangelização e ajuda aos pobres.

²⁹ Intervenção de Inácio para pacificar a discórdia que dividia as vilas de Guipúzcoa. (FN. I, 156).

³⁰ “Loi significa em vasco ‘barro’, ola se toma como simple sufijo locativo”. Cf. COUPEAU, C. / GARCÍA MATEO, R., “Loyola” em *DEI* II, 1143-1149.

Veremos que neste caminho de transformação Santo Inácio vai encontrar o sentido último da sua vida em seu *Criador e Senhor* que desde Loyola vem ao seu encontro, doa o dom do discernimento e o motiva a imitar e seguir a Jesus Cristo. A frágil humanidade de Santo Inácio de Loyola sem a abertura a ação transformadora da graça de Deus poderia levá-lo a uma autoreferencialidade que bloquearia a conversão e conseqüentemente a reconciliação consigo mesmo e com Deus.

1.1.2 Sua família³¹: a aliança matrimonial

Um acontecimento particular dos parentes maiores de Santo Inácio faz uma relação interessante com o tema da reconciliação. Trata-se do matrimônio dos seus avós Juan Pérez de Loyola y de Sancha Pérez de Iraeta que pertenciam a famílias historicamente divididas pelos conflitos que marcavam a região Vasca: *“El enfretamiento entre oñacinos y gamboínos es, por tanto, a las luchas entre los diversos sectores (...) durante los siglos XIV y XV”*³².

Mas, em meio a este conflito, Juan Péres de Loyola casa com uma mulher de família historicamente inimiga dos Oñaz: *“Como el amor no conoce fronteras luego se casó con Doña Sancha, una gamboina de la casa de Iraeta. Ella le dio a Beltrán, el futuro padre de Iñigo (...)”*³³. Este foi um fecundo sinal de paz, pela aliança de amor matrimonial, que marcou uma experiência de reconciliação entre clãs.

Desta árvore genealógica nasceria S. Inácio anos mais tarde. Como na aliança matrimonial de seus avós paternos, ele precisou da força do amor para superar conflitos, manter fidelidade a sua aliança com Deus e responder aos apelos de reconciliação que ultrapassou as fronteiras familiares.

³¹ “La familia Loyola era de las más distinguidas de Guipúzcoa. Fueron los padres de Iñigo Beltrán Yáñez y Olaz de Loyola y Dña. Marina Sáez (Sánchez) de Licona. El abuelo paterno de Ignacio, Juan Pérez de Loyola deja a su hijo Beltrán con ocasión del casamiento de éste con Dña. Marina el solar de Loyola (...)” Cf. ALBURQUERQUE, A., *Diego Laínez, S. J. Primer biógrafo de San Ignacio*, Mensajero - Sal Terrae, Bilbao 2005, 127 nota. 14.

³² GARCÍA MATEO, R., 28.

³³ TELLECHEA, J., *Ignacio de Loyola - Solo y a pie*, Sígueme, Salamanca 1990, 50.

1.1.3 Sua casa: uma fortaleza reconstruída

Filho de Beltrán Yáñez de Oñaz y Loyola e Marina Sánchez de Licona, Inácio foi o menor de muitos irmãos e nasceu na “Casa Torre” da família Loyola, que foi uma fortaleza para os tempos de conflitos: *“Más tarde, fue parcialmente derruida y tuvo que ser reconstruida con ladrillo. Se convirtió de este modo en testigo mudo de aquella transición hacia la paz (...)”*³⁴.

A imagem de uma fortaleza destruída e depois reconstruída, onde nasceria Inácio para o mundo (1491) e para Deus (1521), evoca alguns traços da fortaleza do próprio Inácio antes de ser ferido em Pamplona. Assim escreveu o P. Polanco: *“(...) era de su persona ser recio y valiente, y más aún animoso para acometer grandes cosas”*³⁵.

O processo de conversão reconstrói a vida pecadora de S. Inácio sustentada na misericórdia de Deus. Suas potencialidades serão pouco a pouco ordenadas para Àquele que o continuará sustentando no novo caminho de busca da vontade de Deus para a sua vida.

2. S. Inácio antes da conversão: Rupturas que mudam o caminho

O caminho de conversão de Inácio foi marcado essencialmente pela ruptura física sofrida em Pamplona no ano de 1521. Foi a partir dela que se irrompeu em Loyola um profundo processo humano e existencial capaz de transformar radicalmente sua vida. Sem esta experiência de dor, incertezas e buscas de sentido, que costuma ser presente no itinerário de conversão, S. Inácio poderia ter tomado caminhos bem diferentes.

Os elementos da vida de Inácio apresentados até aqui convidam a uma mirada para alguns momentos de rupturas vividos por ele antes da sua conversão e que são importantes para entendermos melhor a sua história.

³⁴ COUPEAU, J., GARCÍA MATEO, R., “Loyola”, em *DEI*, 1143-1149.

³⁵ POLANCO, J., “Sumario de las cosas más notables que a la institución y progreso de la Compañía de Jesús tocan”, *FNI* 146 – 256, 154.

A *Autobiografía* começa com a seguinte referência: “*Hasta los veintiséis años de su edad fue hombre dado a las vanidades del mundo, y principalmente se deleitaba en el ejercicio de armas, con un grande y vano deseo de ganar honra...*” [Au. 1]. Nestas poucas palavras sobre a vida passada de Santo Inácio se encontram elementos suficientes para intuir a profunda conversão que ele necessitava viver nas várias dimensões da sua vida.

2.1 Juventude

As fontes inacianas falam muito pouco sobre a infância e juventude de Santo Inácio. Recolhemos alguns poucos relatos que vão em sintonia com no número 1 de sua *Autobiografía*. Assim escreve o P. Laínez: “*quanto a la natura, era, aun en el mundo, ingenioso y prudente y animoso y ardiente e inclinado a armas y a otras travessuras*”³⁶. Outro testemunho importante sobre Santo Inácio antes da sua conversão vem do P. Polanco: “*Hasta este tempo, aunque era aficionado a la fe, no vivía nada conforme a ella, ni se guardaba de pecados, antes era especialmente travieso en juegos y en cosas de mujeres, y en revueltas y cosas de armas*”³⁷.

Neste contexto de chamada à conversão e de reconciliação consigo mesmo e com Deus, algumas palavras destas fontes ganham força: vaidades do mundo, deleite de armas, vangloria e travessuras com jogos e mulheres. E como ressalta P. Polanco, Inácio não vivia conforme a fé, ao contrário, se expunha ao pecado. No processo de conversão estas experiências que marcam a vida afetiva de Santo Inácio “*van progressivamente desplazando los polos de interés y atracción que hasta entoces habían predominado en su vida*”³⁸ em vista da configuração a Cristo.

Além de outras possíveis rupturas que Inácio pôde ter experimentado em sua infância e juventude destacamos o conflito pessoal desencadeado pela morte de seu protetor Juan Velázquez. O jovem Inácio teve que deixar para trás seu mundo cortezão para abraçar o serviço das armas. “*Sin duda que o fracaso ruidoso de sus señores, le hace*

³⁶ LAÍNEZ, D., “Epistola P. Lainii”, *FNI* 54 – 145, 72.

³⁷ *FNI* 146 – 256, 154.

³⁸ DOMÍNGUEZ MORANO, C., “Ignacio de Loyola a la luz del psicoanálisis”, *Proyección* 53 (2006) 25-56.

reflexionar sobre su propio fracaso”³⁹. Para alguns autores, como recorda o P. Dalmases, este momento foi uma grande mudança da vida mundana para uma vida mais séria⁴⁰.

Talvez esta ruptura tenha sido uma primeira conversão do ponto de vista existencial, onde S. Inácio, de tão pouco contato com sua família nuclear e sempre protegido por outros, se colocou a inevitável pergunta sobre o projeto de vida. Estas rupturas podem preparar o ser humano para decisões importantes em sua história.

2.2 Traços da personalidade de Inácio

Embora não seja possível neste trabalho relacionar o processo de conversão com a psicologia. Consideramos importante nos aproximar de alguns traços da personalidade de S. Inácio apresentados na *Autobiografía*. Por exemplo, “*su ánimo y esfuerzo*” [Au 1] para defender Pamplona contra o desânimo e a fraqueza dos demais. Junte-se a isso uma grande coragem e fidelidade ao seu senhor. Ao se confessar antes da batalha e a sua devoção a São Pedro [Au 1] são sinais que revelam sua fé, ainda que pouco amadurecida. Em muitas circunstâncias se mostra um homem com força de vontade e disposto a dar sua vida por uma causa. Suas grandes aspirações o fazia sonhar muito alto. Inácio estava determinado a tudo para “*seguir el mundo*” [Au 4]. Mas, tudo “*con un gran deseo de ganar honra*” [Au 1].

Sua vaidade, o deleite no exercício das armas e um grande e vão desejo de ganhar honras marcaram fortemente a personalidade de Inácio antes de ser ferido em Pamplona e travaram com eles grandes batalhas em seu processo de conversão.

Sobre sua vaidade, conta por exemplo o P. Ribadaneira em su *Vita Ignatii Loyolae*: “*Era entonces Ignacio moço loçano y polido, y muy amigo de galas y de traerse bien; y tenía propósito de llevar adelante los ejercicios de la guerra que avía començado*”⁴¹. E nos remete a um Inácio disposto a sofrer dores ainda maiores das quais já havia passado, para ter a melhor aparência possível de suas pernas: “*Y todavía él se determinó*

³⁹ ROLDAN, A., *San Ignacio de Loyola a luz de la tipología*, Centrum Ignatianum Apiritualitatis, Roma 1980, 42.

⁴⁰ DALMASES, C., “Introducción Autobiografía”, em *Obras*, 12.

⁴¹ RIBADENEYRA, P., “Vita Ignatii Loyolae”, *FN IV* 79 – 900, 85.

martirizarse por su propio gusto” [Au 4] para continuar a todo custo alimentando o seu ego e as grandes aspirações que dominavam seu coração.

As sequelas físicas deixadas em Inácio depois das terríveis cirurgias não foram impedimentos para que este jovem sonhador nutrisse vaidosas aspirações pela dona inalcançável dos seus pensamentos. Das muitas coisas que aspiravam, esta em especial *“tenía tanto poseído su corazón, que se estaba luego embebido en pensar en ella (...)*”⁴² [Au 6] por muchas horas. *“Y ya estaba con esto tan envanecido, que no miraba cuán imposible era poderlo alcanzar (...)*” [Au 6]. Para uma autêntica conversão S. Inácio precisará mudar sua mirada e seu coração.

O P. Polanco recorda outro importante traço da personalidade de Inácio ao descrever sobre sua permanência na fortaleza de Pamplona enquanto a maioria se rendia, pois: *“avergonzándose de salir, porque no pareciese huir (...) entró delante de los que se iban en la fortaleza para defenderla con pocos que en ella estaban (...) Iñigo dió por parecer que en ninguna manera, sino que le defendiesen o muriesen*”⁴³. S. Inácio não só permaneceu na fortaleza de Pamplona para defendê-la contra os franceses, mas, ele mesmo se sentia uma fortaleza sustentada em suas próprias forças. Parece já evidente que a principal luta de S. Inácio em seu processo de conversão será com ele mesmo.

Identificar a dinâmica de alguns traços da personalidade de Inácio ajuda na compreensão do longo e difícil caminho que ele precisará percorrer. Não se trata de dar voltas em suas qualidades e limitações, mas, ao contrário, perceber o salto qualitativo que elas podem dar para uma vida mais reconciliada.

“Ese narcisismo, que de modo tan central vertebró la personalidad de Iñigo, va a desempeñar, no obstante, un papel de relevancia en el proceso que le llevará a convertirse en el místico Ignacio”⁴⁴. Este processo são normalmente acompanhados por momentos de rupturas ou crises que podem fecundar profundamente a vida do ser humano como fecundou a de Santo Inácio.

⁴² “Cuál fue la dama de los pensamientos de Iñigo convaleciente, no se ha podido descubrir con certeza. Las hipótesis hasta hoy propuestas se reducen a estas tres principales: D^a Germana de Foix, sobrina de Luiz XII de Francia y segunda esposa de Fernando el Católico (...), Catalina, hermana de Carlos V (...), Leonor, hermana mayor del emperador y de Catalina (...). Cf. “Autobiografía”, en *Obras*, 30-31 n. 7.

⁴³ FNI 146 – 256, 155.

⁴⁴ ELORRIAGA, F., “Las heridas en la vida de san Ignacio: un largo camino hacia la alteridad de Dios”, *Manresa* 85 (2013) 125-135.

2.3 Crises Fecundas

Do ponto de vista da reconciliação a crise pode ser uma ruptura, um processo interrompido que tira a paz e a normalidade. Uma vez que o ser humano passa por essa experiência sente a necessidade de superá-las para encontrar a paz perdida. São também oportunidades para dar novo sentido a existência. Nos momentos de crise o ser humano busca novas possibilidades e dar um salto para a conversão e para a reconciliação, pois percebe que a salvação está para além de si mesmo. As crises fecundas podem ajudar a descobrir o novo e as novas etapas da vida que surpreendentemente se abrem para que a pessoa possa prosseguir ordenada ao seu fim.

No ciclo natural da vida, a origem e o fim, são duas grandes crises essenciais que todo ser humano passa. O que se dá no caminho entre a vida e a morte são rupturas que apontam para constantes processos de reconciliações que o ser humano vai experimentando sempre em vista daquela reconciliação definitiva com Deus⁴⁵. Na vida de Santo Inácio vamos encontrar um modelo de conversão e reconciliação, pois, ele mesmo “*conoció en su própria carne desasosiegos personales y tensiones sociales sin limites*”⁴⁶ e soube tirar proveito destas situações.

Os Evangelhos estão cheios de testemunhos de pessoas que viveram crises profundas e foram capazes de dar um salto de qualidade humanas e espirituais em suas vidas. Por exemplo, a narrativa da negação de Pedro⁴⁷ [Jo 18, 17-27] que deixando-se levar por seu eu desordenado é ferido em si mesmo e humanamente rompe sua relação com o seu Mestre e Senhor. Naquele momento acontece uma ruptura, um ciclo de esperança é interrompido, um incômodo quase que insuportável acompanhará a Pedro até que se inicie um autêntico processo de reconciliação. Este caminho que necessariamente passa pela cruz culminará na clássica confissão do amor de Pedro ao Cristo Ressuscitado [Jo 21, 15-22] que definitivamente o reenvia para a missão de apascentar e reconciliar as ovelhas.

⁴⁵ “En la espiritualidad ignaciana la reconciliación no es un estado sino un horizonte escatológico; el hecho de “reconciliar” no es una práctica sino la mediación de un don”. Cf. COUPEAU, J., “Reconciliación”, em *DEI* II, 1534-1538.

⁴⁶THIÓ, S., “Ignacio: de la humanidad a la pacificación”, *Manresa* 303 (2005) 125-135.

⁴⁷ O capítulo 18 e 21 do Evangelho de João estão relacionados pela dinâmica de negação e confissão de amor que do processo de conversão do discípulo. Somente depois da experiência da acolhida amorosa do perdão que Pedro é confirmado e enviado em missão pelo Ressuscitado.

O P. Javier Melloni sintetiza muito bem a experiência de rupturas e crises experimentadas por Jesus, pelos discípulos e por Inácio; e a força de sua transformação quando vividas à luz do Mistério de Deus:

“El verdadero maestro es el que conduce al discípulo sin concesiones por este camino, para que realmente alcance el despertar, tal como sólo hay resurrección tras la muerte. El paso por la Pasión fue la crisis de Jesús y también de los discípulos. Sólo dejando caer sus expectativas mesiánicas pudieron acceder al Cristo revelado, no proyectado. También San Ignacio tuvo que ser herido para que cambiara radicalmente el rumbo de su vida. Sin fractura (que en su caso fue literal) no hubiera puesto en cuestión su pasado ni hubiera cambiado de camino”.⁴⁸

3. Caminhos de Conversão

“Y así, cayendo él (...)” [Au 1] diante da bala de canhão, Inácio se encontra ferido em Pamplona. Depara-se com o seu aparente fracasso, pois a bala atinge suas pernas e coloca sombras em suas grandes aspirações. Estar destroçado por dentro e por fora, sem a segurança das cortes, da força das armas, sem a sua dama e com a estranha sensação de estar diante da morte. Carregado pelos franceses, ele poderia ter pensado que o controle de sua vida estava escapando de suas mãos.

De volta a Loyola precisou de um tempo para retomar a saúde e reaprender a caminhar. Um tempo que favoreceu a leitura de livros nunca lidos e a consciência de seu mundo interior. Diante da sua realidade humana ele buscou as forças necessárias para recomeçar e encontrou novos desejos que abriram caminhos para o seu processo de conversão.

Era também preciso cuidar da perna que passou por complexas operações: *“juzgaron que la pirna se debía otra vez desconcertar, y ponerse outra vez los huesos en sus lugares”* [Au 1]. Desconcertar para concertar também foram operações necessárias que Inácio viveu em sua transformação interior. Esta mudança integral foi acompanhada

⁴⁸ MELLONI, J., “Las crisis como categoría antropológica y espiritual”, *Manresa* 85 (2013) 113-123.

de conflitos, descobertas, decisões que o conduzia sempre mais na busca da vontade de Deus.

3.1 Loyola: Início de um longo caminho

“*Nuestro Señor le fue dando salud*” [Au 5] e Inácio já se sentia quase que completamente recuperado, faltava apenas sustentar a perna para caminhar. Agora o Senhor cuidará de ajudar no processo de cura mais importante e talvez mais difícil, que é a sua reconciliação interior. Nesta primeira etapa iremos acompanhar a experiência de Deus que Inácio viveu em Loyola.

- Novas leituras

Em sua convalescência Inácio desejou ler livros “*mundanos y falsos*” [Au 5]. Eram livros de *Amadís de Gulay de semejantes libros* [Au 17] que narravam histórias que coincidiam com o seu mundo e com a formação que havia recebido até este momento. “*Más en aquella casa no se halló ninguno de los que él solía leer, y así le dieron un Vita Christi y un libro de la vida de los santos*”⁴⁹ [Au 5]. Santo Inácio vai confrontar os modelos de vida apresentados nos livros sobre Amadís de Gaula⁵⁰ que costumava ler, com a vida de Cristo e dos santos que encontrará em suas novas leituras.

Neste momento de sua vida S. Inácio dispõe de tempo para ler e olhar com mais atenção para dentro de si. Um olhar mais demorado e acompanhado da surpresa de ir encontrando algumas verdades sobre si mesmo. Ler os livros que estavam ao seu alcance foi um fundamental passo no processo de conversão de Santo Inácio.

As novas leituras faziam Inácio vislumbrar novos horizontes e despertavam pensamentos referentes a que modelo de vida seguir. Pela primeira ele se dava conta de que sua vida poderia ser diferente daquela construída até seus 26 anos. Em vez de ser cavaleiro, poderia ser um santo de grandes façanhas heroicas. E se permitiu pensar em servir a um grande Rei e imitar os feitos heroicos dos santos: “*Santo Domingo hizo esto;*

⁴⁹ “Los libros que leyó San Ignacio durante su convalecencia fueron la Vida de Cristo escrita por el cartujo Ludolfo de Sajonia (+ 1377), vulgarmente llamado “el cartujano” (...). El libro de vida de santos que leyó san Ignacio fue una traducción de la Legenda aurea del dominico Jacobo de Vorágine”. Cf. DALMASES, C., “Introducción Autobiografía”, en *Obras*, 30 nt. 5.

⁵⁰ “Y como tenía el entendimiento lleno de aquellas cosas, Amadís de Gaula (...)”. (Au 17).

pues yo lo tengo de hacer. San Francisco hizo esto; pues yo lo tengo de hacer” [Au 7]. Na imitação dos santos, mais do que um sentido puramente religioso, neste momento Inácio queria tentar demonstrar sua capacidade de segui-los e até de superá-los. Seus pensamentos eram sempre marcados por suas antigas aspirações, mas, que ativaram novos desejos em seu interior. Até aqui faz Inácio um caminho interessante com as leituras, que provocam novos pensamentos e sentimentos.

- Movimento dos espíritos

Marcado fortemente pelo seu mundo antes da conversão, Inácio visita o seu passado e sente alegrias momentâneas com seus ideais mundanas. Mas, também suas novas leituras sobre Jesus e os santos o faziam imaginar “*consolando a hombres tristes, pacificando lugares divididos y sanando cuerpos heridos*”⁵¹. Estes novos pensamentos⁵² de um Inácio chamado a consolar, pacificar e curar, em última palavra reconciliar, o enchia de alegria duradora e foram decisivos para o seu processo de conversão.

A reconciliação está intimamente relacionada com as relações que o ser humano constrói em sua vida, pois, somos seres abertos e em constante relação. Em seu processo de conversão, Inácio percebe que dentro dele existem pensamentos [Ej 32]⁵³ que o move, afeta e se relacionam com a sua vida:

“Mas no miraba en ello, ni paraba a ponderar esta diferencia, hasta en tanto que una vez se le abrieron un poco los ojos, y empezó a maravillarse de esta diversidad y a hacer reflexión sobre ella, cogiendo por experiencia que de unos pensamientos quedaba triste y de otros alegres, y poco a poco viniendo a conocer la diversidad de los espíritus que se agitaban, el uno del demonio, y el otro de Dios” [Au 8].

“Abrir um pouco os olhos” é uma experiência fundamental que consiste “*en el lúcido caer en la cuenta del estado compartido de su ánimo*”⁵⁴. A partir de sua própria experiência Inácio toma consciência de que no seu interior habita uma diversidade de espíritos, que eles são opostos e tem uma intencionalidade. “*(...) propio es del mal espíritu morder, tristar y poner impedimentos, inquietando con falsas razones para que no se*

⁵¹ RODRÍGUEZ OLAIZOLA, J., *Ignacio de Loyola, nunca solo*, San Pablo, Madrid 2006, 36.

⁵² São pensamentos que falavam de uma realidade pessoal, mas, que também apontavam para outras realidades que estavam fora de si mesmo.

⁵³ “Presupongo ser tres pensamientos en mí, es a saber, uno propio mío, el cual sale de mi mera libertad y querer, y otros dos, que vienen de fuera: el uno que viene del buen espíritu, y el otro del malo”.

⁵⁴ GARCÍA DE CASTRO, J., “El lento camino de la lúcida entrega”, *Manresa* 73 (2001) 333-355.

passee adelante; y propio del bueno dar ánimo y fuerzas, consolaciones, lágrimas, inspiraciones y quietud” [Ej 315]. Esta nova descoberta leva Inácio a se perguntar que espírito conduziu a sua vida até este momento.

A difícil tarefa a partir de agora será em estar atento as *moções*⁵⁵ para reconstruir a vida desde a condução do bom Espírito que facilita e tira “*todos impedimento para que en el bien obrar proceda adelante*” [Ej 315]. “*Ignacio comienza a interpretar su mundo interno desde esta clave hermenéutica de consolación-desolación*⁵⁶, y esta dualidad se convirtió para él en criterio para la búsqueda de la voluntad de Dios”⁵⁷.

O movimento do mau espírito levava a Inácio para suas conhecidas histórias do passado. Voltar a este passado na dinâmica do mau espírito, significa fechar-se em si mesmo e não enxergar nada para além do seu eu não reconciliado. Ou, querer avançar sem deixar para trás as vontades fortemente centradas em si mesmo. De modo totalmente contrário age o bom espírito, que descentraliza o ser humano e o impulsiona para Deus.

Esta experiência de Inácio vivida em Loyola no início de sua conversão colocam as bases para o discernimento inaciano⁵⁸ dando luzes a um processo de discernimento que ajuda na conversão do ser humano. A síntese desta primordial experiência é sentir o movimento dos espíritos que brotam dos seus pensamentos e sentimentos; e discernir que espírito o move e para onde. Inácio vai reconciliando o seu interior quando se abre um pouco os olhos, sente e discerne as moções.

- Outros sinais de conversão

Além desta fundamental experiência de discernimento seguem outras experiências em Loyola marcadas pela consolação e pelos efeitos de sua conversão:

A experiência da visitação de Nossa Senhora confirma que a graça de Deus alcança a vida de Inácio muito além do que ele esperava:

“estando una noche despierto, vio claramente una imagen de nuestra Señora con el santo Niño Jesús, con cuya vista por espacio notable recibió consolación muy excessiva, y quedó com tanto asco de toda la vida pasada, y especialmente de cosas de

⁵⁵ A partir da experiência de Inácio podemos classificar como movimentos internos que impulsionam para algo.

⁵⁶ Consolação (Ej 316), desolação (Ej 317).

⁵⁷ GARCÍA DE CASTRO, J., “Moción” em *DEI*, 1265-1268.

⁵⁸ *Ej* 314-336.

carne, que le parecía haberle quitado del ánimo todas las especies que antes tenía en ella pintadas” [Au 10].

O profundo efeito desta experiência consoladora só podia ser de Deus. Uma experiência mística só é válida quando acompanhada de efeitos positivos e duradores que podem mudar para sempre a vida do sujeito.

A mesma família Loyola se dava conta da força reconciliadora que alcançou Inácio no início de sua conversão, pois, *“fueron conociendo por lo exterior la mudanza que se había hecho en su ánimo interiormente” [Au 10].* As conversas que o próprio Inácio convalescente nutria com seus familiares deixa escapar em palavras a obra que Deus realizava em seu interior: *“Y el tempo que con los de casa conversaba, todo lo gastaba en cosas de Dios, con lo cual hacía provecho a sus ánimas” [Au 11].* Deixando claro para seus familiares alguns sinais de sua mudança.

Por fim vale notar neste itinerário de Loyola uma experiência de consolação que se estende a criação e conecta Inácio com o seu Criador e Senhor a quem desejava servir: *“Y la mayor consolación que recibía era mirar el cielo y las estrellas, lo cual hacía muchas veces y por mucho espacio, porque con aquello sentía en sí un muy grande esfuerzo para servir a nuestro Señor” [Au 11].* Tal consolação brota da mirada atenta para a realidade que de alguma maneira já incorpora a criação e a dimensão do serviço a Deus neste processo de conversão.

Todas estas experiências dão prova do autêntico processo de transformação vivido por Inácio em Loyola que está resumido em uma frase na Capela da Conversão⁵⁹: *“Aquí se entregó a Dios Iñigo de Loyola”.*

3.2 Peregrino e Penitente: De Loyola a Manresa

Com o aprendizado espiritual sobre o discernimento dos espíritos, S. Inácio percebe que por muitas vezes deixou-se guiar pelo mal espírito e que muitas das suas decisões estavam orientadas por suas afeições desordenadas. O modo que encontrou o

⁵⁹ Quarto onde viveu Inácio sua convalescência e as primeiras experiências místicas do seu processo de conversão. Hoje transformado em Capela da Conversão na Casa Torre em Loyola.

recém convertido S. Inácio, desde a sua estrutura como pessoa, para se reconciliar com Deus e consigo mesmo foi peregrinar e fazer penitência.

“Comenzó a pensar más de veras en su vida pasada, y en cuánta necesidad tenía de hacer penitencia della (...) Mas, todo lo que deseaba de hacer, luego como sanase, era la ida de Jerusalén (...) [Au 9].

Ele se aventura heroicamente no desafio de imitar a Jesus e os santos sem ainda ter enraizado uma experiência religiosa de Deus e sem estar de todo conectado com o seu “Princípio e Fundamento”. Antes que servir a Dios, S. Inácio buscava transformar-se a si mesmo. Isto parece motivar o seu desejo de mudança. A conversão e unir-se a Deus foi a pauta do ambicioso projeto traçado perfeitamente por Inácio como uma estratégia de guerra para vencer o pecado.

Inácio queria viver de uma só vez e com toda sua força todo o contrário da sua vida antes da conversão. Por isso, peregrina para Jerusalém *“con tantas disciplinas y tantas abstinencias” [Au 11]. “Y así, cuando se acordaba de hacer alguna penitencia que hicieron los santos, proponía de hacer la misma y aún más” [Au 14].* É com este “ânimo generoso, incendiado de Deus” que parte Inácio como peregrino e penitente para Jerusalém.

3.2.1 Monserrat: Peregrino de si e de Deus

A primeira parada de conotação espiritual desta peregrinação acontece antes de chegar a Monserrat, no santuário de Nossa Senhora de Aránzazu⁶⁰. Neste local Santo Inácio faz uma vigília e escreve sobre esta experiência em carta a São Francisco de Borja: *“Y de mí os puedo decir que tengo particular causa para la desear; porque cuando Dios N. S. me hizo merced para que yo hiciese alguna mutación de mi vida, me acuerdo haber recibido algún provecho en mi ánima velando en el cuerpo de aquella iglesia de noche”⁶¹.*

⁶⁰ Santuario a Santíssima Virgem cerca de Oñate-Espanha.

⁶¹ IGNACIO DE LOYOLA., “Epistolae et instrucciones”, *Epp VII* 422 – 423, 422.

É provável que, como faz notar Laínez, nesta noite tenha feito um voto de castidade: *“Y porque tenía más miedo de ser vencido en lo que toca a la castidad que en otras cosas, hizo en el camino voto de castidad, y esto a nuestra Señora, a la cual tenía especial devoción”*⁶². Com as forças renovadas ele seguirá o caminho.

O *“Peregrino”*⁶³ se encontra com um moro no caminho. Neste encontro trataram assuntos de fé sobre a virgindade de Maria. Não podendo convencer ao moro com suas ideias, *“le venieron unas mociones que hacían en su ánimo descontentamiento (...) le causan indignación contra el moro, pareciéndole que había hecho mal en consentir que un moro dijese tales cosas de nuestra Señora, y que era obligado a volver por su honra”* [Au 15]. Inácio queria manter a honra defendendo a sua nova Dama. E mais, queria *ir a buscar el moro y darles de puñaladas por lo que había dicho* [Au 15]. Ainda lhe faltava muito para ordenar seus impulsos mais básicos como o da agressividade.

Carregado das armas que defendiam sua fortaleza interior, segue Inácio para Monserrat. Antes quis *“comprar el vestido que determinaba de traer, con que había de ir a Jerusalén”* [Au 16]. É verdade que este novo caminho empreendido por Inácio exigia novas vestes, mas, tais vestes não podem ser compradas senão oferecidas pelo Pai misericordioso, depois do longo caminho percorrido pelo filho, como sucede no Evangelho de Lc 15⁶⁴ e em seu momento será também a experiência de Santo Inácio.

A vigília das armas, que aconteceu no Santuário de Monserrat, revelou elementos importantes do processo de conversão da vida de Inácio, pois, aí ele *“tenía determinado dejar sus vestidos y vestirse las armas de Cristo”* [Au 17]. Para isso, Inácio se preparou com oração e com uma confissão geral⁶⁵ por escrito *“y duró la confesión tres días”* [Au 17]. A oração e confissão são armas espirituais que pouco a pouco S. Inácio vai aprofundando e aprendendo a utilizar para vencer a si mesmo e abrir espaços em sua vida para Deus.

⁶² LAÍNEZ, D., “Epistola P. Lainii”, *FN I* 54 – 145, 74-76.

⁶³ Pela primeira vez na autobiografia Inácio se autodenomina como Peregrino.

⁶⁴ Parábola do Pai Misericordioso.

⁶⁵ La confesión de tres días incluye naturalmente el tiempo de examen personal y de oración, con la ayuda de los confesionales que se solían usar para preparar convenientemente una confesión que solía ser ordinariamente una vez al año. Esta confesión de Monserrat, puesto que no es la primera después de la conversión, tiene carácter de una profunda experiencia espiritual como la confesión que luego Ignacio propondrá en los Ejercicios Espirituales (*Ej.* 44). Cf. RAMBLA, J. M^o., *El peregrino, Autobiografía de San Ignacio de Loyola*, Mensajero-Sal Terrae, Madrid 2015, 59 n. 12.

Embora não tenha feito uma consagração de cavaleiro⁶⁶ segundo as tradições deste ofício em sua época e cultura, “*la vela de armas en Montserrat ante el altar de la Moreneta adquiere dentro de la vida de Ignacio un significado especial (...)*”. Vale ressaltar que passagem de Inácio por Monserrat vai muito além do aspecto cavaleiresco e devocional mariano. Seu vínculo com os monges beneditos e a espiritualidade que emanava deste lugar foi um passo importante no processo de transformação e crescimento espiritual de Inácio.

“*Sea con el Ejercitatorio y el Directorio o a través del Compendio*⁶⁷, *el peregrino entró en contacto con la escuela de García de Cisneros*”⁶⁸. Podemos ver claro estes elementos na confissão geral que o *Ejercitatorio* e o *Compendio* sugerem como primeira etapa da vida espiritual⁶⁹, a via purgativa⁷⁰, ou de purificação dos pecados que coincidia com a etapa de vida que estava vivendo Inácio neste período de Monserrat e logo seguirá em Manresa.

3.2.2 Manresa: alcançado pela misericórdia de Divina

Manresa é uma etapa determinante no processo de conversão de Santo Inácio. Nesta experiência veremos de modo mais explícito sua reconciliação consigo mesmo em um encontro mais profundo com sua verdade, e sua reconciliação com o Absoluto da sua vida por meio da acolhida do amor misericordioso de Deus.

O dom da misericórdia de Deus alcança Inácio e transforma a sua vida desde a raíz do seu pecado, que até aqui o acompanhou e influenciou em seu caminho. Pensava Inácio que somente com suas forças e com seu plano acético de santidade conseguiria mudar radicalmente a sua vida.

⁶⁶ “Al final de su formación (...) el paje era armado caballero. (...) La noche anterior se dedicaba a la vela de armas. (...) Se prescribe la limpieza del cuerpo y alma (...) la vela nocturna de oración. (...) El nuevo caballero prestaba juramento de proteger a la Iglesia, a las mujeres, a los huérfanos y a los oprimidos”. Cf. GARCÍA MATEO, R., “La formación castellana de Ignacio de Loyola y su espiritualidad”, *Manresa* 58 (1986) 375-383.

⁶⁷ *Ejercitatorio de vita espiritual* e o *Directorio de las horas canónicas* são as contribuições mais importantes de Cisneros para a história da espiritualidade.

⁶⁸ García Jiménez de Cisneros (1455-1510) Abad de Monserrat entre 1493 e 1510.

⁶⁹ Ver em MELLONI, J., *La mistagogía de los ejercicios*, Mensajero – Sal Terrae, Bilbao – Santander 2001, 158.

⁷⁰ Relacionada as três vias clássicas da vida espiritual: via purgativa, via iluminativa e via unitiva.

O seu projeto de ter que fazer o que fizeram os santos: *“Santo Domingo hizo esto; pues yo lo tengo de hacer. San Francisco hizo esto; pues yo lo tengo que hacer”* [Au 7], juntamente com o propósito de suas duras penitencias, foi colocado a prova em Manresa. Desta vez a fortaleza do seu mundo construído por Inácio a partir de sua auto referência será ferida radicalmente por Deus. Será justamente o descentramento provocado por esta dor existencial que levará a ele deixar-se reconciliar.

Vale ressaltar que esta experiência acontece dentro de um processo contínuo e progressivo de conversão. Começa em Loyola quando *“se le abrieron um poco los ojos”* [Au 8]. Como peregrino reconhece que sua alma *“aún estaba ciega (...) no mirando a cosa ninguna interior, ni sabiendo qué cosa era humana, ni caridade, ni paciencia, ni discreción para reglar ni medir estas virtudes”* [Au 14]. E em Manresa, no início da experiência, dizia ter um mesmo estado interior *“sin tener ningún conocimiento de cosas interiores espirituales”* [Au 20]. Ou seja, ainda faltava luzes em seu caminho que receberia essencialmente na Iluminação do Cardoner.

Para acompanhar com mais clareza este caminho de purificação vivido por Inácio, podemos dividir a experiência inicial de Manresa em dois momentos: O projeto penitencial de Inácio e o plano misericordioso de Deus.

Inácio tinha um projeto penitencial que continha tudo que ele acreditava ser o único e melhor caminho para conquistar a santidade: *“demandaba en Manresa lismosna a cada día. No comía carne, ni bebía vino (..)”* [Au 19]. Se determinou a deixar crescer o cabelo, as unhas dos pés e das mãos. Aumenta as penitências e as orações: *“perceveraba en sus siete horas de oración de rodillas, levantándose a medianoche continuamente”* [Au 23]. Tais penitenciais e orações são importantes, mas, o seu fim não pode estar sustentado obsessivamente nos pecados, mas, na relação livre e gratuita com Deus.

Depois de um tempo de consolação, Inácio experimentará desânimo e grandes variedades em sua alma e espantado com tais movimentos interiores faz a si mesmo a pergunta: *“Que nueva vida es esta, que agora comenzamos?”* [Au 21]. Inácio pode ter começado a se dar conta de que existe um Outro mais forte do que a força humana que ele gastava com os seus exercícios penitencias.

O projeto penitencial de Inácio é confrontado com uma forte experiência de escrúpulos que lhe atormentam e angustiam nesta etapa do processo de conversão. Eles expressam a resistência do seu eu ferido e são *“el lado oscuro del autocentramiento en*

el que seguía anclado: frente a la imagen idealizada de sí mismo como héroe de la santidad, la sombra de su yo le arrojaba las lacras de su pasado, en forma de culpabilidad implacable”⁷¹.

Tais escrúpulos produziram em Inácio uma grande insatisfação nas confissões que se repetiam por muitas vezes e o levou a buscar homens espirituais, orações e penitências; *“mas en todos ellos no hallaba ningún remedio para sus escrúpulos”* [Au 23].

Esta forte crise o levou a pensamentos violentos contra sua própria vida: *“Estando en estos pensamientos, le venían muchas veces tentaciones con grande ímpetu para echarse de um agujero”* [Au 24]. No caso de Inácio o suicídio era a tentação de alguém que não queria perder o controle da sua vida. Mas, grita: *“Señor, no haré cosa que te ofenda”* [Au. 24]. Um grito para que ele mesmo tente escutar e aceitar que a saída de seus escrúpulos não está primeiramente em fazer coisas que não ofendam a Deus, mas antes, no deixar-se fazer por Deus que ama e perdoa. Este é sem dúvida um passo profundo para a conversão e uma vida mais reconciliada.

Biblicamente, deixar-se fazer, seria como a fé e a vocação do também peregrino Abraão: *“Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar”* [Gn 12, 1]. Uma experiência de plena confiança e abertura no fazer de Deus que conduz o ser humano para o seu verdadeiro sentido.

Mas, Inácio precisou chegar ao inferno da sua vida, sentir sua fragilidade, acolher suas feridas e imperfeições. Era preciso se render e oferecer sua pobreza ao único que poderia salvar e transformar a sua existência:

“- Socórreme, Señor, que no hallo ningún remedio en los hombres, ni en ninguna criatura; que si yo pensase de poderlo hallar, ningún trabajo me sería grande. Muéstrame tú, Señor, dónde lo halle; que aunque sea menester ir pos de un perrillo para que me dé el remedio, yo lo haré” [Au 23].

Deus que desde Loyola trabalha no interior de Inácio o libera em Manresa de seus escrúpulos. *“(…) quiso el Señor que despertó como de un sueño”* [Au 25] significa permitir ser despertado por Deus para discernir⁷² e acolher o seu querer. O processo de conversão exige um sujeito consciente das suas realidades mais profundas que necessitam

⁷¹ MELLONI, J., 40.

⁷² Mais tarde usará Inácio desta experiência em Manresa para escrever as regras para sentir e entender escrúpulos (Ej 345-351).

ser transformadas. Também consciente de que o protagonista deste processo é sempre Deus que por seu amor misericordioso nos reconcilia com Ele e conosco mesmo. Por isso que Deus *“le había querido librar por su misericórdia”* [Au 25].

O querer amoroso e misericordioso de Deus que libera Inácio se tornará para ele o seu princípio e fundamento. Só a partir dessa experiência Inácio poderá seguir reconciliado consigo e com os demais. Desperto do sonho e livre pela misericórdia Inácio vislumbra novos horizontes para além de si mesmo e de modo especial em *“ayudar algunas almas”* [Au 25].

O P. Ribadenera testemunha sobre o que significou esse plano misericordioso de Deus na Vida de Inácio:

“Decía que conociendo cuánto faltaba y cuánto ofendía a nuestro Señor, deseaba muchas veces que su Divina Majestad le quitase aquella abundancia de consolación, como por castigo de sus culpas, para que con esta sofrenada asentase el paso y anduviese más sobre sí; pero que era tanta la misericórdia y suavidad de nuestro Señor para con él, que parecía que, cuanto él más faltaba y más conocía sus faltas y deseaba el castigo de ellas, tanto el Señor más se le comunicaba y le abría los tesoros de sus consolaciones y regalos”⁷³.

3.3 A Iluminação do Cardoner

O caminho de conversão de Inácio foi um processo contínuo e progressivo que vai das coisas exteriores ao seu interior mais íntimo. É a partir de coração provado, ferido e purificado que Inácio poderá enxergar melhor a realidade: *“Felizes os limpos de coração, por que verão a Deus”* [Mt 5,8]. Por isso a importância de ter presente este processo de transformação interior onde seu coração foi iluminando e seus afetos melhor ordenando. Vimos que desde Loyola até Manresa seu peregrinar foi marcado pela necessidade de iluminar as sombras da sua vida não com a sua própria luz, mas, deixando-se iluminar com a luz misericordiosa de Deus.

⁷³ RIBADENEYRA, P., “Dichos y hechos de N. P. Ignacio, de santa memoria, o cosas tocantes a su persona, recogidas de lo que algunos padres han notado, según que en la margen va señalado”, FN II 472 – 499, 477.

Foi esta a única luz que deu a Inácio o conhecimento interno de si, de Deus e de toda realidade a sua volta. *“Este conocimiento interno está ligado a un proceso de transformación interior de la persona, que le convierte la realidad en teofanía⁷⁴”*.

Por isso, a Iluminação do Cardoner é uma experiência chave para entender todo o processo de transformação interior vivido por Inácio que no início da sua conversão *“se le abrieron un poco los ojos”* [Au 7], mas, aqui no Cardoner *“se le empezaron abrir los ojos del entendimiento”* [Au 30]. Uma vez que Inácio em meio a escuridão dos seus escrúpulos acolhe a misericórdia de Deus, agora ele está mais preparado para acolher e entender outras mistérios divinos que o Senhor deseja revelar.

“Es esta experiencia fundamental y fundante en la vida de Ignacio el único lugar auténticamente revelador”⁷⁵ pois, no Cardoner se dá o encontro do querer de Deus com os desejos de um Inácio verdadeiramente perdoado. A luz desta reconciliação permite Inácio mirar as realidades a partir do olhar de Deus e ao mesmo tempo sentir-se parte deste todo onde Deus se manifesta.

Esta nova etapa da vida de Inácio começa com um reconhecimento de como Deus o tratava: *“de la misma manera que trata un maestro de escuela a un niño, enseñándole (...)”* [Au 27]. Para reconciliar-se com Deus é importante se colocar no lugar de dependência vital e amorosa com aquele que é o Absoluto de sua vida. Sentir-se pequeno é uma atitude de humildade imprescindível para deixar-se iluminar e aprender de Deus.

Inácio viveu quatro importantes experiências místicas antes da Iluminação do Cardoner. Com estes antecedentes sobre a Trindade, a criação, a presença de Cristo na Eucaristia e a humanidade de Cristo podemos ter uma visão mais ampla e conjunta desta experiência espiritual. É interessante perceber que todas elas estão marcadas pela disposição interna de ver com os olhos interiores, de conhecer internamente e entender as realidades desde o mais profundo.

18. ⁷⁴MELLONI, J., “El conocimiento interno en la experiencia del Cardoner”, *Manresa* 71 (1999) 5-

⁷⁵DOMÍNGUEZ MORANO, C., “Ignacio de Loyola a la luz del psicoanálisis”, 25-56.

- Santíssima Trindade

“Se le empezó a elevar el entendimiento, como que vía la santísima Trinidad en figura de tres teclas, y esto con tantas lágrimas y tantos sollozos, que no se podía valer” [Au 28].

Esta experiência com a Trindade pode iluminar nosso entendimento sobre a reconciliação: *“Reconciliar es un ministerio por el cual se profundiza en la reconciliación como don de la Trinidad”*⁷⁶. É uma iniciativa do Pai que se realiza plenamente no Filho, o único reconciliador, com o impulso do Espírito Santo.

A Trindade é relação e comunicação em si mesma e nos comunica o seu dom ao nos criar: *“Façamos o ser humano a nossa imagem e semelhança”* [Gn 1, 16]. Por isso, Inácio vê a Santíssima Trindade como três teclas que revelam a comunhão de harmonia trinitária. A Trindade habita no mais íntimo de cada ser humano e o desperta para uma realidade de profunda comunhão com Deus. As lágrimas e os soluços são sinais concretos de que esta experiência unifica o ser humano inteiro, incluso alcançando a dimensão corporal.

Esta experiência trinitária também se relaciona com a meditação da encarnação: *“hagamos rendición del género humano”* [Au 107]. John O’Donnell sugere então entender a Trindade como Mistério de Salvação⁷⁷. Na redenção, a Trindade leva a relação com o ser humano à radicalidade do seu Amor onde o Filho se encarna e reabre caminhos para que a humanidade seja salva.

O Diário Espiritual⁷⁸ de Santo Inácio testemunha ainda outras experiências trinitárias em que *“iba creciendo continuamente la seguridad de la reconciliación con la Santísima Trinidad”* [De 115]. Esta relação com o mistério da Trindade trazia ânimo e tranquilidade para Inácio frente a toda discórdia do passado. Ele se sentia *“como persona cansada que reposa, con ánimo tranquilo, devoto e visitado”* [De 115]. Tal era a força e a ternura restauradora da Trindade que alcançava a Inácio em sua peregrinação interior.

⁷⁶ COUPEAU, J., “Reconciliación”, em *DEI II*, 1534-1538.

⁷⁷ O’DONNELL, J., “Trinidad”, em *DEI II*, 1721-1727.

⁷⁸ IGNACIO DE LOYOLA, *Diario Espiritual*, em *Obras* (C., Iparraguirre, I. / Damases, C. / Ruiz Jurado, M., eds.), BAC, Madrid 2014.

- Criação do mundo

“Una vez se le representó en el entendimiento con grande alegría espiritual el modo con que Dios había creado el mundo, que le parecía ver una cosa blanca, de la cual salían algunos rayos, y que de ella hacía Dios lumbre” [Au 29].

Inácio vai descobrindo a imagem do Deus Criador. Ele mesmo experimentou em sua vida e no mundo a força criadora e recriadora de Deus. O modo de Deus criar o mundo reflete perfeitamente o “Princípio e Fundamento” [Ej 23] e a “Contemplação para Alcançar o Amor” [Ej 230] que são frutos das experiências espirituais de Santo Inácio.

A criação é dom de Deus onde o ser humano está chamado a encontrá-lo. Nela, Deus participa com sua bondade e a oferece como mediação para que o ser humano usando-a com responsabilidade e liberdade seja ajudado a encontrar o seu fim.

Entender como Deus cria o mundo é também reconhecer *“los beneficios recibidos de creación”* [Ej 234] *“mirar como Dios habita en las criaturas”* [Ej 235], em especial no ser humano e a cada pessoa em particular *“haciendo templo de mí, seyendo criado a la similitude y imagen de su divina majestade”* [Ej 235]. É essa a dinâmica de entender internamente o mundo criado que permite ao ser humano uma comunicação cada vez mais autêntica com Deus, consigo e com a criação.

Neste sentido a criação do mundo é uma importante chave para entender o processo de reconciliação. Por um lado, à luz da ação amorosa e criadora de Deus que se comunica com a sua criatura e por outro, à luz da resposta de reverência agradecida e de liberdade responsável do ser humano ao seu Criador. O fruto desse processo é acompanhado da alegria espiritual que brotou do eu reconciliado de Inácio com as realidades do mundo.

- Presença de Jesus Cristo na Eucaristia

“Lo que él vio con todo el entendimiento claramente fue ver cómo estaba en aquel santísimo sacramento Jesucristo nuestro Señor” [Au 29].

É evidente a importância da Eucaristia no processo de conversão de Inácio. Durante seu tempo em Manresa ele recebia a comunhão a cada domingo [Au 21] como uma importante ajuda na sua busca de unir-se a Deus. No entanto, era preciso caminhar

até esta experiência onde os olhos interiores se abriram para ver com clareza o mistério da Eucaristia.

As palavras do P. Nadal escritas em seu diário pessoal pode nos ajudar a entender o sentido mais profundo da presença de Jesus Cristo na Eucaristia, assim como o de recebê-la:

“Cuando se recibe devotamente la sagrada Eucaristia, no solo los misterios de la pasión y muerte de Cristo se imprimen en nosotros, sino también los de toda su vida y resurrección. Así podemos decir que vivimos, más aún, Cristo vive en nosotros (Gal 2, 20). Y aún podemos esperar más, así que podríamos decir que tenemos la misma mente y sentimientos que Cristo Jesús (Flp 2, 5)”⁷⁹.

Desde esta mirada mais profunda para a Eucaristia, que é o sacrifício da reconciliação, a experiência de Jesus que reconcilia a tudo e todos, se atualizará também na vida de S. Inácio.

- Humanidade de Cristo

“Muchas veces y por mucho tiempo, estando en oración, veía con los ojos interiores la humanidad de Cristo, y la figura, que le parecía era como un cuerpo blanco (...) mas, no veía ninguna distinción de miembros” [Au 29].

Em seu processo de conversão iniciado em Loyola, Inácio nutriu um forte desejo de identificação com Jesus Cristo, seja a partir da leitura da vida de Cristo, ou mesmo da história dos santos que buscaram viver em suas vidas a vida de Jesus. Tal era a força desta atração que Inácio escrevia em um livro as palavras de Jesus [Au 11].

A descoberta de Jesus nesse caminho, colocou Inácio em uma dinâmica de reconciliação com a sua própria humanidade. Crescia nele o desejo de mudar de vida vestindo as armas de Cristo [Au 17]. Mas, ele ainda não tinha entendido o significado de ser humilde, pobre e livre para fazer a vontade do Pai como Jesus.

Ver com os olhos interiores a humanidade de Cristo alimentou o crescente desejo de Inácio em conhecer internamente o Senhor em sua indivisível unidade de Deus e

⁷⁹ NADAL, J., *Nadal, Orat. Obs.*, 742 em O`MALLEY. J., *Los primeros jesuitas*, Mensajero – Sal Terrae, Bilabao – Santander, 1993, 194.

homem, crucificado e ressuscitado. Como já sinalado, nos mistérios da sua Encarnação e Paixão que reconcilia plenamente o ser humano a Deus.

Estas experiências levarão a Iluminação do Cardoner que não é uma visão sobrenatural, mas, o olhar de um homem novo que passou a enxergar tudo ao seu redor a partir do olhar de Deus que ele havia experimentado. Um *“Dios Trinidad amorosa que invita a la fiesta da creación y a la noble aventura del seguimiento de Jesús; que ofrece la participación en las realidades eucarísticas y entrega la compañía materna de su Madre”*⁸⁰. Como em muitas experiências, cada vez mais profundas, vividas por Inácio neste processo de transformação.

- Iluminação do Cardoner

“Una vez iba (...) y el camino va junto al río; y yendo así en sus devociones, se sentó un poco con la cara hacia el río, el cual iba hondo. Y estando allí sentado se le empezaron abrir los ojos del entendimiento; y no que viese alguna visión, sino entendiendo y conociendo muchas cosas, tanto de cosas espirituales, como de cosas de la fe y de letras; y esto con una ilustración tan grande, que le parecían todas las cosas nuevas” [Au 30].

Este capítulo tentou demonstrar a transformação interior de Inácio, passando por várias etapas da sua experiência mística de Loyola até Manresa. Chegando ao final desta reflexão não poderíamos deixar de nos aproximar da Iluminação do Cardoner onde Inácio recebeu tanto entendimento *“que le parecia como se fuese otro hombre y tuviese otro intelecto”* [Au 30].

Tamanha foi a força transformadora desta experiência que o próprio Santo Inácio reconhece que *“en todo el discurso de su vida (...) coligiendo todas cuantas ayudas haya tenido de Dios (...) no le parece haber alcanzado tanto, como de aquella vez sola”* [Au 30], referindo-se a Iluminação do Cardoner.

Também o P. Laínez em sua carta ao P. Polanco ressalta a importância desta experiência: *“fue especialmente ayudado, informado e ilustrado interiormente de su divina Majestad, de manera que comenzó a ver con otros ojos todas las cosas, y a discernir*

⁸⁰ THIÓ, S., “Ignacio: de la humildad a la pacificación”, 125-137.

y probar espíritus Buenos y malos, y a gustar de las cosas del Señor, y a comunicarlas al próximo en simplicidade y caridade, según que de Él las recibía”⁸¹.

Este testemunho nos dá claves da espiritualidade inaciana que foram se aprofundando no processo de conversão de Inácio e que se condensam, segundo P. Laínez, na Iluminação do Cardoner: ver todas as coisas com outros olhos, a dinâmica do discernimento e o gostar das coisas do Senhor. E nasce um novo elemento de especial importância para a reconciliação com os demais: comunicar aos outros os dons recebidos.

O dom do conhecimento interno adquirido por Inácio nesta experiência pode nos ajudar a entender a reconciliação. Pois, o processo de conversão que implica a reconciliação consigo e com Deus passa pela necessidade de conhecer internamente a sua história pessoal e reconciliá-la desde a mirada misericordiosa de Deus. Também pede o conhecimento interno de Deus como o Absoluta da vida que salva o ser humano por sua misericórdia. E por fim, o conhecimento interno das realidades onde Deus atua e convida o ser humano a participar n’Ele desta comunhão.

A Iluminação do Cardoner marcou um antes e um depois na vida de Santo Inácio. Nesta experiência *“Ignacio se sintió reconciliado gratuitamente y entró en el camino de la paz. Lo que había sido objeto de una lucha ascética encarnizada le llegaba como un fruto místico del Espíritu*”⁸².

Ainda que Inácio não fale diretamente de reconciliação, fala de transformação: *“le parecía como outro hombre”* [Au 30]. Esta conversão vai unida à luz do Cardoner que une e reconcilia Inácio a si mesmo, a Deus e a toda realidade. Nenhuma realidade ficou fora do novo horizonte de relações que se abriu na vida de Inácio.

A experiência mística as margens do rio Cardoner que faz brotar um novo rio do interior de Inácio recorda as palavras de Jesus: *“Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”*⁸³. Sua fonte está no coração de Jesus ferido na cruz de onde jorrou água de misericórdia e reconciliação para toda humanidade.

⁸¹ FNI 54 – 145, 74-76.

⁸² THIÓ, S., “Ignacio: de la humildad a la pacificación”, 125-137.

⁸³ Jo 7, 38.

4. Conclusão

Chegando ao final deste primeiro capítulo queremos ressaltar a fundamental importância da conversão no processo de reconciliação. Fizemos um recorrido pela experiência humana e espiritual de S. Inácio consciente do que afirma a CG 36 de que “a reconciliação com Deus é primeiro, e sobretudo, uma chamada à profunda conversão”. Escutar esta chamada é seguramente o primeiro passo para uma reconciliação com Deus que leva a reconciliação consigo, como vimos tão claramente na vida de S. Inácio.

A Intervenção de Deus na vida de Inácio em vista da conversão acontece em um tempo, um lugar e uma vida concreta. Por isso peregrinamos por muitos lugares físicos, por elementos e experiências da vida de S. Santo Inácio que compõe a sua história. Esta totalidade que abrange os contextos sociais, culturais, religiosos, psicológicos nos ajudaram a compreender mais e melhor o processo desta experiência e a tomar consciência que a conversão não nega a história, ao contrário, a assume para que seja transformada.

Vimos que a conversão em Inácio é progressiva e processual, diferente da conversão de S. Paulo que acontece em um momento bem pontual. S. Inácio passa por várias etapas que ressaltamos em suas buscas e realizações que testemunham e revelam a força mistagógica deste processo.

As leituras dos livros *Flos Sanctorum* y *el Vita Christi* foram mediações que fizeram brotar novos pensamentos e desejos desde a possibilidade de viver um novo modelo de vida inspirada em Jesus e nos santos.

S. Inácio dá um passo importante na reconciliação consigo mesmo e com Deus quando se abrem um pouco seus olhos e toma consciência de si, dos movimentos interiores que lhe davam consolações ou desolações. É neste momento que S. Inácio experimenta o discernimento sobre a variedade dos espíritos, atitude que ele assumirá em toda a sua vida. Esta abertura dos olhos a sua realidade interior o ajudou a conhecer mais a si mesmo e a vontade de Deus aprofundando sua experiência espiritual de conversão e reconciliação.

É verdade que S. Inácio se converte em Loyola e busca reorientar com todas as suas forças sua vida para Deus. É um novo e longo caminho que se abre com novas

experiências e descobertas desta aventura humana e espiritual. A conversão como chamada de Deus e resposta do ser humano vai ganhando novos contornos na vida do peregrino que descobre não poder se converter com suas próprias forças, mas, necessita mais do que nunca da graça de Deus quem o converte. Converter-se é deixar-se fazer por Deus.

Inácio teve que amadurecer muito a sua experiência de fé para descentralizar-se de si e dos seus pecados e escrúpulos; e experimentar a chamada misericordiosa de Deus que é gratuita, imerecida e desconcertante.

Tal conversão que se confirma na acolhida do perdão de Deus e que levou S. Inácio a processos de reconciliação não se restringe as experiências extraordinárias, mas, fundamentalmente no encontro pessoal e iluminador com Deus que transforma radicalmente a sua vida como na iluminação do Cardoner.

Uma vez que acompanhamos a experiência de “reconciliação a luz do processo de conversão de S. Inácio” passaremos a aprofundar esta dinâmica no capítulo II desde os Exercícios Espirituais. Com isso, fortalecemos a dimensão mistagógica deste processo que não só reconcilia S. Inácio, mas, é dom de reconciliação para todos que em uma última palavra buscam vencer a si mesmo, encontrar a vontade de Deus e reorientar a sua vida para o verdadeiro sentido. Uma busca por reconciliação que como vimos é deixar-se encontrar, converter e perdoar por Deus.

CAPÍTULO 2

Os Exercícios Espirituais e a reconciliação⁸⁴

Em uma carta escrita por Santo Inácio para o seu confessor⁸⁵ em Paris, recolhemos a seguinte revelação sobre os Exercícios Espirituais: *“lo mejor que yo en esta vida puedo pensar, sentir y entender, así para el hombre poderse aprovechar a sí mesmo como para poder fructificar, ayudar y aprovechar a otros muchos”*⁸⁶.

Neste testemunho tão importante fazemos notar dois “para”: para o proveito de si mesmo e para o proveito de outros muitos. No livro dos Exercícios encontramos algo semelhante quando Santo Inácio fala de outro “para” que estar em plena sintonia com a carta: *“para la salud del ánima”* [Ej 1], de si e dos demais; de modo que o sujeito inaciano⁸⁷ *“pueda en todo amar y servir a su divina majestade”* [Ej 233]. Ou seja, os Exercícios trata de uma experiência pessoal e espiritual de transformação interior que abre o exercitante para a alteridade na comunhão e no serviço a Deus e ao próximo.

Seguindo o próprio texto dos Exercícios, este caminho proposto por Santo Inácio dar ao exercitante a consciência de uma busca e ao mesmo tempo encontro que é fundamental desta dinâmica espiritual: *“buscar y hallar la voluntad divina en la disposición de su vida”* [Ej 1]. Uma vida concreta que parte da história pessoal e de realidades alcançadas pelo pecado. Por isso, o sujeito inaciano recebe a difícil tarefa de

⁸⁴ “El documento referencial es llamado texto Autógrafo, versión castellana (...) contiene 33 correcciones introducidas por él (S. Ignacio). Algunas de ellas pasaron a la primera traducción latina en 1541 (Versio Prima). Otras de las correcciones sobre el Autógrafo llegaron al texto latino oficial (Vulgata). (...) los Ejercicios obtuvieron la aprobación papal mediante el Breve “Pastorales officii cura”, el 31 de julio de 1548. (...) La versión castellana no fue publicada hasta 1615”. Cf. MELLONI, J., “Ejercicios espirituales”, em *DEI* I 685-689.

⁸⁵ Manuel Mioma de Portugal. Entra na Companhia de Jesus em 1545 e morre em 1567.

⁸⁶ IGNACIO DE LOYOLA. “Epistolae et instructiones”, *Epp* I, 111-113, 113.

⁸⁷ Chamaremos de sujeito inaciano ou exercitante aquele que faz os Exercícios Espirituais.

“quitar de si todas las afecciones desordenadas” [Ej 1] que desviam o ser humano do seu fim.

O ponto de partida dos Exercícios será então ajudar o exercitante a preparar e dispor sua alma, ordenando-a para o Princípio e Fundamento de sua vida. Este primeiro exercício é condição de sentido, finalidade e orientação para que o ser humano chegue a Deus. Este caminho passa necessariamente pela “*vida purgativa, que corresponde a los ejercicios de la primera semana*” [Ej 10]. Que ajuda na purificação e reordenamento da vida para o fim ao qual foi criada.

Depois de todo este processo espiritual de preparação e disposição da alma; nas demais semanas que se seguem, os exercícios “*trata de llenar el vacío que há producido el arranque de lo desordenado y de encauzar las energias que han brotado al contacto de tan fecundas verdades. Jesucristo, profundamente conocido, apasionadamente amado, llenará el corazón del ejercitante y constituirá la realización concreta de la norma dada en el principio y fundamento*”⁸⁸.

1. A Experiência reconciliadora de S. Inácio que brota dos Exercícios Espirituais

Na *Autobiografía* vamos encontrar uma referência à composição do texto dos Exercícios graças a pergunta do P. Câmara a Santo Inácio sobre como ele o havia feito: “*Él me dijo que los Ejercicios no los había hecho todos de una sola vez, sino que algunas cosas que observaba en su alma y las encontraba útiles, le parecía que podrían ser útiles también a otros, y así las ponía por escrito*” [Au 99]. Ou seja, Santo Inácio escreve a sua própria experiência espiritual, depois de tê-la vivida.

Os Exercícios espirituais estão profundamente marcados⁸⁹ pela experiência pessoal de Santo Inácio em Loyola, Manresa, Paris e Itália. Mas, Manresa foi seguramente o período fundante desta experiência espiritual. A *Autobiografía* como vimos mais claramente no capítulo I, relata algumas etapas deste tempo em que Inácio colocou as

⁸⁸ “Introducción Ejercicios”, em *Obras*, 116.

⁸⁹ Marcam também a formação recebida por meio de leituras e estudos; e o próprio contexto cultural, religioso do séc. XVI.

bases do texto dos Exercícios Espirituais. Como sabemos ele viveu três distintos momentos⁹⁰ interiores em Manresa que culmina com a Iluminação do Cardoner. “*Pues bien: podemos asegurar que los Ejercicios son obra de este tercer período, pero encerrando experiencias vividas en los otros dos*”⁹¹. Em “*Vita P. Igantii*” P. Polanco assim resume sobre o conteúdo dos Exercícios em Manresa:

*“ Después de dicha ilustración y la observación de los Ejercicios espirituales a dedicarse a procurar el bien de los prójimos, proponiéndoles el método de purificarse mediante la contrición y la confesión de los pecados, y de aprovecharse con las meditaciones de la vida de Cristo y con las elecciones sobre el estado de vida y otras cosas, y finalmente, con cuanto ayuda para inflamarse en el amor de Dios y ejercitarse con varios modos de orar; aun cuando con el andar del tiempo todas estas cosas se fueron perfeccionando ”*⁹²

O processo de conversão pessoal e de reconciliação vividos por Santo Inácio estão sustentados na experiência dos Exercícios Espirituais. Essa abertura inicial de reconhecimento do ser pecador perdoado, pela misericórdia de Deus na doação total de Jesus na Cruz, é intuição original do Peregrino em Manresa⁹³ [Ej 21-22], lugar primordial onde Inácio viveu a experiência dos Exercícios de Primeira Semana. Sendo assim, é de fundamental importância conectar a vida de Santo Inácio com a experiência espiritual que brota neste processo.

Em Manresa Inácio experimenta a sua condição de pecador em total dependência da Misericórdia de Deus que reconcilia a sua vida. Ele foi compreendendo, em seu processo de conversão, que as penitências radicais por ele imposta à nova vida que desejava assumir, não eram suficientes para sentir-se plenamente perdoado. A resposta para a superação dos seus escrúpulos e das angústias que viviam estava na consciência de si mesmo como pecador perdoado e amado por Deus. O remédio para o perdão e a reconciliação não está nos homens, nem em qualquer criatura que são simplesmente meios que podem ajudar a alcançar o verdadeiro fim [Ej 23], mas em Deus.

É no momento de profundo “inferno” Inácio recorre ao Senhor que o socorre despertando-o de um sonho, abrindo-o os olhos para perceber e acolher o amor generoso

⁹⁰ Três momentos: serenidade e fervor, agitações e escrúpulos; e Iluminação do Cardoner.

⁹¹ “Introducción Ejercicios”, em *Obras*, 128.

⁹² FN II 527. “Introducción Ejercicios”, em *Obras*, 129.

⁹³ Uma verdadeira via de purificação, tentações, escrúpulos e de encontro com a Misericórdia de Deus.

e libertador da misericórdia de Deus [Au 25]. A experiência da Misericórdia de Deus proposta nos Exercícios Espirituais alcança a raiz do pecado de cada ser humano liberando-o para assumir radicalmente uma vida mais reconciliada em toda sua dimensão.

Por isso nos aproximaremos dos Exercícios como um acesso a experiência de Deus antes vivida e encarnada pelo próprio Inácio. Seguir este itinerário espiritual com chave de reconciliação será de alguma maneira assumi-lo como um caminho de transformação e acolhida da misericórdia de Deus que abre o exercitante para novos horizontes. Veremos que a experiência dos exercícios conduz o sujeito inaciano à reconciliação com Deus e consigo mesmo e só posteriormente, o leva a assumir no mundo o ministério de reconciliar.

A Congregação Geral 36 faz notar que *“la reconciliación con Dios es primero, y sobre todo, una llamada a la profunda conversión, de cada jesuita, y de todos juntos⁹⁴”*. Desde o processo dos Exercícios Espirituais, Santo Inácio, os jesuítas e os sujeitos inacianos entram em uma dinâmica de profunda conversão que conduz aos que fazem esta experiência se sentirem pecadores alcançados pela misericórdia de Deus e impulsionados pelo Espírito a colaborarem com Jesus Cristo na missão salvadora do Pai, como aconteceu concretamente com os primeiros companheiros preparados pelo próprio Santo Inácio: *“en este tiempo conversaba con Mro. Pedro Fabro y con Mro Francisco Javier, los cuales después ganó para el servicio de Dios por medio de los Ejercicios”* [Au 82].

A experiência misericordiosa de Deus é fundamental para a reconciliação e como ressalta o Papa Francisco ela acontece no coração da espiritualidade Inaciana que são os Exercícios Espirituais:

“En el corazón de la espiritualidad ignaciana se da un encuentro transformador con la Misericordia de Dios en Cristo que nos mueve a una generosa respuesta personal. La experiencia de la misericordiosa con la cual Dios mira nuestras debilidades y nuestro pecado nos hace humildes y nos llena de gratitud, ayudándonos a convertirnos en ministros de misericordia para con todos⁹⁵”.

⁹⁴ CG 36, d. 1, n. 17.

⁹⁵ FRANCISCO, “Discurso del Santo Padre Francisco a los miembros de la 36ª Congregación General de la Compañía de Jesús”, em CG 36 147-160.

O exercitante sai da Primeira Semana transformado pela misericórdia de Deus e desejoso de dar uma resposta agradecida seguindo a Jesus Cristo. Por isso:

“tenemos que hacer nuestro aún más profundamente, el don de los ejercicios, que compartimos con tantas personas, especialmente con la familia ignaciana [CG 35, d. 5, n. 29], nosotros debemos buscar una más profunda unión con Cristo en los misterios de su vida. A través de los ejercicios, nos apropiamos del estilo de Jesús, de sus sentimientos y de sus opciones⁹⁶”.

É este mesmo Jesus que manifesta na cruz a misericórdia de Deus já na Primeira Semana e que perpassa toda a dinâmica interna dos Exercícios Espirituais. Desde o início o exercitante é impulsionado a uma mudança de vida configurando-se a Jesus Cristo.

Mas, antes de assumir propriamente a missão de reconciliar ao modo de Jesus como veremos no capítulo III, faz-se necessário esta tão querida reconciliação com Deus e consigo mesmo por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. *“(…) en los tales ejercicios espirituales, más conveniente y mucho mejor es, buscando la divina voluntad, que el mismo Criador y Señor se comunique a la ánima devota, abrazándola en su amor y alabanza y disponiéndola por la vía que mejor podrá servirle adelante” [Ej 15].* Iremos encontrar esta comunicação reconciliadora de maneira especial na via purificadora da Primeira Semana [Ej 10].

1.1 Uma aproximação entre Exercícios Espirituais e reconciliação

A reconciliação não aparece de forma explícita, ou literal, ainda que sim com outros nomes no livro dos Exercícios Espirituais escrito por Santo Inácio. No entanto, vale ressaltar de ante mão a referência que aparece na Fórmula do Instituto de 1550 como um dos ministérios da Companhia de Jesus: *“reconciliar a los desavenidos” [F50]* que aprofundaremos no capítulo III. A partir desta missão assumida pela Companhia podemos entender que o processo de conversão e reconciliação vivido por Santo Inácio, pelos jesuítas e sujeitos inacianos nos Exercícios é condição fundamental para a vida e para a missão de reconciliar. Ou seja, é preciso ser reconciliado consigo mesmo e com Deus

⁹⁶ CG 36, d.1, n.18.

para colaborar na reconciliação dos demais. Só um ser humano reconciliado pode reconciliar.

Embora Santo Inácio não coloque textualmente a reconciliação como uma das finalidades e frutos dos Exercícios Espirituais, podemos a partir da dinâmica interna deste processo perceber a força reconciliadora gerada no sujeito inaciano desde os Exercícios. Veremos que o processo de conversão e reconciliação desde a Primeira Semana apontam caminhos de saída de si mesmo para uma resposta concreta de amor a Deus.

Os Exercícios Espirituais oferecem um acesso à experiência de Deus onde necessariamente se entrelaçam muitos elementos, dentre eles queremos ressaltar a conversão, o perdão que gera reconciliação e conseqüentemente a missão. Não se trata de viver estes elementos separadamente, mas, assumi-los como parte de um único processo que dinamiza e transforma o interior do sujeito inaciano, configurando-o a Jesus Cristo e se identificando com a sua missão.

Santo Inácio explicando o que são os Exercícios Espirituais nos diz ser *“todo modo de preparar y disponer el ánima para quitar de sí todas las afecciones desordenadas y, después de quitadas, para buscar y hallar la voluntad de divina en la disposición de su vida para la salud del ánima”* [Ej 1]. Desde o início podemos encontrar uma referência implícita a reconciliação quando entendida em seu sentido último: *“En la espiritualidad ignaciana la reconciliación no es un estado sino un horizonte escatológico⁹⁷”*. Esta afirmação vai em encontro a finalidade dos Exercícios que aponta para o destino definitivo do ser humano que é a sua salvação, ou seja, a plena reconciliação com Deus. Como afirma justamente a última frase dos próprios Exercícios: *“por estar en uno con el amor divino”* [Ej 370].

É em vista deste horizonte final e salvífico que o sujeito inaciano por meio dos Exercícios Espirituais, pode preparar-se para eleger o que mais conduz a Deus, assumindo e fortalecendo em sua vida uma dinâmica de reconciliação. Para isso faz-se necessário percorrer o caminho de conversão, perdão e configuração a Cristo proposto nos Exercícios: quitar as afeições desordenadas, buscar e achar a vontade de Deus. Um processo que exigirá muito *“ánimo y liberalidad con su Criador y Señor, ofreciéndole todo su querer y libertad, para que su divina majestad, así de su persona como de todo*

⁹⁷ COUPEAU, J., “Reconciliación”, em *DEI* II, 1534 – 1538.

lo que tiene, se sirva conforme a su santísima voluntad” [Ej 5]. Ou seja, pede uma inteira disposição da pessoa que deseja se reconciliar e dar frutos de reconciliação.

Os Exercícios Espirituais são de grande ajuda para o sujeito inaciano que necessita fazer um caminho de conversão que exige a reconciliação com Deus e o compromisso de colaborar na reconciliação da criação e da humanidade. A sua dinâmica interna coloca o exercitante em um itinerário gradual e progressivo de conversão, perdão e reconciliação que tentaremos apresentar à luz de alguns exercícios espirituais proposto pelo próprio Santo Inácio.

2. Princípio e Fundamento: O ser humano reconciliado

A primeira e vital reconciliação que o sujeito inaciano está chamado a fazer por meio dos Exercícios Espirituais é sem dúvida a reconciliação com o Princípio e Fundamento da sua vida, com o seu Criador e Senhor. Esta reconciliação vai unida necessariamente a uma tomada de consciência das tensões humanas presentes no coração de cada pessoa que também necessita ser reconciliada consigo mesma. Por tanto, o Princípio e Fundamento torna-se um exercício fundamental neste processo de busca da autêntica relação com Deus, consigo, com os outros e com as demais criaturas.

O Princípio e Fundamento é a grande introdução dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Com ele é possível ter uma visão de conjunto e uma bússola para orientar o sujeito inaciano no itinerário que ele precisará percorrer nesta dinâmica espiritual onde se *“describe lo que es un hombre libre y ordenado sólo por voluntad divina, el fin, ínsito en su ser creatural dependiente de Dios, llamado al servicio y adoración, por los cuales alcanza la plena madurez de su libertad y la comunión de Dios, su salvación”*⁹⁸

Intencionalmente situa-se antes de tudo e mais imediatamente antes da primeira semana, pois, consciente e sustentado em seu Princípio e Fundamento o exercitante será capaz de fazer uma experiência de reconciliação progressiva e cada vez mais profunda no decorrer dos Exercícios Espirituais. Já no início da experiência ele é colocado diante do projeto salvífico de Deus e confrontado existencialmente com suas relações vitais. Tal

⁹⁸ ARZUBIALDE, S., *Ejercicios Espirituales de S. Ignacio, Historia y Análisis*, Mensajero-Sal Terrae, Bilbao, Santander 2009, 111.

experiência exige respostas que são acompanhadas de novas atitudes à luz da exigente e profunda proposta deste exercício. *“El hombre es criado para (...)”* [Ej 23]. Esta afirmação inicial do Princípio e Fundamento nos dá a consciência de que o ser humano possui uma origem e um fim.

Deus em sua comunhão trinitária quis livremente comunicar o seu infinito amor criando e salvando o ser humano, dando a ele uma vocação e a liberdade para responder ou não a sua finalidade. A humanidade é criada no horizonte de salvação e a pessoa, dotada de liberdade é colocada no centro da criação com um “para”. O Criador dá a direção e sustenta a tudo e a todos com a sua Graça.

A necessidade de aceitar sua condição de criatura com uma liberdade condicionada para um determinado fim pode ser uma primeira experiência do ser humano a ser reconciliada. *“Porque el hecho de ser criatura, de no tener el origen en sí mismo, constituye una cuestión nada fácil de asimilar para las estructuras afectivas humanas. La pretensión última del deseo sería, en efecto, la de tener el origen en sí mismo y, por supuesto, no estar sometido a nada ni a nadie, ni a ningún final tampoco”*⁹⁹.

Daqui podem surgir provocações internas sobre a relação entre o Criador e a criatura, sobre o que significa a liberdade humana, sobre a tensão entre a minha vontade e a vontade de Deus e essencialmente sobre o limite da existência humana e sua dependência vital do Absoluto. A consciência da realidade dividida e conflituosa do coração humano em relação ao seu Princípio e Fundamento é de fundamental importância neste processo de reconciliação.

Reconhecer-se criatura, livre e com um fim é reconciliador, pois, recoloca o ser humano em sua condição original querida por Deus no Princípio e Fundamento: *“El hombre es criado para alabar, hacer reverencia y servir a Dios nuestro Señor y, mediante esto, salva su ánima”* [Ej 23]. Mas, entre a origem e o fim do ser humano existe um longo caminho a percorrer onde ele experimentará suas impotências e fragilidades, se confrontará com a sua liberdade e terá que eleger entre a reafirmação de Deus como o seu Absoluto ou a reafirmação das suas vontades que nem sempre estão ordenadas ao seu sentido último.

⁹⁹ DOMÍNGUEZ MORANO, C., “Los ejercicios Espirituales, experiencia de reconciliación”, *Manresa* 77 (2005) 109-123.

Dada a condição pecadora da humanidade sua resposta ao plano divino é sempre limitada e necessitada da graça de Deus: “*Nuestros primeros padres fueron creados en la gracia y amistad con Dios, que perdieron con el primer pecado*¹⁰⁰”. Querer ser como deuses foi a principal tentação do ser humano que não se conformava com a sua condição criatural, ao contrário queria ser absoluto de si, mesmo que isso custasse a amizade com Deus. A graça da amizade com Deus é condição vital para que o ser humano alcance seu fim. O caminho de volta a esta amizade se dá pela reconciliação que exige conversão, reconhecimento dos pecados, acolhida da misericórdia de Deus, conhecimento e seguimento a Jesus Cristo, relações justas com o próximo e com a criação. Elementos claves da espiritualidade inaciana em relação a reconciliação, que não poderemos abordar em sua totalidade neste trabalho, mas, que o Princípio e Fundamento já sinaliza principalmente ao propor a *Indiferença Inaciana*.

No final do Princípio e Fundamento Santo Inácio sugere ao sujeito inaciano a indiferença,

“por lo cual es menester hacernos indiferentes a todas las cosas criadas, en todo lo que es concedido a la libertad de nuestro libre albedrío y no le está prohibido; en tal manera, que no queremos de nuestra parte más salud que enfermedad, riqueza que pobreza, honor que deshonor, vida que larga que corta, y por consiguiente en todo lo demás; solamente deseando y eligiendo lo que más nos conduce para el fin que somos criados” [Ej 23].

Ou seja, um exercício de liberdade em relação as coisas e as pessoas como condição de possibilidade para alcançar o fim para o qual somos criados. Esta experiência que estará presente em toda a dinâmica dos exercícios quer alcançar o ser humano em todas as suas relações que de alguma maneira necessitam ser reconciliadas.

A realidade de sentir-se criado é uma experiência pessoal e universal feita por todo ser humano de qualquer tempo e lugar. Também o mundo, o universo e todas as coisas criadas participam da criação. No entanto é o ser humano, o único ser que se percebe aberto radicalmente a Deus e pode reconhecê-lo como seu princípio e fim; e colaborar na *misio Dei* mediante a graça da indiferença. Esta:

“corresponde a la experiencia espiritual de quien ha sentido que Dios le ama, y a la imagen de Dios como Padre y seguridad absoluta a cuyas manos el hombre se

¹⁰⁰ LADARIA, L., “Creador/creación/criatura”, em *DEI* 497-503.

abandona para hallar en él la verdadera libertad. (...) En el mismo amor que Dios nos manifiesta experimentamos a un tiempo la libertad de la disponibilidad, es decir, la incorporación positiva de los afectos al grado (servicio) de Dios y al hallazgo de su voluntad en todas las cosas”¹⁰¹

Por tanto a segurança última do ser humano não deve estar nas coisas, mas, na sua relação de amor e amizade com Deus que também possibilita uma autêntica relação com os outros e com as demais coisas criadas desde que assuma em seu processo a graça da indiferença inaciana. Assim, *“Reconciliados con nuestra condición humana en todo lo que comporta de limitación y contingencia y reconciliado también con Dios como misterio amoroso, el ejercitante deberá emprender una profunda andadura para reconciliarse también con su propia falibilidad, asumiendo la aceptación y el perdón que le vienen de la misericordia de Dios. En ello se empleará a fondo a lo largo de toda la Primera Semana”¹⁰²*, como veremos a seguir.

3. Exercícios Espirituais e a reconciliação com Deus e consigo mesmo

Depois de viver o Princípio e Fundamento¹⁰³ [Ej 23] onde o exercitante tornou-se consciente de sua condição de criatura destinada a salvação; o sujeito inaciano segue o seu processo de amadurecimento espiritual que leva necessariamente a reconciliação com Deus e consigo mesmo nos cinco exercícios propostos na Primeira Semana¹⁰⁴ [Ej 45-72] que são uma unidade de uma única experiência espiritual.

Estes fundamentais exercícios tem por finalidade buscar *“la reconciliación del ejercitante con Dios y su cambio de vida por amor; pero esto no se suele realizar si no va unido a una adecuada y profunda reconciliación consigo mismo. San Ignacio pretende*

¹⁰¹ ARZUBIALDE, S., 118.

¹⁰² DOMÍNGUEZ MORANO, C., “Los Ejercicios, experiencia de reconciliación”, 109-123.

¹⁰³ O Princípio e Fundamento está intimamente relacionado com o processo inaciano de reconciliação que acontece na Primeira Semana, pois ele nos oferece uma base antropológica do sujeito a ser reconciliado.

¹⁰⁴ A saber: Princípio e fundamento, os Exames, a confissão, os cinco exercícios e as Anotações.

la primera reconciliación, pero incluye la segunda como fruto y condición de su recorrido”¹⁰⁵.

Neste momento da experiênciã o exercitante assim como Santo Inácio em Manresa experimenta *“la propia limitación y oscuridad, la insuficiencia radical para concederse a sí mismo el perdón, y las enormes resistencias existentes en todo hombre para ser dócil y disponible a la voluntad divina y ponerse plenamente en las manos de Dios*”¹⁰⁶. Estando assim chamado a caminhar nesta Primeira Semana como via purgativa segundo Santo Inácio [Ej 10] que conduz a um processo de reconciliação.

Não podendo aqui abarcar toda a Primeira Semana na relação do pecado e da misericórdia de Deus com a reconciliação; buscaremos simplesmente explorar alguns elementos que favorecem o processo de reconciliação do exercitante com Deus e consigo mesmo que aparecem nas três meditações: “Meditação com as três potências” [Ej 45-54], “Meditação dos pecados” [Ej 55-61] e “Meditação do inferno” [Ej 65-71].

Antes faz-se importante ter presente que *“todo el proceso de Primera Semana tiene como meta ayudar al ejercitante a tomar consciencia de la presencia del pecado en él y en la historia como un conflicto permanente cuya salida feliz es posible*”¹⁰⁷ somente pela graça misericordiosa de Deus manifestada radicalmente na entrega de Jesus na cruz.

Este pecado que fere e gera conflitos no ser humano, consiste na perspectiva do Princípio e Fundamento *“en rechazo de hacer reverencia y de obedecer al Creador, negación de alteridad*”¹⁰⁸ que rompe as relações justas e autênticas que o ser humano está chamado a viver desde sua origem. No pecado o ser humano experimenta a separação de Deus e as drásticas consequências desta ruptura.

Esta ruptura relacional coloca o ser humano diante da realidade do pecado, fechado à graça misericordiosa de Deus que pode conduzir à perdição eterna de uma vida não reconciliada. Com os exercícios da Primeira Semana que vamos aprofundar neste apartado, Inácio pretende fundamentalmente reconduzir o exercitante a amizade com Deus e ao seu serviço pela experiência da misericórdia divina.

¹⁰⁵ GARCÍA DOMINGUEZ, L, M^a., “La reconciliación consigo mismo en la Primera Semana de los Ejercicios”, *Manresa* 69 (2007) 37-51.

¹⁰⁶ ARZUBIALDE, S., 167.

¹⁰⁷ ÉMONET, P., “Primeira semana” em *DEI* II 1477-1481.

¹⁰⁸ *Ibid.*

A Primeira Semana conduz o sujeito inaciano a tomar consciência da gravidade do pecado e das suas consequências que alcança a vida nas mais diversas dimensões. Esta ferida que se abre é geradora de muitos conflitos e coloca em risco a própria salvação do ser humano oferecida por Deus. A experiência da força misericordiosa de Deus revelada no Crucificado que salva o pecador é o central nas “meditações¹⁰⁹ que iremos aprofundar. Elas buscam conduzir o exercitante *“hasta llegar a la compunción, por el reblandecimiento de las capas más endurecidas del ser humano, que se abre al misterio de la gracia y del perdón y, de este modo, retoma a la docilidad original”*¹¹⁰.

3.1 Meditação com as três potências¹¹¹ [Ej 45-54]

Este exercício exige a totalidade do ser humano com sua memória, entendimento e vontade que são as três potências, visando afetar o mais profundo do exercitante. *“La alusión a la actividad de las potencias por consiguiente, describe las diversas fases de un único camino por el que Dios viene al hombre y el hombre va a Dios. Y al ir el hombre por ese camino hacia Dios comienza a caminar hacia a sí mismo, hacia su más auténtica, profunda e individual identidad”*¹¹². Neste sentido, a meditação com as três potências, leva o ser humano a tomar consciência de sua realidade desde Deus, e é um importante instrumento de ajuda no duplo movimento de reconciliação do ser humano consigo e com Deus.

A composição de lugar [Ej 47] neste exercício deve ser composta sempre diante de Deus totalmente amor e misericórdia que deseja se encontrar com a realidade pecadora do exercitante necessitado do perdão divino para reconciliar-se. O sujeito inaciano diante de Deus é levado a ver e considerar o pecado desde duas realidades distintas que se complementam: “da alma encarcerada e do desterro da pessoa em um vale dominado por animais”. Estas são as graves consequências da pessoa que rompe sua relação com Deus e entra em uma dinâmica de pecado que a conduz a morte: *“desterrada apunta sobre todo*

¹⁰⁹ Nos exercícios propostos para a Primeira Semana, a modalidade predominante é a "meditação". “(...) la meditación no es un lenguaje intelectual, sino, sensibilizado, en el que se pone en juego todo el ser del hombre, por el que se expresa la situación en que se halla su yo o la humanidad, para quedar abierto a dejarse afectar desde fuera, y para dejar que Dios le hable sobre su situación a la luz del misterio de Cristo o de la transcendencia de Dios”. Cf. ARZUBIALDE, S., 176.

¹¹⁰ ARZUBIALDE, S., 165.

¹¹¹ Rezar com as três potências Cf. Ej 3.

¹¹² ARZUBIALDE, S., 177.

*hacia la pérdida del estado de la bienaventuranza original, de la vivencia gozosa del principio y fundamento*¹¹³”. Será necessário deixar-se conduzir por um caminho de volta à verdadeira liberdade na relação com Deus e ao domínio de si na relação ordenada dos seus afetos.

Na petição de “*demandar vergüenza y confusión de mi mismo*” [Ej 48] encontramos o objetivo deste exercício que vai unido a resposta misericordiosa de Deus que ama e perdoa. O exercitante alcança este fruto quando toma consciência de que é merecedor da condenação por seus pecados, mas, mesmo assim ponde encontrar caminhos para a salvação. Aqui o sujeito inaciano se depara com duas realidades contrastantes: a da consequência do pecado que afeta a realidade humana não reconciliada e a graça a ser alcançada de sentir vergonha e confusão dos seus pecados por tão grande misericórdia de Deus.

Santo Inácio segue o exercício apresentando a desobediência histórica que rompe a autêntica relação das criaturas com o seu Criador e as graves consequências do pecado dos anjos, dos primeiros pais e finalmente do pecado particular de cada ser humano.

Em plena relação com o Princípio e Fundamento, Santo Inácio considera a Deus que cria os anjos com a finalidade de “*hacer reverencia y obediencia a su Criador y Señor*” [Ej 50]. Os anjos são criaturas que pela graça divina são dotados de uma dependente liberdade que os une a Deus. O pecado dos anjos que nega a sua liberdade e desobedece a Deus leva a uma primeira ruptura da relação do Criador com sua criatura na história da salvação antes mesmo da criação do ser humano. O que vai revelando as fortes raízes do pecado e conseqüentemente a sempre necessidade de reconciliação.

O mal uso da liberdade angelical, a desobediência e a não aceitação da soberania de Deus frente a condição criatural é um pecado que leva a ruptura definitiva com o Absoluto e converte a união original com Deus em separação e trevas. Neste momento dos exercícios Santo Inácio leva o exercitante a reconhecer a realidade do pecado presente antes mesmo da humanidade e a dependência vital que deve ter as criaturas frente ao seu Criador. A desobediência é fruto da soberbia¹¹⁴ “*es la ruptura de la comunión –*

¹¹³ URÍBARRI, G., “La escatología en la dinámica de los ejercicios de San Ignacio de Loyola”, *Manresa* 78 (2006) 333-355.

¹¹⁴ “Veniendo en soberbia” (Ej. 50): pecado daqueles que renunciam a dependência de Deus. Raíz de todos os males como aparecerá nos exercícios (Ej. 142,3).

receptividad y donación para convertirse en autocentramiento”¹¹⁵. Ela vai de encontro a humildade tão importante na dinâmica dos Exercícios e na configuração a Cristo que no colóquio [Ej 53] seguinte vamos encontrar em sua condição *kenótica*.

O pecado de Adão e Eva no início da humanidade gera terríveis consequências que se perpetuam na história e que a Congregação Geral 36 chama atenção: “*vemos que nuestro mundo enfrenta hoy múltiples carencias y desafíos. En nuestras mentes permanecen las imágenes de poblaciones humilladas, golpeadas por la violencia, excluidas de la sociedad y marginadas*”¹¹⁶. Além de muitas outras situações de injustiças socioambientais em todo o mundo que ferem profundamente a humanidade. Nossos primeiros pais assim como os anjos pecaram pela desobediência e desordenou a original relação de justiça tão querida por Deus.

Os seres humanos “criados a imagem e semelhança de Deus” rompem a relação com seu Criador e Senhor pela desobediência. Seguindo o pecado dos anjos o homem e a mulher buscam uma autonomia que nega a Deus como o princípio e fundamento de suas vidas. Perdem o sentido do seu verdadeiro fim. Este caminho longe de Deus levará o ser humano à morte, ao pó, à perda de sua identidade [Gn 3,8-10]; a andar errante pelos descaminhos do mundo [Gn 4,14], até que busquem verdadeiramente a conversão e a reconciliação conscientes da sua chamada original e do seu fim que é a graça da comunhão com Deus e com a vida.

Por último, Santo Inácio apresenta a história do pecado em sua dimensão pessoal que fere a vida e a história de uma só pessoa. Este sujeito com sua liberdade ferida decide romper a amizade com seu Criador e Senhor. A história do pecado que alcança os anjos e a humanidade se realiza também em cada pessoa que dotada de liberdade escolhe caminhos contrários ao projeto de salvação assumindo “*(...) la gravedad y malicia del pecado contra su Criador y Señor (...) contra la bondad infinita*” [Ej 52]. O que certamente leva a uma vida não reconciliada, totalmente distante de Deus e da verdade do ser de cada ser humano.

Este exercício de meditação termina com um colóquio do exercitante com Cristo na cruz. “*Un coloquio se hace propiamente hablando, así como un amigo habla a otro*” [Ej 53]. Neste sentido nos aproximamos de uma das matizes de reconciliação que é

¹¹⁵ MELLONI, J., *La Mistagogía de los Ejercicios*, 133.

¹¹⁶ CG 36, d. 1, n. 1.

“*volverse a juntar y hazerse amigos los que se avían desgraciado entre sí*¹¹⁷”. A inimizade entre o ser humano e Deus é destruída na cruz onde somos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho [Rm 5, 10]. Pois, “*sólo la muerte de Cristo nos ha reconciliado y nos ha sacado de nuestra condición anterior de impíos y pecadores*”¹¹⁸.

Esta plena reconciliação é prefigurada desde a encarnação em uma dinâmica de despojamento: “*Cómo de Criador es venido a hacerse hombre, y de vida eterna a muerte temporal, y asi morir por mis pecados*” [Ej 53]. Tal mistério de salvação torna possível este diálogo amistoso de reconciliação com o crucificado e abre no pecador um horizonte de graça e perdão.

O colóquio é diante de um amigo que morre por mim, pois, assumiu em sua humanidade as últimas consequências dos meus pecado que o levou a cruz. Minha salvação depende unicamente desta amizade desconcertante que descentraliza de mim mesmo e responsabiliza o meu passado, presente e futuro com uma resposta concreta de amor ao amor de Cristo: “*lo que he hecho por Cristo, lo que hago por Cristo y lo que debo hazer por Cristo*” [Ej 53]. Ou seja, uma revisão do vivido até então, com um desejo de ruptura e mudança para o futuro. Neste colóquio acontece uma reconciliação que transforma o sujeito inaciano pelo amor e pelo perdão que transborda da cruz e o capacita a seguir transformando as realidades.

A amizade do crucificado libera o pecador de sua “vergonha e confusão” por ter se desviado do seu fim último e abre horizontes de comunicação, conversão e reconciliação por meio de Jesus Cristo que “morre por meus pecados” [Ej 53]. Essa dinâmica que leva o exercitante a experimentar o amor pessoal e redentor de Jesus Cristo aponta para o serviço e para missão, pois, arranca o sujeito inaciano de seu fechamento e o abre para uma ação generosa de assumir junto com Cristo o ministério de reconciliar. “*El servicio divino, ya presentado en el Principio y Fundamento como modo de inserción histórica hacia la consecución del propio fin, comienza a entrar en juego con enorme fuerza*¹¹⁹”.

Até aqui vimos com clareza a história do pecado [Ej 45-54] e a solidariedade do ser humano nesta história onde a amizade com Deus é rompida. Longe da comunhão com

¹¹⁷ COVARRUBIAS, S. de, “Reconciliación” en *Tesoro de la lengua Castellana o española*, (Riquer, M., ed.), S. A. Horta de Impresiones y Ediciones, Barcelona 1943, 898.

¹¹⁸ ARZUBIALDE, S., 189.

¹¹⁹ URÍBARRI, G., “La escatología en la dinámica de los ejercicios”, 333-355.

Deus que é o seu fim, a humanidade não encontra em si mesma a sua salvação. A história do pecado que possui raízes profundas e fere a realidade humana necessita unicamente de uma experiência autêntica de reconciliação que vem da misericórdia de Deus manifestada radicalmente na cruz de Cristo. Esta experiência acontece progressivamente à medida que o ser humano vai tomando consciência de seus pecados e acolhendo a sua condição de pecador perdoado diante de Deus.

3.2 Meditação dos pecados [Ej 55 – 61]

Este exercício está intimamente relacionado com o primeiro, pois, prolonga a história do pecado da humanidade na realidade dos pecados pessoais assumido na vida e na história de cada pessoa. Esta experiência de desvelamento dos pecados pessoais é necessária para a reconciliação e só pode acontecer sustentada na amizade com o Crucificado [Ej 53] que marcará toda a primeira semana.

Pedir a graça de “*crecido y intenso dolor y lágrimas de mis pecados*” [Ej 55] move profundamente os afetos do exercitante pela experiência de sentir-se amado por Deus “*porque sólo el amor estructura y ordena al hombre por dentro, al sentir-se pecador-perdonado, y genera la libertad de la salvación*”¹²⁰. Esta petição não se relaciona aos pecados e a condenação em si mesmo, mas, a força transformadora do reconhecimento do meu eu pecador perdoado e chamado. Esta experiência de consolação é tão intensa que se expressa em lágrimas¹²¹.

Inácio leva o exercitante percorrer os cinco pontos, interligados entre si pelo reconhecimento da atitude radical de ingratidão pessoal do ser humano ao Amor de Deus. Tal atitude revela o alcance e as consequências da malícia e da feiura do pecado pessoal que distancia o ser humano da sua relação com o seu Criador e Senhor. E por fim, faz um contraste entre a finitude da humanidade pecadora e a perfeição infinita de Deus.

O lugar teológico deste itinerário de “*traer a la memoria todos los pecados de la vida*” [Ej 56], “*ponderar los pecados*” [Ej 57] e “*mirar quién soy yo disminuyéndome*” [Ej 58] em comparação com os homens, com os anjos e santos, com Deus sempre

¹²⁰ ARZUBIALDE, S., 195.

¹²¹ Ignacio las considera un don de consolación divina, motivadas por el amor de Dios (Ej 315-316). Cf. THIÓ, S., “Lágrimas”, em *DEI* II, 1101 – 1105.

acontece diante do Senhor que é o único capaz de consolar com seu amor e perdão. Dando a graça de crescida e intensa dor e lágrimas pelos pecados [Ej 55] que leva a “*exclamación admirative*” [Ej 60].

Ao propor a recordação dos pecados, Santo Inácio solicita o tempo, o lugar, as relações com os demais e o trabalho da pessoa. Indicando assim o alcance e o processo do pecado, e a responsabilidade do ser humano frente a história do seu pecado pessoal que fere a relação com Deus, mas, também com os demais. Por isso, neste processo é importante também entender a proposta inaciana de comparação, “*mirar quién soy yo, disminuyéndome*” [Ej 58]. “*Es una comparación gradual y cualitativa de mi ser con el resto de la creación por la que simultáneamente asciendo hasta Dios y desciendo al fondo de mi indignancia: ¿‘pues yo solo, qué puedo ser?’* [Ej 58]. *Finalmente quedan solos y a solas frente a frente la nada y el Señor absoluto, el desamor ante Dios*”¹²². Tudo isso em vista do reencontro reconciliador entre o Criador e sua criatura.

No quinto ponto em particular, a lógica da condenação, do pecado e do inferno é rompida surpreendentemente pela misericórdia de Deus assim expressada:

“(...) discurriendo por todas las criaturas, cómo me han dejado en vida y conservado en ella; los ángeles, cómo sean cuchillo de la justicia divina, cómo me han sufrido y guardado y rogado por mí; los santos, cómo han sido en interceder y rogar por mí; y los cielos, sol, luna, estrellas y elementos, frutos, aves, peces y animales; y la tierra, cómo no se ha abierto para sorberme, criando nuevos infernos para siempre penar en ellos”[Ej 60].

O ser humano diante da realidade dos seus pecados pessoais entende logicamente que a sua história pecadora o conduz a morte e a uma distância abismal de Deus. Aqui surge a pergunta radical de como é possível a reconciliação. Onde Deus responde com a graça da sua misericórdia estendida nas realidades humanas, naturais e divinas para a salvação do ser humano. O sujeito inaciano se dá conta de que está vivo pela ação da graça de Deus e experimenta uma “exclamação de admiração com intenso afeto” [Ej 60]. Que reconcilia e reorienta a vida do exercitante desde o seu interior agradecido por esta graça imerecida.

Essa exclamação enche o ser humano de gratidão e esperança na salvação. Ele sente-se encontrado, perdoado pela misericórdia de Deus e é capaz de abrir o coração,

¹²² ARZUBIALDE, S., 202.

agora unificado, para um “Colóquio da Misericórdia” [Ej 61]. Neste momento dos exercícios, o sujeito inaciano sente-se redimido e liberado de seus pecados e não tem outra alternativa a não ser assumir na totalidade de sua vida esta experiência de reconciliação. Ela faz brotar uma postura de gratidão diante da vida e leva a configuração do sujeito inaciano ao Crucificado que reconcilia a sua história de pecado e move às novas dinâmicas de perdão, reconciliação e serviço.

3.3 Meditação do Inferno [Ej 65 – 71]

Como já vimos anteriormente, na primeira semana o exercitante se depara com a possibilidade real de que o seu fim se desvie para a perdição eterna como consequência das suas decisões. Este tema perpassa os exercícios da primeira semana e ganha mais força no quinto exercício onde Inácio propõe a Meditação do Inferno. No entanto, seguimos para este exercício com confiança e esperança renovadas na misericórdia de Deus que nos salva em Jesus Cristo, pois, a salvação é a finalidade última do ser humano.

Como peregrino¹²³ Inácio buscou durante toda a sua vida encontrar a vontade de Deus. O fim da sua peregrinação espiritual que se sustenta nos Exercícios Espirituais foi a plena comunhão com a vontade de Deus e “*estar en uno con el amor divino*” [Ej 370]. Para ele a salvação é claramente o fim do ser humano e para isso o sujeito precisará assumir um processo que o ajude a ordenar seus afetos e liberar sua vida dos pecados. Até aqui o exercitante vem vivendo esta experiência de reconciliação com Deus e consigo mesmo cada vez mais profunda.

Inácio propõe neste exercício um método onde quem recebe os exercícios caminha progressivamente para uma autêntica relação com Deus desde a ação misericordiosa do amor divino realizado na cruz de Jesus Cristo. Este caminho inaciano é sempre orientado por alguns sinais que Inácio chama de oração preparatória, preâmbulos, pontos e colóquio como já vimos nos exercícios anteriores.

A Meditação do Inferno [Ej 65-71] aponta para um futuro onde o inferno aparece como prolongamento dos pecados que podem levar a perdição eterna. Nesta meditação está em jogo a dimensão teológica do pecado e não simplesmente uma visão moralista do

¹²³ Santo Inácio em sua Autobiografia se autodesigna como “el peregrino” (Au.15).

pecado e uma imaginação aterrorizante do inferno. Não se trata de apresentar um tratado sobre o inferno, mas, entende-lo como consequência última da rejeição da graça oferecida por Deus. Ou seja, quando o ser humano dotado de sua liberdade decide pelo pecado e negando assim, o amor misericordioso do Pai.

A oração preparatória¹²⁴ é a mesma que perpassa toda a dinâmica interna dos Exercícios e se relaciona essencialmente com o Princípio e Fundamento principalmente quando refere-se ao ordenamento do ser humano para o serviço e louvor do Senhor: “*Es pedir gracia a Dios nuestro Señor, para que todas mis intenciones, acciones y operaciones sean puramente ordenadas en servicio y alabanza de su divina majestad*” [Ej 46].

A composição de lugar “*que es aquí ver con la vista de la imaginación*”¹²⁵ *la longura, anchura y profundidad del inferno*” [Ej 65.2]. Inácio convida o exercitante a ver com os olhos da imaginação o abismo aberto pelo pecado que separa a humanidade de Deus. As dimensões desta separação seria inalcançável para o ser humano sem a redenção amorosa que vem da Cruz. Sem “a largura, o comprimento e a profundidade” [Ef 3,18] do mistério do amor de Deus, que supera a tudo, e que foi levado ao extremo na radical entrega de Jesus. Pois, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” [Rm 5, 20].

Esta íntima relação entre os Exercícios Espirituais [Ej 65.2] e a carta de São Paulo aos Efésios [Ef 3,18] é importante, pois, só a partir do mistério reconciliador de Jesus Cristo que o exercitante se sente capaz de fazer a meditação do inferno proposta por Santo Inácio. “*Sólo desde la salvación comprendemos el ministerio de la posibilidad de perder a Cristo y, en él, el amor del Padre*”¹²⁶. Pois, em Cristo podemos voltar a amizade que um dia perdemos pelo pecado.

O pedido da graça: “*demandar lo que quiero: será aquí pedir interno sentimiento de la pena que padecen los dañados para que, si del amor del Señor eterno me olvidare por mis faltas, a lo menos el temor de las penas me ayude para no venir en pecado*” [Ej 65.4-5]. Aqui o exercitante pede a graça de uma experiência sensível do inferno que é a

¹²⁴ Tudo se ordena não em proveito meu, mas, a serviço de Deus. Esta oração preparatória é um retorno a experiência do Princípio e Fundamento

¹²⁵ Imaginar é a atividade própria da faculdade da imaginação. Inácio dá uma grande importância à imaginação nos Exercícios Espirituais, pois ele deseja dispor o ser humano por inteiro. A força criadora da imaginação pode tornar presente aquilo ou aquele que está fisicamente ausente. É o caso, por exemplo, na Primeira Semana, quando Inácio nos pede para imaginar o Cristo na cruz (Cf. Ej 53).

¹²⁶ ARZUBIALDE, S., 228.

separação de Deus. A pergunta que pode surgir é: em que sentido essa experiência pode ser uma graça reconciliadora?

Primeiro que este sentimento interno deve ser compreendido inacianamente, ou seja, conhecer a dimensão do pecado humano sempre diante de Deus, que leva a experiência de ser perdoado pelo amor doado na Cruz. Esta salvação gratuita e não merecida revela a dependência vital do ser humano em estar sempre unido e reconciliado com o seu Senhor; liberado para uma atitude de gratidão e serviço.

Segundo que, nesta experiência [Ej. 66-77], o exercitante é convocado em sua totalidade, com os cinco sentidos (ver, ouvir, cheirar, degustar, tocar), a mover os afetos para decidir com a sua liberdade entre uma autêntica relação com Deus ou a separação que leva ao inferno. E por fim, é também uma experiência purificadora que ajuda no amadurecimento espiritual do sujeito inaciano capaz de conformar sua vontade a vontade de Deus. Por tanto, o sentido da experiência espiritual de sentir internamente a pena dos que estão no inferno *“no es un conocimiento analítico sobre el que luego tenga que actuar la voluntad, sino que ese conocimiento es un sentir interno que provoca espontaneamente el rechazo del mal”*¹²⁷ confiando plenamente em Deus e evitando o pecado por amor ao Senhor que nos salva.

Inácio usa a condicional “si” pois sabe que neste momento dos exercícios o exercitante está envolvido pela misericórdia de Deus, impactado pelo Cristo Salvador, motivado a reorientar a sua vida para a comunhão com Deus. Os exercícios anteriores pretendiam conduzir o exercitante a certeza de que longe do amor divino é impossível se reconciliar. Por isso a resposta ao amor misericordioso antecede o temor.

No Colóquio¹²⁸ a Jesus Cristo, Inácio pede para,

“traer a la memoria las ánimas que están en el inferno; unas porque no creyeron el advenimiento; otras, creyendo, no obraron según sus mandamientos; haciendo tres partes: la primera, antes del advenimiento. La segunda, en su vida. La tercera, después de su vida en este mundo. Y con esto darle gracias, porque no me ha dejado caer en

¹²⁷ MELLONI, J., 95.

¹²⁸ “O colóquio se faz propriamente, falando como um amigo fala a outro ou como um servo a seu senhor” (Ej 54).

ninguna de estas acabando mi vida. Asimismo, cómo hasta ahora siempre ha tenido de mí tanta piedad y misericordia; acabando con un Pater noster” [Ej 71].

O colóquio no final de cada meditação nos revela que entre Deus e o ser humano se estabelece uma verdadeira relação dialogal. Neste em especial o exercitante se coloca diante da misericórdia divina encarnada na pessoa de Jesus. Ao falar dos três grupos de condenados ao inferno: antes, durante e depois da vinda de Cristo neste mundo [Ej 71]. Inácio está colocando a Jesus Cristo no centro da História da Salvação. E leva o exercitante a sempre dar graças pela vida que se sustenta na misericórdia do Pai.

Ao propor terminar com um Pai Nosso recorda ao exercitante sua condição filial, de ser filho no Filho. Nesta oração o sujeito inaciano pode recolher elementos essenciais para a reconciliação com Deus como o desejo de que a vontade do Pai seja realizada, o perdão de Deus e a disposição em perdoar aos ofensores, o pedido para não cair na tentação e a libertação do mal.

Mesmo diante das realidades de hoje que resistem as meditações dos pecados e do inferno, entendemos como Santo Inácio ser estes exercícios essenciais para a experiência de salvação misericordiosa que o exercitante necessita. Uma vez que entendemos o objetivo e a unidade da primeira semana é possível avançar confiante de que o mal, o pecado e o inferno não tem a última palavra. A Trindade que cria o ser humano a sua imagem e semelhança é também aquela que diz: *“hagamos redención del género humano”* [Ej 107]. Esta redenção se torna plena na entrega de Jesus na Cruz que nos reconcilia com Deus. O fim mais radical do ser humano, portanto, não é o pecado que conduz ao inferno, mas sim a acolhida da misericórdia de Deus que nos conduz a salvação.

4. Exercícios Espirituais e a reconciliação com a criação

A experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio inspira uma relação justa com toda a criação e implica dentre outras coisas o reconhecimento das criaturas como dom de Deus e a tarefa do ser humano na terra, nossa “casa comum”. Esta inspiração inaciana nos ajudará a uma reconciliação com a criação desde um profundo processo espiritual que o sujeito inaciano está chamado a fazer nos Exercícios.

O processo dos Exercícios está profundamente relacionado com a experiência de Deus vivida por Santo Inácio no seu caminho de conversão como notamos no primeiro capítulo. Podemos perceber a relação de alguns momentos da sua vida com a proposta inaciana dos exercícios que contribui com esta fundamental reconciliação com a criação, missão que se atualiza na Companhia de Jesus e que é tão urgente para os nossos dias.

S. Inácio ainda em Loyola no início da sua conversão vive uma experiência que ilumina sua relação positiva com parte da criação: *“Y la mayor consolación que recibía era mirar el cielo y las estrellas, lo cual hacía muchas veces y por mucho espacio, porque con aquello sentía en sí un muy grande esfuerzo para servir a Dios nuestro Señor”* [Au 11]. Esta mirada para a criação leva a movimentos internos que o consola e faz sentir esforço para o serviço de Deus. Mas, é na experiência mística que prepara a Iluminação do Cardoner que sua mirada sobre a criação ganha mais profundidade: *“Una vez se le represento en el entendimiento con grande alegría espiritual el modo com que Dios había criado el mundo”* [Au 29]. Em Manresa Inácio faz a experiência de que toda a criação saiu das mãos de Deus.

Com estes dois exemplos, já possuímos elementos suficientes que deixaram marcas profundas em Inácio e o levou a experimentar a criação como dom de Deus. Eles aparecem com muita força no início e no final dos Exercícios com o Princípio e Fundamento e a Contemplação para Alcançar o Amor. Com isso, fazemos notar que o chamado à reconciliação com a criação aparece em toda a dinâmica interna dos Exercícios, como tentaremos demonstrar nesta última parte do nosso trabalho.

4.1 A reconciliação com a criação no Princípio e Fundamento

Nas primeiras palavras do Princípio e Fundamento: *“El hombre es criado”* [Ej 23], Santo Inácio parte da importância do ser humano em reconhecer-se como criatura. O ser criatural é uma experiência de relação consciente com o seu Criador e com as demais criaturas. O lugar do ser humano diante de Deus e da criação é muito importante na espiritualidade inaciana. O Papa Francisco se refere ao gravíssimo pecado do ser humano, quando ele não reconhece o seu lugar e a sua missão na criação:

“(…) a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. (...) Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (cf. Gn 3, 17-19)¹²⁹.

Um pecado que rompe a relação vital, gratuita e amora com Deus e fere profundamente a relação de cuidado e respeito para com a criação.

O riquíssimo texto inaciano do Princípio e Fundamento também nos dá a consciência de que toda a criação tem sua origem em Deus e encontra nele o seu fim: “*Y las otras cosas sobre la haz de la tierra son criadas para el hombre, y para que le ayuden en la prosecución del fin para que es criado*” [Ej 23]. Esta teologia da criação encontrada nos Exercícios está em plena consonância com o relato da criação do livro do Gênesis [Gn 1, 1-31] onde confirmamos a origem divina e a bondade da criação.

Reconhecer o dom da criação, ou seja, a sua condição criatural e a sua tarefa diante das coisas criadas coloca o ser humano na dinâmica do tanto quanto, da indiferença inaciana e do mágis que também são elementos essenciais do Princípio e Fundamento. Estas claves inacianas no início da experiência dos Exercícios, contribuem para a reconciliação do ser humano com a criação. E isto implica uma “conversão ecológica” que necessita ser assumida pelo ser humano desde o Princípio e Fundamento.

A conversão ecológica reconcilia o ser humano com a criação quando ele é capaz de não se apropriar dos dons recebidos que, antes de tudo, pertencem a Deus; mas, usar deles “tanto quanto ajude para o seu fim” [Ej 23]. É necessário converter a exploração da criação carregada dos afetos desordenados do ser humano e que gera injustiça social com a indiferença inaciana. Esta atitude é uma graça dos Exercícios Espirituais para o sujeito inaciano que é chamado a buscar com liberdade interior a vontade de Deus. E mais, que o querer divino oriente os seus desejos em sua relação com a criação. “*Se nos pide que discernamos cuidadosamente nuestra relación con la creación y que seamos indiferentes,*

¹²⁹ FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*, *Sobre o cuidado da casa comum*, Paulus – Loyola, São Paulo 2015 (LS n.66).

*esto es, que desarrollemos una libertad interior para ver las cosas creadas en su relación con Dios y sus planes para el bien común de la humanidad*¹³⁰”.

4.2 A reconciliação com a criação na Contemplação para Alcançar o Amor

A reconciliação do ser humano com a criação aparece de forma mais contundente na Contemplação para alcançar o amor onde o sujeito inaciano vive a profunda experiência de que o universo inteiro e todas as realidades “vivem, se movem e existem¹³¹” em Deus. É interessante perceber como já sinalado antes que, na experiência da Iluminação do Cardoner, Santo Inácio entende com grande alegria espiritual o modo como Deus cria o mundo [Au 29]. E esta experiência se relaciona com a Contemplação para alcançar o amor onde Deus se manifesta comunicando o seu amor em toda criação. Existe algo intimamente comum entre a criação e o amor salvador de Deus que nos reconcilia. Estão orientados para o mesmo fim e brotam da mesma fonte de amor inesgotável do Criador e Salvador.

O próprio Santo Inácio começa este exercício fazendo notar que a primeira coisa é “*que el amor se debe poner más en las obras que en palabras*” [Ej 230]. Com isso, o exercitante é levado a experimentar a presença de Deus que sempre cria e recria a criação em seu amor. Por um lado, o amor de Deus que obra em toda a criação. Por outro, esse amor também deve se expressar em nossa resposta concreta ao “*ofrecernos con gran generosidade para sanar nuestra relación con la creación*¹³²”.

A Contemplação para Alcançar o Amor coloca o sujeito inaciano em uma profunda dinâmica de reconciliação com a criação. Observando bem notamos que “*la petición de gracia contiene un programa de vida con repercusiones ecológicas*”¹³³. Nela pedimos primeiramente o conhecimento interno de tanto bem recebido [Ej 233] onde estão incluídos “*los beneficios recibidos de creación*” [Ej 234].

Desde este reconhecimento de “*cómo todos los bienes y dones descienden de arriba (...) así como del sol desciende los rayos, de la fuente las aguas*” [Ej 237] o

¹³⁰ “Sanar un mundo herido”, *Promotio Iutitiae* 106 (2011/2) 35 n. 46.

¹³¹ *Atos* 17, 28.

¹³² “Sanar un mundo herido”, 36 n. 48.

¹³³ LIBÂNIO, J., “Ecología”, em *DEI* I, 669-673.

exercitante é levado a reconhecer o sagrado presente na criação onde Deus habita nas criaturas: “*en los elementos dando ser, en las plantas vegetando, en los animales sesando, en los hombres dando entender*” [Ej 235]. Trabalhando e atuando por mim em todas as coisas criadas [Ej 236].

A segunda parte do programa de vida ecológica do ser humano sugerida na petição da graça é “*para que yo enteramente reconociendo, pueda en todo amar y servir a su divina majestade*” [Ej 233]. Reconhecer que Deus se doa, habita e trabalha na criação deve mover o ser humano para o serviço, o cuidado e a proteção da casa comum. A reconciliação com Deus, conduz necessariamente a reconciliação do ser humano com a criação chamado a ser agradecido, a habitar harmoniosamente com todas as criaturas e a servir o Deus criador se comprometendo social e comunitariamente com a criação. O ser humano pode encontrar a Deus na natureza e se reconciliar com a criação cuja bondade e beleza o inspira ao serviço.

Além do Princípio e Fundamento e da Contemplação para alcançar o amor podemos considerar outros elementos dos Exercícios Espirituais que ajudam o sujeito iniciano em seu processo de reconciliação com a criação como na primeira semana dos exercícios e na meditação da encarnação.

A criação como dom de Deus para a humanidade e a sua presença atuante em todas as criaturas deve levar o ser humano a uma relação reconciliada com Deus e com a criação. No entanto, o pecado fere a criação, gera injustiças sócio ambientais e desconfigura o projeto do Deus criador.

No colóquio [Ej 60] do exercício sobre a meditação dos pecados vamos encontrar na *exclamación admirative* a criação inteira como expressão da misericórdia divina: “*discurriendo por todas las criaturas, cómo me han dejado en vida y conservado en ella (...) los cielos, sol, luna, estrellas y elementos, frutos, aves, peces y animales; y la tierra, cómo no se ha abierto para sorberme, criando nuevos infiernos para siempre penar en ellos*” [Ej 60]. Nossa realidade pecadora é confrontada e surpreendida com a bondade da criação. Por mais que o ser humano violente a criação com todo tipo de exploração ela conserva a sua bondade de criatura.

Também no mistério da encarnação, Deus entra na história do mundo e participa da natureza humana. Com a Encarnação [Ej 101-109] o mundo e toda a criação se torna lugar de experiência e de encontro com Deus. Jesus nasce em um lugar concreto,

comparte com o ser humano a casa comum e a relação básica com as coisas criadas. E no mistério pascoal com a sua ressurreição renova toda a criação. Segundo São Paulo, “o mundo alcança sua perfeição no Cristo Ressuscitado” [2 Cor 5, 1-22].

Com esses elementos inicianos da reconciliação em relação a criação é inevitável ver a Deus presente e atuante na criação, mas também, nos deparamos com uma realidade contrária ao projeto de Deus, onde a criação se encontra ameaçada e ferida. Reconciliando-se com Deus Criador e consigo mesmo como parte da criação, o exercitante é chamado a “*renovar as fuentes de nuestra espiritualidad ignaciana que nos invita a reconocer el valor de la vida presente en la creación, a dar gracias por ella y a comprometernos con su prosperidade*”¹³⁴. Este deve ser o modo do sujeito iniciano no mundo em relação com a criação.

5. Conclusão

Neste capítulo buscamos recolher nos Exercícios Espirituais de Primeira Semana, principalmente no Princípio e Fundamento e nas Meditações, alguns elementos inicianos que são claves no processo de reconciliação do sujeito com Deus. Esta reconciliação primordial alcança necessariamente a relação do sujeito iniciano consigo mesmo, com a criação, como vimos na última parte desde capítulo, e com as diversas realidades como fruto deste processo espiritual.

No Princípio e Fundamento o exercitante toma consciência de sua condição criatural. Ele não se pertence a si mesmo, pois, a sua origem e o seu fim está em Deus. Por isso, pela indiferença iniciano o ser humano é chamado a ordenar sua vida para o seu princípio e fundamento. E isto se faz com a graça da liberdade interior diante das coisas criadas. Livre e dependente de Deus o exercitante se dispõe a conformar sua vida à vontade divina. Este processo não é fácil, pois, como Santo Inácio, todos somos feridos pelo pecado e rompemos nossa relação original com Deus.

Faz-se necessário que antes de entrar na história do pecado, o exercitante entre na dinâmica dos Exercícios sustentado pelo amor Criador e Absoluto da sua vida. Somente

¹³⁴ “Sanar un mundo herido”, 44 n. 46.

a partir do Princípio e Fundamento é possível tocar nas feridas do pecado para tecer relações justas com Deus, com o outro e com a criação.

Este movimento criacional e relacional no início dos exercícios é rompido pelo pecado conduzirá o exercitante a um processo de reconciliação com Deus. Esta experiência será sempre favorecida pela dinâmica interna dos Exercícios por meio das meditações, das orações e de modo especial dos colóquios que sempre coloca o sujeito inaciano em relação de íntima amizade com Deus. As meditações com as potências, sobre o pecado e o inferno conduziram o exercitante a sentir aborrecimento e dor dos seus pecados, a conhecê-los internamente diante de Deus e sentir-se agradecido pela misericórdia divina que alcançou imerecidamente a sua vida.

Nos Exercícios Espirituais o exercitante experimenta a misericórdia de Deus como perdão, dom que converte, transforma, reconcilia e leva o sujeito inaciano a se comprometer com o ministério de reconciliar. Nas meditações da Primeira Semana tal como propõe Santo Inácio é possível começar um caminho de reconciliação que leva a cabo um encontro pessoal com Deus e que abre o sujeito a novas relações.

O exercitante sai da experiência convencido de que a misericórdia de Deus manifestada em Jesus Cristo é a causa última de toda a sua transformação. Deixar-se perdoar e simplesmente agradecer. E com a gratidão de reconhecer-se pecador perdoado mira novos horizontes para colaborar na transformação de outras realidades, incluso a sanar a criação ferida desde a experiência dos exercícios. *“Inflamados en la misericórdia de Cristo, podremos comunicarla a los que encontramos en el camino. Esta experiencia fundante de la misericórdia de Dios ha sido siempre fuente de aquella audacia que la Compañía ha portado como marca, y que es nuestro deber preservar”*¹³⁵.

Ao final deste capítulo, fazemos notar que a primeira semana não esgota os elementos reconciliadores presentes em toda a dinâmica interna dos Exercícios. Faz-se necessário compreender a relação dos exercícios e a reconciliação também presente na segunda, terceira e quarta semana, o que infelizmente não foi possível fazer neste trabalho. Mas, uma vez que vimos como o sujeito de primeira semana é reconciliado consigo mesmo e com Deus principalmente nas meditações da primeira semana,

¹³⁵ CG 36, d. 1, n. 19.

passemos agora para o terceiro capítulo que tratará sobre a missão que este mesmo sujeito é chamado a assumir depois de experimentar a misericórdia de Deus que o reconcilia.

CAPÍTULO 3

A missão de reconciliar os desavindos

Analisando a constituição da palavra “re-con-ciliação” vamos encontrar um significado que ajuda em uma primeira e geral aproximação do objetivo que desejamos alcançar neste último capítulo que é perceber a importância da missão reconciliadora que a Companhia de Jesus e o sujeito inaciano estão chamados a assumir. Juntando cada elemento que constitui este termo resultará em “volver – juntos – chamada¹³⁶”.

Esta significação do ponto de vista do nosso trabalho foi justamente o que buscamos desenvolver nos capítulos anteriores: “volver” primeiramente a Deus em um processo de conversão pessoal como fez S. Inácio, conduzido por uma dinâmica espiritual que o abriu à novas relações. Por isso mesmo, não se faz sozinho, mas “juntos” com a graça de Deus que o perdoa e o move a responder com gratidão, serviço e generosidade a “chamada” que brota desta experiência fundante.

A “chamada” é a mesma recebida desde a criação: “o ser humano é criado para” [Ej 23]. Uma vez que participa da história do pecado, a vocação do ser humano necessita de conversão e será confirmada na acolhida do dom do perdão que brota da cruz. É diante do crucificado [Ej 53] que o sujeito inaciano é reconciliado e recebe o ministério da reconciliação [2Cor 5, 18]¹³⁷.

¹³⁶ LOPES, E., “La espiritualidad de la reconciliación en JRS”, *Review of Ignatian Spirituality* 42 (2011), 1 -7.

¹³⁷ “Tudo vem de Deus, que, por Cristo, nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação”.

Consciente deste processo de conversão, perdão e missão, a Companhia de Jesus na Congregação Geral 36 renova a chamada ao mistério de reconciliar. Uma convocação que é fruto do discernimento à luz de uma espiritualidade encarnada na realidade. Que escuta desde a chamada do Rei Eternal [Ej 91] e mira o mundo com os olhos da Trindade [Ej 102] para buscar responder nos dias de hoje a missão de reconciliação assim definida pela Congregação Genral 36: *“Esta reconciliación es siempre obra de la justicia; una justicia discernida y formulada por las comunidades y contextos locales. En el centro de la obra de la reconciliación de Dios se encuentra la luz de Cristo y también nuestra participación en ella”*.

S. Inácio e os primeiros companheiros foram homens de fé marcados por um carisma que necessariamente abria seus olhos para verem e se encarnarem nas diversas realidades. Foram impulsionados por um processo espiritual para o serviço entregando suas vidas pela salvação das almas e maior glória de Deus. Para alcançar este fim eles se dedicaram a muitos e diversos ministérios. O'Malley faz constar que *“tendían, especialmente en los primeros años, a considerarse a sí mismos como pacificadores y promotores de la reconciliación en todos los sectores de la sociedad¹³⁸”*.

Antes de chegar ao ministério específico de reconciliar os desavindos será importante percorrer um itinerário que antecedeu a explicitação desta obra de caridade corporal na Fórmula do Instituto de 1550. Isto nos leva a experiência de vida e missão que os primeiros companheiros assumiram nas origens da Companhia.

Para aprofundar mais e melhor o tema da reconciliação buscaremos primeiramente entender o seu significado geral, retomar alguns elementos bíblicos e teológicos para enfim discorrer a partir da Fórmula do Instituto o tema da reconciliação como missão da Companhia de Jesus.

1. Significado geral de Reconciliação

Neste momento do nosso trabalho convém aclarar o significado geral da palavra reconciliação que perpassa a dinâmica desta reflexão. Existem várias matizes para

¹³⁸ O'MALLEY, J., *Los primeros jesuitas*, Mensajero-Sal Terrae, Bilbao 1993, 96

compreender o termo reconciliação. Em uma primeira abordagem, reconciliação se origina do latim *reconciliatio*. Traduzindo para o espanhol, o verbo *reconcilare* significa em Covarrubias: “*Bolverse a juntar y hazerse amigos los que se avían desgraciado entre sí, uno con otro (...); y éstos se llaman reconciliados, con los cuales se ha de tratar, no sin algún recato*”¹³⁹. Em outros dicionários fala de: “*Volver a las amistades, o atraer y acordar los ánimos desunidos*”. “*Restituir al gremio de la Iglesia a alguien que se había separado de sus doctrinas*”. “*Oír una breve o ligera confesión*”. “*Bendecir un lugar sagrado, por haber sido violado*”¹⁴⁰. Os verbos que aparecem no início destas definições: *volver, restituir, oír, bendecir* apontam para uma ação que implica necessariamente uma relação. Neste trabalho consideramos especificamente da reconciliação do ser humano com Deus que implica a reconciliação consigo mesmo, com os demais e com toda a criação.

Para além do campo teológico a reconciliação atualmente é utilizada principalmente nos âmbitos jurídicos, administrativos, psicológicos e políticos. Nestes casos se evidenciam mais a gestão e resolução de conflitos por meio de processos de conciliação entre as duas partes envolvidas. A técnica de conciliação é estratégica para diversos contextos conflituosos e normalmente utilizadas nas demandas trabalhistas, penais, conjugais e demais situações sociais onde se deseja superar os conflitos e a violência.

O conflito e a violência são elementos importantes que compõe o universo da reconciliação e podem iluminar a nossa compreensão sobre este termo do ponto de vista mais amplo. As realidades conflituosas e violentas remetem sempre a ideia de choque, de atrito, de luta entre pessoas, classes, grupos e nações. Neste sentido a reconciliação pode ser um autêntico instrumento para superação das diversas situações de tensões principalmente diante dos grandes desafios que ameaçam a humanidade.

No mundo atual com a forte demanda de violência humanitária e ecológica que geram conflitos políticos e sociais como a guerra, o terrorismo, a corrupção, o forçado deslocamento populacional, massacre das minorias e dos povos originários,

¹³⁹ COVARRUBIAS, S. de, 898.

¹⁴⁰ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, “Reconciliación”, em *Diccionario de la Lengua Española*, (22ª edición), Madrid 2002, 1916.

fundamentalismos e graves violações dos direitos humanos é de fundamental importância resgatar o lugar da reconciliação integral nesta grande crise socioambiental.

Sem dúvida que a raiz de muitos desses problemas se encontra no coração dividido e ferido do próprio ser humano. Por isso, consideramos muito importante a dimensão psicológica que trata dos conflitos pessoais de cada sujeito. O processo de desenvolvimento psíquico das pessoas e as suas histórias pessoais são acompanhadas por crises, rupturas, feridas que reclamam por reconciliação com o seu eu, com a família, com as suas dores. Em uma última palavra com a sua história mesma em vista de uma vida pessoal e social mais plena.

Depois desta ampla mirada sobre a reconciliação que de antemão é possível afirmar que pode abarcar todas as dimensões da vida, queremos agora focar e aprofundar na dimensão bíblica teológica deste termo. Passaremos das técnicas jurídicas, administrativas, políticas para uma experiência teológica da reconciliação.

Esta nova perspectiva nos ajudará a compreender um sentido de reconciliação a partir do Deus reconciliador que por meio de Jesus Cristo reconcilia a tudo e a todos. Também tentaremos resgatar como a Igreja foi entendendo e assumindo a reconciliação em alguns contextos eclesiais. Estes elementos bíblicos teológicos são importantes para o nosso trabalho, pois, neles encontraremos a Jesus, referência e sustentação do ministério da reconciliação assumido pelos primeiros jesuítas e conseqüentemente pela Companhia.

1.1 Uma mirada bíblica e teológica

Partimos da afirmação de que o tema da reconciliação é central na Palavra de Deus, pois, em toda a história da salvação Deus manifesta a sua vontade em reconciliar-se com o seu povo. Entenda-se manter a relação vital que conduz o ser humano a salvação. A plenitude desta reconciliação tão querida por Deus se dá única e definitivamente por meio de Jesus Cristo. Para entendermos melhor o sentido bíblico, cristão e teológico deste termo, elegemos os textos paulinos, pois, são os que melhores recolhem e explicitam a reconciliação¹⁴¹.

¹⁴¹ *Katallasso* – *Katallagé* termo bíblico para designar reconciliação em grego utilizado por São Paulo.

Paulo referem-se principalmente a reconciliação com Deus [Rom 5, 10; Col 1, 20.22; Ef 2, 16] e com os demais [1 Cor 7.11; 2 Cor 5, 17-20]. Em suas cartas deixa claro que o sujeito reconciliador é o próprio Deus e que o Filho é o agente da reconciliação [Rom 5, 10; 2 Cor 5, 19]. Jesus Cristo nos mistérios de sua encarnação, vida, morte e ressurreição realizou a reconciliação para sempre como atesta Col 1, 19-22.

O ministério da reconciliação então, é dom de Deus dado a toda a Igreja. A continuidade deste ministério por cada um de nós está conectada com o mesma reconciliação oferecida e realizada definitivamente por Jesus que pôs fim a inimizade entre Deus e os homens por causa do pecado [2 Cor 5,19] oferecendo a salvação [Rom 5, 10]. *“La reconciliación consiste, por tanto, en unir lo separado, en cancelar la deuda, en conducir a la amistad desde la enemistad, en traer a la paz desde la ruptura¹⁴²”*.

A experiência fundamental de reconciliação desde a acolhida do amor misericordioso do Pai é capaz de unir, liberar e capacitar o ser humano para a construção da justiça e da paz. Os escritos paulinos dão horizontes para vislumbrar um teologia da reconciliação desde o ponto de vista *cristológico, social e eclesiológico* e por último, *cósmico*¹⁴³.

Nos textos de Romanos e Coríntios podemos encontrar apoio para falar da reconciliação à luz da cristologia. Em Rom 5, 10 – 11: *“Pues si, siendo enemigos, Dios nos reconcilió consigo por la muerte de su Hijo, mucho más, reconciliados ya, nos salvará para hacernos partícipes de su vida. Y no sólo esto, sino que nos sentimos orgullosos de un Dios que ya desde ahora nos ha concedido la reconciliación por medio de nuestro Señor Jesucristo”*. É o sacrifício da cruz assumido com liberdade e obediência por Jesus que primeiro nos reconcilia com Deus.

O texto de 2 Cor 5, 18-20 segue confirmando a mediação de Cristo na reconciliação com Deus. Este mesmo Deus no Filho nos confia o ministério da reconciliação:

¹⁴² BOROBIO, D., “Penitencia, El Dios de la”, em *Diccionario Teológico El Dios Cristiano* (XABIER PIKAZA, O. de M. / NEREO SILANES, O.S.S.T., eds.), Secretariado Trinitario, Salamanca – España 1992, 1073 – 1087.

¹⁴³ Cristológico: Cristo é o mediador através do qual Deus reconcilia consigo à humanidade. Social e eclesiológico: Cristo reconcilia com Deus y entre si a grupos humanos (judeus e gentis). Cósmico: a reconciliação de tudo em Cristo e por Cristo. Também pode encontrar referência a esta tripartição teológica em COMBLIN, J., “O tema da reconciliação e a teologia na América Latina”, *Revista Eclesiástica Brasileira* 46 (1986) 276-294.

“Todo viene de Dios, que nos ha reconciliado consigo por medio de Cristo y nos ha confiado el ministerio de la reconciliación. Porque era Dios el que reconciliaba consigo al mundo en Cristo, sin tener en cuenta los pecados de los hombres, y el que nos hacía depositarios del mensaje de la reconciliación. Somos, pues, embajadores de Cristo, y es como si Dios mismo os exhorta por medio de nosotros. En nombre de Cristo os suplicamos que os dejéis reconciliar con Dios”.

Estas duas fundamentações bíblicas cristológicas da reconciliação nos coloca diante da obra reconciliadora de Deus que deseja e realiza a salvação da humanidade por meio de Jesus Cristo, assim como no mesmo Cristo nos compromete com o ministério da reconciliação. A iniciativa da reconciliação é sempre de Deus que primeiro nos reconcilia com Ele por Jesus. A reconciliação não se trata primeiramente de um esforço humano e pessoal para alcançá-la, mas, é antes de tudo dom e graça de Deus.

Nossa tarefa neste processo é confiar na ação misericordiosa de Deus na vida do ser humano e colaborar respondendo com generosidade à essa experiência do Amor sem limites que abraça a nossa história pecadora. Esta experiência alcança nossa realidade de pecado e nos faz sentir perdoados e chamados a reconstruir uma humanidade mais reconciliada. É a partir dessa experiência que somos enviados por Deus para o serviço da reconciliação que ele nos confia como depositários desta mensagem e embaixadores de Jesus Cristo.

Do ponto de vista social e eclesial podemos recolher alguns elementos do texto de Ef 2, 12 – 18 que fala da reconciliação entre judeus e gentis:

“Recordad cómo en otro tempo vosotros (...) estuvisteis sin Cristo (...) ajenos a la alianza y a su promesa, sin esperanza y sin Dios en el mundo. Ahora, en cambio, por Cristo Jesús y gracias a su muerte, los que antes estabais lejos os habéis acercado. Porque Cristo es vuestra paz. Él ha hecho de los dos pueblos uno solo, derribando el muro de enemistad que los separaba. (...) Él ha creado en sí mismo de los dos pueblos una nueva humanidad, restableciendo la paz. Él ha reconciliado a los dos pueblos con Dios uniéndolos en un solo cuerpo por medio de la cruz y destruyendo la enemistad”.

A inimizade e o distanciamento na relação com Deus afeta drasticamente nossa relação com os demais criando divisões, conflitos e injustiças em diversas realidades e dimensões da vida. A unidade entre judeus e gentios é um exemplo de superação dos muros da inimizade em vista da reconciliação que traz a verdadeira paz. Paulo em sua carta aos Efésios incorpora no processo de reconciliação dos dois povos e deles com Deus

o elemento da unidade do corpo por meio da cruz. Esta realidade nos remete necessariamente ao mistério do Corpo de Cristo que se dá na Eucaristia garantindo a unidade do corpo eclesial e sua missão no mundo.

E por fim, a dimensão cósmica da reconciliação onde segundo a Carta de São Paulo aos Colossenses 1, 19-20 tudo será reconciliado em Cristo: *“Dios, en efecto, tuvo a bien hacer habitar en él la plenitud, y por medio de él reconciliar consigo todas las cosas, tanto las del cielo como las de la tierra, trayendo la paz por medio de su sangre derramada en la cruz”*.

A reconciliação que possui matizes espirituais, humanas, sociais alcança toda a criação reconhecendo-a como dom de Deus e casa comum. Neste lugar de relação com Deus e com os outros, a humanidade recebe a importante tarefa de cuidar, preservar e reconciliar-se com a criação. Esta missão se torna ainda mais urgente diante da atitude de violência e diversos tipos de exploração que fere o mundo em que vivemos. A resposta de Deus para as realidades fraturadas é a sempre possibilidade de atualizar a reconciliação com Ele por meio de Jesus até que Deus seja tudo em todos.

Segundo o papa Francisco em sua Encíclica *Laudato Si*¹⁴⁴: *“No hay dos crisis separadas, una ambiental y otra social, sino una sola y compleja crisis socio-ambiental. Las líneas para la solución requieren una aproximación integral para combatir la pobreza, para devolver la dignidad a los excluidos y simultáneamente para cuidar de la naturaleza”*. Assim, também do ponto de vista bíblico, teológico e cristão podemos falar de uma reconciliação integral que alcança e se relaciona com todas as dimensões da vida e da realidade do ser humano e implica a reconciliação com Deus, com os demais e com a criação como bem formula a Congregação General¹⁴⁵ 35 e 36 da Companhia de Jesus.

A Reconciliação *“indica algo en relación con los otros, con el Otro, y tiene por finalidad unir lo que está separado, relacionar lo dividido. La reconciliación pone el acento en el encuentro, la unidad y la paz. Por lo que cobra una gran importancia la mediación reconciliadora, bien sea en relación con Dios, con la Iglesia, consigo mismo, con los hermanos, con la creación entera”*¹⁴⁶. Junto a este conceito teológico de reconciliação podemos implicar também duas realidades bíblicas teológicas fundamentais:

¹⁴⁴ LS n. 139.

¹⁴⁵ CG 35 d. 3; CG 36 d. 1, n. 21.

¹⁴⁶ BOROBIO, D., “Penitencia, El Dios de la” em *Diccionario Teológico El Dios Cristiano*.

a amizade com Deus como dom e graça e a ruptura desta relação que é a inimizade com Deus gerada pelo pecado somente superado por um autêntico processo de reconciliação.

1.2 Uma mirada eclesial

Por muito tempo a reconciliação foi sendo concebida na Igreja como expiação dos pecados. Depois foi se restringindo unicamente ao sacramento da penitência onde o penitente confessa a Deus os seus pecados. Este movimento de expiação dos pecados que descompromete o ser humano, o a concepção mais moralista do sacramento da reconciliação foi levando a um esvaziamento do sentido bíblico teologal da experiência reconciliadora como faz notar Alemany: *“se restringiendo la reconciliación al sacramento de la reconciliación o penitencia, como un acto particular que tiene lugar entre el penitente y Dios através de la confesión individual, despojando de su peso teológico en el mistério de Cristo y de su carácter social”*¹⁴⁷.

É interessante perceber o esforço eclesial para recuperar o verdadeiro sentido teológico da reconciliação em consonância com o mistério e a missão de Jesus Cristo. O Concílio Vaticano II recupera explicitamente o termo “reconciliação” desde o ponto de vista do diálogo, que é uma atitude fundamental da Igreja em relação ao mundo. E de modo mais implícito e não menos importante, o Concílio coloca a Igreja como sacramento e instrumento de reconciliação: *“a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano”*¹⁴⁸. A reconciliação como missão da Igreja se torna ainda mais urgente em nosso tempo onde esta união se encontra ameaçada nas dimensões espirituais, sociais, culturais do ser humano.

Podemos encontrar referências diretas à reconciliação em diversos documentos do Concílio Vaticano II. A reconciliação em Deus e com os outros¹⁴⁹; a reconciliação com o mundo: *“para estabelecer a paz ou a comunhão com Ele e uma sociedade fraterna entre os homens, apesar de pecadores, Deus determinou entrar de modo novo e definitivo na história dos homens, enviando o seu Filho na nossa carne para, por Ele, arrancar os*

¹⁴⁷ ALEMANY, J. M^a., “ El servicio de la Reconciliación”, *Sal Terrae* 90 (2002) 783-794.

¹⁴⁸ *Lumen Gentium*, 1.

¹⁴⁹ *Gaudium et Spes*, 22.

*homens ao poder das trevas (...) e n'Ele reconciliar o mundo consigo*¹⁵⁰. A reconciliação por meio de Jesus Cristo como príncipe da paz que reestabelece a unidade dos povos em um só corpo¹⁵¹; a reconciliação dos cristãos orientais e ocidentais¹⁵² e entre todos os cristãos¹⁵³; e por fim faz uma alusão direta à reconciliação dos judeus com os gentios¹⁵⁴.

Na mesma linha do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI no *Ano Santo da Reconciliação*, retoma aspectos importantes que nos ajuda a entender melhor o significado mais profundo deste termo: “*La reconciliação, en su doble aspecto de paz recuperada entre Dios y los hombres y de los hombres entre si, es el primer fruto de la redención*¹⁵⁵” e termina sua exortação: “*Dirigimos nuestra invitación al pleno restablecimiento del bien supremo de la reconciliación con Dios, dentro de nosotros y entre nosotros*”¹⁵⁶. Em esta última citação, além da reconciliação com Deus e entre os homens, como já havia sinalizado antes, ele acrescenta a dimensão da reconciliação que acontece dentro de cada ser humano.

Também o Papa João Paulo II na sua exortação apostólica pós-sinodal de 1984, *Reconciliatio et Paenitentia*, trata o tema da reconciliação como remissão dos pecados, mas também, como uma missão assumida pela Igreja para a superação dos conflitos no mundo: “*La Iglesia promueve una reconciliación en la verdade, sabiendo bien que no son posibles ni la reconciliación ni la unidad contra o fuera de la verdade*¹⁵⁷”. Encarar a verdade não reconciliada da realidade, muitas vezes espedaçada pelas injustiças é um passo fundamental para a promoção de uma autêntica reconciliação.

2. Sentido Inaciano de Reconciliação

Para entender a missão da Companhia de Jesus do ponto de vista da reconciliação é de fundamental importância ter diante dos olhos as fontes inacianas que nos ajudam a

¹⁵⁰ *Ad Gentes*, 3.

¹⁵¹ *Gaudium et Spes*, 78.

¹⁵² *Unitatis Redintegratio*, 15.

¹⁵³ *Ibid.*, 24.

¹⁵⁴ *Gaudium et Spes*, 6.

¹⁵⁵ PABLO VI, “Exortación Apostolica Pater cun benevolentis”, *Eclesia 1722* (1975).

¹⁵⁶ *Ibid.*

¹⁵⁷ JUAN PABLO II, *Exortación Apostólica Reconciliatio et Paenitentia*, Paulinas, Madrid 1984, 31 n. 9.

redescobrir a ação do Espírito permanentemente atuante neste Instituto. Ontem e hoje a Companhia só compreende a graça recebida de Deus e o modo de responder a esta chamada, centrada em seu Senhor e encarnada na realidade como veremos a partir de alguns pontos da sua história.

A história vital da Companhia de Jesus é antes de tudo a experiência de vida e missão de Inácio de Loyola e dos seus primeiros companheiros. É a partir dos seus mais profundos desejos de colocar as suas vidas à serviço de Deus e do próximo que vamos entendendo sobre o fim da Companhia, os meios para alcançar este fim e como pouco a pouco foi sendo gerado o termo: “*Reconciliar a los desavenidos*” que está presente na Fórmula do Instituto de 1550.

A Fórmula do Instituto tem suas raízes nas *Deliberaciones de los Primeros Companheiros*¹⁵⁸ de 1539. Neste documento fundante da Companhia de Jesus vamos encontrar o processo de discernimento vivido por Inácio e pelos primeiros companheiros “*para tratar unos con otros de esta vocación nuestra y modo de vivir*”¹⁵⁹. Ou seja, para deliberar a partir da busca da vontade de Deus sobre a vocação e a fórmula de vida que este grupo de “amigos no Senhor”¹⁶⁰ estavam sendo chamados a viver.

Este grupo deliberativo era muito diverso geograficamente¹⁶¹ e possuíam distintas sentenças e opiniões. Mas, como atesta o documento “*a ninguno debe parecer extraño que entre nosotros, débiles y frágiles, ocurriera esta pluralidad de sentencias*”¹⁶². Pois, confiavam plenamente na eficácia do intenso processo de discernimento pessoal e comunitário que iriam viver em busca da vontade de Deus para a Companhia. Além disso, apesar das diferentes nações tinham “*un mismo corazón y voluntad*”¹⁶³.

O discernimento desde sempre marcou a vida de Inácio e conseqüentemente foi sendo assumido na primitiva Companhia de Jesus onde os primeiros companheiros tinha diante de si perguntas sobre as “*cosas que tocaban a nuestra vocación*”¹⁶⁴. Para além da diversidade, entre eles existia um elemento essencial: a unidade de mente e coração para

¹⁵⁸ DPP. Documento que revela o processo de deliberação e discernimento comunitário dos primeiros padres da Companhia de Jesus durante a Quaresma de 1539 – Roma. Foi redatado em latim e publicado criticamente em Monumenta Constitutionum Praevia (Mco I, 1-7).

¹⁵⁹ DPP 1.1.

¹⁶⁰ Expressão utilizada por Santo Inácio em carta a Juan Verdolay, julho de 1537, Epp I, 119-123.

¹⁶¹ Franceses, espanhóis, saboianos e cântabros.

¹⁶² DPP 1.1.

¹⁶³ FN IV 233.

¹⁶⁴ FN I 54 – 145, 128.

buscar e achar a vontade de Deus no chamado que receberam [Ej 21. 23. 91. 164. 184]. Este desejo do grupo de manter a unidade na diversidade era fortalecido pela confiança e esperança em Deus que os guiava com o Espírito Santo, pela postura de humildade e simplicidade de coração, pela oração, reflexão e partilha comum dos frutos da oração.

Nos interessa saber que dentro desta dinâmica de discernimento que mantém o grupo reconciliado e unido a Deus e em entre si; os primeiros companheiros deliberaram pontos importantes que fazem relação com a missão de reconciliar. Por um lado eles colocam as bases sobre a vocação da Companhia de Jesus e o modo de vivê-la. Por outro, por que eles decidiram principalmente sobre o tema da unidade do corpo e da obediência que estão vinculados em vista da missão.

Diante da iniciativa do Senhor de os unir e congregar mesmo sendo tão débeis e diversos eles decidiram primeiramente que não deveriam *“romper la unión y congregación hecha por Dios, sino bien confirmarla y asegurarla”*¹⁶⁵ formando corpo, cuidando uns dos outros e mantendo a comunicação entre si para um trabalho apostólico mais eficaz, pois, *“la misma fuerza unida tiene más vigor y fortaleza que se estuviera fragmentada”*¹⁶⁶. Este modo de assumir a vida e a missão apontam para a manutenção da reconciliação do corpo que dar credibilidade a prática dos ministérios.

O tema da união do corpo surge em vista da missão. Também a deliberação sobre a obediência a um dos companheiros, possui primeiramente o desejo de buscar realizar mais e melhor a vontade de Deus, para a conservação da Companhia sempre em relação ao seu fim apostólico.

Por fim, este documento nos aproxima dos ministérios apostólicos assumidos pelos primeiros jesuítas na Companhia primitiva como a confissão, a pregação e demais exercícios espirituais que também podemos entender como instrumentos de ajuda as almas para a reconciliação consigo mesma, com Deus e com os demais. Tais frutos eram tão importantes que mesmo diante de um exigente discernimento para deliberar sobre seu modo de vida, eles decidiram permanecer na cidade para que *“no sufriere daño el fruto que entonces veíamos se hacía grande (...)”*¹⁶⁷. Estaria aqui a força de uma missão apostólica que ajuda a confirmar o discernimento.

¹⁶⁵ DPP 1.3.

¹⁶⁶ Ibid.

¹⁶⁷ DPP 1.5.

2.1 A Fórmula do Instituto

A Deliberação dos primeiros companheiros de 1539 foi fundamental para a elaboração da Fórmula do Instituto. Este último está constituído dos elementos fundamentais do carisma da futura Companhia em vista da aprovação pontifícia e desde a sua primeira versão chamada de *Prima Instituti Summa*¹⁶⁸ de 1539, passando pela *Regimini Militantis Ecclesiae*¹⁶⁹ de 1540 e por fim, a *Exposcit Debitum*¹⁷⁰ de 1550, possui cinco partes¹⁷¹. Podemos dizer que é a carta fundamental da ordem e identifica o “modo de proceder” da Companhia de Jesus. Na Fórmula do Instituto também se encontra uma resposta concreta dos primeiros companheiros à missão a qual foram chamados.

A Congregação Geral 31 declara que a Fórmula do Instituto é “*la estructura fundamental de la Compañía, estructura que trae su origen de los principios evangélicos y de la experiencia y sapiencia de S. Ignacio y sus compañeros, bajo el influjo de la gracia*”¹⁷². Também “*La primera [ley] en dignidad y autoridad en el Instituto es la Fórmula del Instituto o Regla fundamental de la Compañía, expresada primero por Paulo III, y después, más exacta y distintamente, por Julio III, y aprobada por muchos sucesores en forma específica, y a la cual en primer lugar, pasa a ser de Derecho Pontificio*”¹⁷³.

Com estas definições ressaltamos primeiramente o aspecto carismático inspirado no Evangelho e encarnado na vida e missão de Inácio e dos primeiros companheiros que vai unido a dimensão histórica e jurídica da Fórmula do Instituto para toda a Companhia. Também com ela reafirmamos especialmente a sua profunda dimensão apostólica, vocacional, eclesial e social sempre sustentada pela graça de Deus.

Uma vez definido o que se entende sobre a Fórmula do Instituto é importante focar os elementos contidos neste documento que se relacionam com a reconciliação que é o tema deste trabalho. A parte I da Fórmula apresenta de modo geral a finalidade da Companhia de Jesus. Sua dinâmica interna revela primeiramente o sujeito que pretende

¹⁶⁸ Aprovada oralmente pelo Papa Paulo III em 3 de setembro de 1539.

¹⁶⁹ Bula aprovada em 27 de setembro de 1540 pelo Papa Paulo III.

¹⁷⁰ Bula aprovada pelo Papa Julio III em 21 de julho de 1550.

¹⁷¹ ALDAMA, M. A., en *Notas para un comentario a: La Fórmula del Instituto de la Compañía de Jesús*, Centrum Ignatianum Spiritualitatis, Roma 1981 seguindo o mesmo Santo Inácio assim divide: Fin de la Compañía y su institución, Voto de obediencia al Papa, Voto de obediencia al superior de la Compañía, Voto de pobreza e Algunas peculiaridades de la Compañía.

¹⁷² CONGREGACIÓN GENERAL DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS 31, Hechos y Dichos, Zaragoza 1966. CG 31 d.4, n.3.

¹⁷³ CG 31 d. 4, n. 2.

fazer parte da Companhia, é ele que se colocará à disposição da graça de Deus para que servindo por meio dos ministérios a Companhia alcance o seu fim. Logo veremos como o sujeito, o fim e os meios da Companhia se articulam entre si e nos ajudam a entender a missão de reconciliar aos desavindos.

2.1.1 O fim e os meios da Companhia

O P. Nadal em suas práticas¹⁷⁴ por diversas vezes fala da importância de entender o fim e os meios da Companhia: *“que si esto yo entendo, yo entenderá todo”*¹⁷⁵. Para isso, precisamos encontrar o lugar do sujeito que participa deste processo como aquele que é chamado a fazer parte de uma Companhia fundada para determinado fim, que precisa estar preparado para assumir os ministérios que ajudarão a Companhia alcançar seu fim, e por último, é este sujeito que precisa ter a Deus e o Instituto sempre diante dos seus olhos como bem expressa a Fórmula:

“Y procure tener ante los ojos mientras viva, primero a Dios, y luego el modo de ser de su Instituto, que es camino hacia Él, y alcanzar con todas sus fuerzas este fin que Dios le propone; cada uno, sin embargo, según la gracia que el Espíritu Santo le comunique, y en el grado propio de su vocación” [F50].

A Fórmula do Instituto começa focando no sujeito: *“Cualquiera que en nuestra Compañía, que deseamos se distinga con el nombre de Jesús, quiera ser...”* [F50]. E segue dando elementos que expressam clara e primeiramente o rosto de Inácio de Loyola. Ele foi aquele que primeiro recebeu de Deus a graça de ser chamado para fundar a Companhia. Em seu processo de conversão e da constante busca da vontade de Deus para mais servir a sua Divina Majestade podemos fazer uma primeira aproximação do fim da Companhia e dos meios para alcançá-lo. Pois, toda a vida de Inácio foi para o serviço das almas e para a maior glória de Deus.

A força com a qual Inácio e também muitos companheiros assumiram a missão da Companhia, expressada em seu fim e meios, motiva ao P. Nadal explicitar que tipo de

¹⁷⁴ As práticas do P. Nadal é um gênero utilizado por ele nas comunidades jesuíticas de Europa. Eram caracterizadas por uma espiritualidade simples e teologicamente fundamentada. Também muito marcada por seu amor a Companhia.

¹⁷⁵ NADAL, J., “Exhortaciones complutenses”, *MNadal* V, 220 – 488, 302.

sujeito se deseja para a Companhia: “*No pide la Compañía ociosos hombres que tengan la mano en el seno, tÍbios, remisos en adquirir el fin de su vocación*”, mas, homens que “*con hervor, con deseos vivos, com vivacidad de la caridade atendamos a los ministerios de la Compañía*”¹⁷⁶. No mesmo Espírito que conduziu e animou a Inácio, cada jesuíta está chamado a viver desde o mais profundo do seu coração essa mesma vocação dada por Deus a Companhia.

Com este pressuposto sobre o sujeito podemos chegar ao fim¹⁷⁷ e vocação da Companhia de Jesus que assim se explicita na Fórmula do Instituto: “*fundada ante todo para atender principalmente a la defensa y propagación de la fe, y al provecho de las almas en la vida y doctrina cristiana*”¹⁷⁸ [F50].

Mas, para melhor alcançar um dos objetivos deste trabalho que busca ressaltar a missão de reconciliar aos desavindos como um ministério importante da Companhia, parece interessante resgatar a finalidade da Companhia proposta no texto do *Examen General*¹⁷⁹ e que está em plena consonância com a Fórmula do Instituto: “*El fin de esta Compañía es no solamente atender a la salvación y perfección de las animas propias con la gracia divina, mas con la misma intensamente procurar de ayudar a la salvación y perfección de las de los prójimos*”¹⁸⁰.

Nesta última formulação se expressa que a salvação e perfeição das almas, e salvação e perfeição do próximo são partes de um mesmo fim e de uma mesma graça. Jesús Corella, atesta que ajudar as almas e ao próximo “*expresam muy significativamente el caracter de la actividad apostólica de los miembros de la Compañía*”¹⁸¹. Neste sentido os jesuítas aparecem como colaboradores da missão salvadora de Deus que se concretiza por meio de suas obras e ministérios.

¹⁷⁶ MNadal V 337.

¹⁷⁷ A este fim se refere as *Co* quando falam de “Ayudar a la salvación y perfección de las almas”; “Ayudar y disponer las almas a conseguir su último fin de la mano de Dios nuestro Criador y Señor”; de “ayudar a las almas para que consigan el último y supernatural fin suyo” que estão respectivamente em (*Examen*. 1, n.2 [3]; *Co P.I*, c.2, n.8 [156]; *Co P.X*, n.2 [813]).

¹⁷⁸ Aqui começa a apresentação do fim da Companhia apresentado na *FI 50*: “defesa e propagação da fé e aproveitamento das almas. A fé aqui é assumida como fundamento da vida cristã e é através dela que acontece o aproveitamento das almas. Também no contexto do século XVI se pode entender a defesa da fé desde o ponto de vista das ameaças que ela estava submetida.

¹⁷⁹ Refere somente aos quatro primeiros capítulos que contém o exame proposto a todos que desejam ser admitidos na Companhia.

¹⁸⁰ IGNACIO DE LOYOLA, “Examen Primero y General”, em *Obras*, BAC, Madrid 2014. (*Examen*. 3) 401 - 422.

¹⁸¹ CORELLA, J., *Constituciones de la Compañía de Jesús, Introducciones y notas para su lectura*, Sal Terrae, Bilbao-Maliaño 1993, 57.

É interessante notar nos escritos das práticas do P. Nadal sua insistência em assumir a unidade indissolúvel da salvação e perfeição própria da do próximo. Para ele não se pode entender a Companhia sem este mútuo trabalho de ambos aspectos de um mesmo fim. Afim de confirmar sua tese ele recorre a vida do próprio Inácio que assumiu esta missão desde o começo de sua conversão e recorda: “*y pensando que para este fin¹⁸² le convenía estudiar, lo hizo (...) ¹⁸³*”. Para este fim, Inácio viveu muitos processos de transformação em sua vida que passa pela sua conversão, pelos estudos e pela própria prática dos ministérios como fruto de sua conversão que lhe abre para o serviço aos demais.

Respondendo à pergunta pelo fim da *Compañía*, Nadal acrescenta que o maior de todos: “*La salvación y perfección de las almas a mayor Gloria de Dios. Este es pues nuestro fin, al cual, imitando a Cristo no solo tendemos con la oración sino también con las obras¹⁸⁴*”. Estes dois polos que une a salvação das almas e a maior glória de Deus é o mais central na finalidade da Companhia e nos meios para alcançar este fim. Nesta definição do P. Nadal, coloca a Jesus Cristo como modelo de seguimento para o jesuíta que configurado a Ele trabalha entregando toda sua vida pela salvação própria e dos demais.

Quanto aos meios para alcançar o fim da Companhia é importante acompanhar o processo de evolução sofrido na redação dos textos da Fórmula do Instituto. Isto nos ajudará a entender como o ministério de reconciliar os desavindos e as demais obras de caridade foram sendo explicitadas na *F50*.

Antes de aprofundar nossa reflexão sobre o ministério da reconciliação que aparece na Fórmula do Instituto será interessante traçar um itinerário percorrido por Inácio e pelos primeiros companheiros que passa pelos votos de Montmartre, pela experiência apostólica de Inácio em Azpeitia e finalmente por Venezia. Pois, entendemos que estas experiências prefiguram em suas vidas o que depois seria formulado como ministérios da Companhia. Com isso, a pergunta que estamos buscando responder é: onde aparece implicitamente a missão de reconciliar no modo de proceder dos primeiros companheiros antes da *F50*.

¹⁸²*Au* 26, 45, 50.

¹⁸³*MNadal* V 40.

¹⁸⁴*MNadal* V 52, em LOP, M., *Las pláticas del P. Jerónimo Nadal. La Globalización Ignaciana*, Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander, 2011, 51.

2.1.2 Experiências germinais: Montmartre, Azpetia e Venezia

O grupo dos primeiros jesuítas não precisaram esperar a aprovação canônica da Fórmula do Instituto para assumir em suas vidas a experiência de uma comunidade em missão. O próprio Inácio de Loyola em sua experiência pessoal sentia forte o desejo de servir a Cristo dando continuidade à obra dos Apóstolos. É nesse sentido que podemos perceber a vocação apostólica de Inácio, dos primeiros companheiros e da Companhia que vai progredindo pelo impulso do Espírito Santo sempre em vista da *“mayor gloria de Dios nuestro Señor y ayuda de las animas”*¹⁸⁵.

Os votos de *Montmartre*¹⁸⁶ são expressões concretas dos desejos apostólicos dos primeiros companheiros que já assumem em suas experiências de vidas a base apostólica da missão da Companhia. No dia 15 de agosto de 1534, depois da maioria deles terem feito os exercícios espirituais, todos desejaram se consagrar inteiramente ao serviço de Deus e ajuda do próximo, seguindo pobremente a Cristo. É certo que este não é o ato fundador da Companhia, mas, como atesta o jesuíta P. Lécivain, *“liga definitivamente a los hombres que, cinco años más tarde, decidirán unirse juntos en un solo cuerpo; confirma el proyecto común de predicar en pobreza, a la manera de los Apóstoles, con el fin de seguir mejor a Cristo Señor”*¹⁸⁷. Esta experiência ajuda na compreensão da essência dos ministérios que a Companhia assumirá na F50.

A *Autobiografía* de Santo Inácio também faz alguma referência a este momento da vida dos primeiros companheiros marcado profundamente pela busca da vontade de Deus e da decisão sobre o que fazer de suas vidas: *“ir a Venecia y a Jerusalén y allí gastar su vida en provecho de las almas, y si no obtuvieran el permiso para permanecer en Jesrusalén, volverían a Roma y se presentarían ante el vicário de Cristo para que los emplease donde considerasse que fuese mayor gloria de Dios y provecho de las almas”* [Au 85].

¹⁸⁵ Co 605.

¹⁸⁶ Cf. ALBURQUERQUE, A. 187-188; sabemos que os primeiros companheiros fizeram votos de castidade e pobreza.

¹⁸⁷ LÉCRIVAIN, P., “Montmartre”, em *DEI*, 1287 – 1281.

A *Autobiografía* nos apresenta uma síntese do carisma apostólico da Companhia já intrinsicamente presente na vida de Inácio e que progressivamente vai sendo alimentada pela vida e missão dos primeiros companheiros até chegar a sua formulação definitiva na Fórmula do Instituto. Em síntese encontraremos nestes números aspectos da missão relacionados a doutrina cristã: “*En este hospital*¹⁸⁸ *empezó a hablar das cosas de Dios*”, “*decidió enseñar cada día a los niños la doctrina Cristiana*”, “*predicaba (...) con provecho e ayuda de las almas*”¹⁸⁹. Junto ao apostolado espiritual estava também a preocupação de Inácio com o social: como a conversão de costumes sociais que causavam danos a sociedade, o cuidado com os pobres e o fomento de práticas de piedade cristã. Tudo isso são bases sólidas que iluminam e sustenta os ministérios da Companhia desde as suas origens mais remotas.

Podemos ainda recorrer aos tempos de Veneza¹⁹⁰ onde Inácio e os primeiros companheiros tinham a Jerusalém como horizonte até quando esta possibilidade muda para Roma, onde servirão em espírito de pobreza e humildade baixo ao Romano Pontífice. Mas, aqui interessa principalmente o estilo de vida apostólico que viviam os jesuítas em tempos venezianos. S. Inácio “*se ejercitaba por aquel tempo en dar los ejercicios y en otras conversaciones espirituales*” [Au 92]. Os outros companheiros que chegaram posterior a Inácio “*se dividieron para servir en diversos hospitales*” [Au 93].

Seja na vida de Inácio, nos votos de Montmartre ou em Venezia encontramos o terreno preparado onde o Espírito semeou no coração de cada jesuíta o carisma originário da Companhia de ajudar as almas para a maior glória de Deus fecundado concretamente em seus ministérios, e que no futuro surgirá explicitamente a missão de reconciliar.

2.1.3 O ministério de reconciliar os desavindos

Estas experiências nos conduzem então a confirmação dos ministérios que encontramos na Fórmula do Instituto para ajudar a Companhia a alcançar seu fim:

¹⁸⁸ Hospital da Madalena.

¹⁸⁹ Au 88, 89.

¹⁹⁰ Cidade de grande importância estratégica na Europa do séc. XVI. Sofria tensões políticas com os turcos e problemas socioeconômico de desigualdades sociais onde sofriam especialmente as viúvas e os órfãos. Em Venezia se encontravam diversas culturas, religiões, raças e povos. Do ponto de vista cristão vivia uma efervescência de ideias teológicas convergentes e opostas.

“Por medio de predicaciones públicas, lecciones, y todo otro ministerio de la palabra de Dios, de ejercicios espirituales, y de la educación en el Cristianismo de los niños e ignorantes, y de la consolación espiritual de los fieles cristianos, oyendo sus confesiones, y administrándoles los demás sacramentos. Y también manifestándose preparado para reconciliar a los desavenidos, socorrer misericordiosamente y servir a los que se encuentran en las cárceles o en los hospitales, y a ejercitar todas las demás obras de caridad, según que parecerá conveniente para la gloria de Dios y el bien común”[F50].

O fim da Companhia está intrinsicamente relacionado com os seus ministérios que conduzem a salvação e perfeição própria com a salvação e perfeição do próximo como já observamos anteriormente. Para entender melhor o significado dos meios que tem a Companhia para que a Divina majestade seja mais servida vamos recorrer mais uma vez ao P. Nadal.

Na Prática sexta, intitulada *“Los ministerios en la Fórmula de Instituto”*, P. Nadal ressalta que os ministérios são primeiramente dons de Deus, próprios da Igreja e os realizamos por divina vocação e pela autoridade apostólica. Ele nos ajuda a perceber que estes ministérios tão diversos e tão grandes são substanciais e nascem com a mesma Companhia antes mesmo da sua fundação: *“Pues así como la Companhia recibió de Dios por medio de Ignacio la vocación, el fin y el Instituto, así tambien estos medios por medio de los cuales lleve a cabo a la vocación y consiga el fin recibido de Dios y observe el Instituto¹⁹¹”*.

Aqui encontramos uma visão geral do P. Nadal sobre os ministérios. No entanto, a própria Fórmula do Instituto foi sofrendo modificações em seu texto e em sua estrutura entre os anos de 1540 - 1550. Estas transformações foram motivadas por vários fatores: a dinamicidade da vida apostólica da Companhia exigida pela realidade, o desejo de uma exposição mais plena e aproximada dos ministérios e o aprofundamento no conhecimento do carisma. Frente a isso podemos concluir que os ministérios não são uma acomodação extrínseca, mas, são desde sempre recebidos intrinsicamente no carisma da Companhia.

A redação da F50 é resultado de um cuidadoso trabalho preparado por Inácio e seu eficiente colaborador e secretário Polanco. As dúvidas referentes ao texto eram anotadas por Polanco e submetidas a revisão de Inácio que buscava responde-las antes de serem

¹⁹¹ MNadal V 822, em LOP, M., 342 n. 4.

apresentadas ao Papa. A este texto preparatório conhecemos como *Sex dubiorum series*¹⁹². Este material ganha uma importância particular em nosso trabalho, pois, nele encontramos por primeira vez, antes da F50, uma referência sobre o ministério de “fazer pazes”.

Em uma dúvida sobre a bula e as constituições referentes aos ministérios da Companhia obras de caridade. “*Dúdase si debrían ponerse, sin los medios que dize la bulla [F40], otros expresos, como es visitar cárceles, hacer paces etc.*”¹⁹³ Ao qual respondeu que sim, pero “*sin quedar escrúpulo de obligación*¹⁹⁴”.

Este interessante diálogo entre S. Inácio e Polanco no processo de construção de um documento tão fundamental para a Companhia, traz uma resposta definitiva de S. Inácio. Ou seja, confirma a eleição desses ministérios como fruto de um discernimento que levou em consideração o carisma da Companhia encarnado na vida e missão dos primeiros companheiros à luz da mirada e do testemunho do fundador.

Do ponto de vista textual, a explicitação das obras de misericórdia corporais onde está inserida a missão de reconciliar os desavindos é a grande novidade que podemos ressaltar na F50 em relação a F40. No decorrer de dez anos, os primeiros jesuítas contemplando a si mesmos viram toda a sua história marcada profundamente pelo amor, serviço e proximidade aos pobres: crianças, enfermos, encarcerados, desavindos. Experiências que desde sempre estavam entranhadas em seu carisma.

O ministério de reconciliar aos desavindos aparece explicitamente e em primeiro lugar como obra de misericórdia:

“Y también manifiéstese preparado para reconciliar desavenidos, socorrer misericordiosamente y servir a los que se encuentran en las cárceles o en los hospitales, y a ejercitar todas las demás obras de caridad, según que parecerá conveniente para la gloria de Dios y el bien común, haciéndolas totalmente gratis” [F50].

Analisando mais detalhadamente a estrutura da F50 percebemos claramente que os ministérios estão divididos e distinguidos entre espirituais e obras de caridade. Não só isso, mas, também os ministérios espirituais aparecem primeiro que os corporais. Esta ordem de divisão na estrutura da Fórmula, a frase de S. Inácio ao confirmar a explicitação

¹⁹² IGNACIO DE LOYOLA, “Sex duborium series”, *Mco* 268 – 355.

¹⁹³ *Mco* 319 – 320, 319.

¹⁹⁴ *Ibid.*

dos ministérios: “*sin quedar escrúpulo de obligación*”, assim como, interpretações de estudiosos podem levar a pensar que uns ministérios são mais importantes que outros.

Em seu comentário sobre a Fórmula do Instituto¹⁹⁵ P. Aldama por exemplo, acentua o caráter secundário e subordinado destas atividades evocando o texto das Constituições da Companhia de Jesus na parte VII: “*En las obras de misericórdia corporales también se emplearán, cuanto permitieren las espirituales que más importan, y cuanto sus fuerzas bastaren, como en ayudar los enfermos, especialmente em hospitales, visitanándolos y dando algunos que los sirvan, y em pacificar los discordes(...)*”¹⁹⁶.

No entanto, o P. Nadal explicando as Constituições e a Fórmula do Instituto em suas práticas vai nos ajudar a compreender a importância e a necessidade essencial de estender os ministérios espirituais às obras de caridade: “*Y por ello no debemos ocuparnos com menor o más débil interés en las otras obras de caridade (...) si no con el mismo fervor, diligencia, interés cuidado, con gracia y espíritu*”¹⁹⁷.

E continua nos oferecendo uma surpreendente interpretação sobre as obras de misericórdia colocando um acento especial no ministério de reconciliar os desavindos:

“Pero Cuáles son estas otras obras? La reconciliación de los desavenidos, que abarca la 7ª bienaventuranza de San Mateo. Pues se trata de reconciliar la paz de los hombres entre sí, pues, si se toma en toda su amplitud, todos los superiores ministerios sirven para esta bienaventuranza”¹⁹⁸

Para o P. Nadal, reconciliar aos desvindos se relaciona com a sétima bem aventurança do Evangelho de Mateus: “*Bienaventurados los que trabajan por la paz, porque serán llamados hijos de Dios*” [Mt 5,9]. Para ressaltar que, quando esta bem aventurança é tomada em seu sentido pleno, todos os ministérios previamente mencionados estão a seu serviço e claramente articulados com a missão de reconciliar.

Ainda que cada um dos ministérios da palavra, sacramental e das obras corporais tenham um objetivo específico, eles estão mutuamente relacionados e cada um a seu modo possuem uma forte aspecto reconciliador.

¹⁹⁵ ALDAMA, M. A., 51-52.

¹⁹⁶ Co 650.

¹⁹⁷ MNadal V 862 em LOP, M., 370 n. 67.

¹⁹⁸ MNadal V 862 em LOP, M., 371 n. 68.

Por exemplo, os primeiros companheiros estenderam os mistérios da palavra para além das Igrejas, ou seja, para onde de fato a reconciliação em suas diferentes dimensões necessitava acontecer: nas ruas, nos hospitais, nas cadeias. Recorda O`Malley que esta *“práctica se ajustaba al concepto que ellos tenían de su propia vocación, de buscar a los necesitados, sin esperar que ellos se acercaran a las puertas de las iglesias¹⁹⁹”*.

Outros elementos que marcam esta relação na missão inicial da Companhia são as referências ao perdão, as penitências e às obras de misericórdia no ministério da Palavra dos jesuítas. O próprio P. Polanco sugere que: *“para la predicación tuvieran a mano una lista de temas sobre vicios y virtudes, pecados y sus remedios, el decálogo y obras de caridade o de misericórdia²⁰⁰”*. Sem dúvida que estas predicções eram também uma exigência para a vida pessoal, comunitária e apostólica dos jesuítas.

Na dimensão sacramental podemos fazer duas relações mais explícita da reconciliação com os sacramentos da Confissão e da Eucaristia que também foram fortes ministérios assumidos na primitiva Companhia. E como já sabemos, desde o primeiro capítulo, estão vinculados a experiência de conversão de Santo Inácio.

Inacianamente podemos falar da confissão geral que era recomendada e praticada nos Exercícios Espirituais. Esta modalidade do sacramento da confissão era mais entendida como uma oportunidade de revisar a vida em vista de um melhor conhecimento de si mesmo e do fortalecimento da ordenação da vida para Deus que implica o reconhecimento e afastamento dos pecados. Este sacramento como parte dos ministérios dos jesuítas não estava focado simplesmente no aspecto moral tão valorizado nessa época, mas, principalmente como um instrumento de grande ajuda no amadurecimento espiritual que vai sustentado na misericórdia de Deus. O mais importante aqui era o processo de conversão, perdão que a pessoa estava implicada.

Muito relacionado a confissão estava o sacramento da Eucaristia. Para entender a importância deste ministério para a Companhia recolhemos estas preciosas palavras do P. Nadal que toca no cerne da relação do ministério do sacramento da Eucaristia, com a reconciliação:

“cuando se recibe devotamente la sagrada Eucaristía, no sólo los ministerios de la pasión y muerte de Cristo se imprimen en nosotros, sino también los de toda su vida y

¹⁹⁹ O`MALLEY, J., 122.

²⁰⁰ *PoCo* 2: 749-750 em O`MALLEY, J., 124.

resurrección. Así podemos decir que vivimos, más aún, Cristo vivi en nosotros (Gal 2, 20). Y aún podemos esperar más, así que podríamos decir que tenemos la misma mente y sentimientos que Cristo Jesús (Flp 2,5)”²⁰¹.

Com estas palavras se entendem perfeitamente a reconciliação desde a Eucaristia, sacrifício do Filho que nos reconcilia com o Pai. Neste sacramento a reconciliação consigo mesmo e com os demais acontece na nossa configuração a Jesus Cristo. Assumir os mesmos sentimentos de Jesus é também assumir o seu modo de proceder com os outros e com o mundo que necessariamente passa pela reconciliação. Deste sacramento brota também a reconciliação consigo e com os demais.

Assim, desde os ministérios da palavra, sacramental e especialmente das obras de misericórdia podemos ir entendendo mais e melhor o ministério de reconciliar. O'Malley acrescenta comentando sobre a referencia do P. Nadal à reconciliação: *“el hecho de que en una ocasión dijera que los jesuitas se dedicaban fundamentalmente al ministerio de la reconciliación, es importante para comprender los otros ministerios²⁰²”*.

2.2 Testemunhos do ministério de reconciliar

Na história da Companhia muitos jesuítas dedicaram suas vidas de modo particular à reconciliação. *“Los primeros padres pusieron mucho empeño y trabajo, sobre todo P. Ignacio, con gran fruto. Pero este oficio suele ser difícil²⁰³”*. São muitos os relatos que testemunham a missão de reconciliação assumida por estes homens. Jayo, Polanco e Landini levaram a reconciliação a contextos sangrentos entre facções. A missão se estendia a reconciliar casais, clero, religiosos e professores de universidades. Inácio de forma mais direta colaborou na reconciliação nas décadas de 1540 a 1550 entre o Papa Paulo III e o Rei de Portugal; entre os habitantes de Sant'Ángelo e Tivoli e também na reconciliação de um matrimônio²⁰⁴.

²⁰¹ Nadal, *Orat. Obs.*, 742, em O'MALLEY, J., 194.

²⁰² O'MALLEY, J., 212.

²⁰³ MNadal V 862, em LOP, M., 371 n. 68.

²⁰⁴ ALEMANY, J., “El servicio de la reconciliación”, *Sal Terrae* 90 (2002), 788; O'MALLEY, J., *Los primeros jesuitas*, Mensajero-Sal Terrae, Bilbao-Santander 1993, 212 – 214; RODRIGUES, M., “San Ignacio y la Reconciliación”, *Promotio Iusticiae* 60 (1995) 37-38.

Podemos recorrer as algumas fontes para nos aproximar e entender melhor experiências de reconciliação que nos ajudam a entender como esta importante missão era realizada. Em uma carta²⁰⁵ de Broët a Santo Inácio de 1 de noviembre de 1545, sobre os variados ministérios, é possível perceber claramente um processo de reconciliação. Primeiro Broët apresenta o contexto pessoal e social:

*“También, en Faenza y en toda la Romaña hay muchos odios y rancores y muchas divisiones, a saber, una parentela o familia contra otra, de modo que algunos odios de esos han durado más de cien años y se perpetran muchos homicidios; lo que es una gran miseria y cosa muy horrible de considerar”*²⁰⁶.

Estamos diante de pessoas que nutrem dentro de si durante muitos anos sentimentos de ódio e rancor que dividem o coração. Tal pecado rompe a relação fundamental com Deus e conseqüentemente com o próximo gerando ainda mais mortes e injustiças.

Em um segundo momento é muito importante a consideração do desejo de paz que parte da necessidade humana de viver plenamente reconciliada: *“Y deseando que se hiciera paz y concordia entre algunas familias, he hablado con algunos de los principales, prudentes e idóneos, para acertar a pacificar tales discórdias”*²⁰⁷.

Vale notar que o processo de reconciliação requer a colaboração humana, mas, antes de tudo ela se dá por iniciativa divina: *“y así por este medio el Señor por su bondad y misericordia ha pacificado con gran solemnidad en la iglesia mayor a más de cien hombres juntos, que se han perdonados mutuamente por amor de Cristo nuestro Señor los homicidios pasados, heridas, injurias y otros daños”*²⁰⁸. O mútuo perdão entre as partes é um passo imprecidível neste proceso onde o perdão dom de Deus encontra lugar no coração ferido do ser humano e é dado aos demais.

*“(…) a continuación hizo yo una pequeña exhortación sobre el bien que procede de la paz y el mal que deriva de la discordia”*²⁰⁹. A consciência de que a paz necessariamente requer o bem da justiça, principalmente das vítimas, é importante para que a reconciliação seja verdadeira e duradoura. A tentação da de romper a relação com

²⁰⁵ BROËTI, P., “Espistolae P. Broët”, *Mbr* 36-38. Usaremos a tradução de Ee 478 – 479.

²⁰⁶ *Ee* 478.

²⁰⁷ *Ibid.*

²⁰⁸ *Ee* 479.

²⁰⁹ *Ibid.*

Deus e com os irmãos é contínua na vida do ser humano e facilmente podemos ceder. Por isso Broët assim continua sua carta:

“Habíamos también intentado ahora, después de tres semanas, poner de acuerdo a otros tres o cuatro familias; y cuando casi todos se habían avenido y estaban contentos de hacer la paz, apareció el enemigo de la naturaleza humana, que ha incitado a algunos de sus miembros, que ha matado a tres hombre en la plaza y herido a otros tres: y así ha estropeado todo”²¹⁰.

Diante deste aparente fracasso na missão de reconciliar podemos entender melhor porque P. Nadal afirma ser este ministério muito difícil. No entanto é a confiança e a esperança no Senhor, que em Jesus Cristo já reconciliou a todos, que apesar de tudo os jesuítas em todas as partes onde haviam conflitos e divisões assumiam a missão de reconciliar. *“A pesar de todo, probaremos todavía, con la ayuda del Señor, a ver se es posible ponerlos de acuerdo”²¹¹.*

Segue outro importante testemunho vivido e escrito pelo próprio Santo Inácio no ano de 1545 onde ele mesmo se reconhece como reconciliador por serviço e glória divina. Santo Inácio busca de alguma maneira o modo de reparar a injustiça:

“Entre otros recursos que hizo fue que el Sr. Bustamante, pasando de una casa a otra, le saliese al encuentro y le pudiese dar hasta dos o tres golpes, sin efusión de sangre [...]. Después de esto, el mismo día [...] se abrazaron e hicieron las paces con mucha edificación de las dos partes. Y porque yo me hallé por servicio y gloria divina en concertar las dos partes y estar presente a la conclusión de las tales paces, por ser así verdad y pedírseme testimonio de ella, firmé aquí mi nombre”²¹².

Por fim, um último relato do ministério de reconciliar dentre tantos outros que existem. Aqui o P. Antonio Estrada (por comição do P. Claudio Jayo) escreve aos PP. Inácio de Loyola e Pedro Codacio em 3 de abril de 1540:

“Quid etiam dicam [Qué decir] de amistades que así entre ciudadanos principales, como entre algunos clérigos y canónigos se han hecho, sobre muertes de hombres y otros modos de discordias, humillándose unos á otros y abrazándose, confesándose y comunicando, lo que por algunos años antes muchos de ellos no habían hecho?”²¹³

²¹⁰ *Ibid.*

²¹¹ *Ibid.*

²¹² IGNACIO DE LOYOLA., “Epistolae et instrucciones”, *Epp* I, 318.

²¹³ CLAUDII, J., “Epistolae P. Jaji”, *MBr* 265-267, 266.

Com isso, podemos perceber a força da experiência de vida e missão dos primeiros companheiros que marcou profundamente a Fórmula do Instituto. Nela está impressa a fidelidade e o desejo destes jesuítas em responder desde a realidade à vontade de Deus no Espírito da Companhia. A chama do carisma originário se espalhou e se manteve mais forte porque foram capazes de articular bem os ministérios espirituais e corporais. Esta intrínseca vinculação ordenada para o fim apostólico da Companhia se atualiza no binômio de Fé-Justiça e mais do que nunca nos desafia a vivê-los com chave de reconciliação:

“Hay aquí una preciosa inspiración para la adecuada integración del binomio fé-justicia para nuestro tiempo, en la integración ignaciana de fe-obras corporales de misericordia, que expresa en toda su plenitud la Fórmula definitiva. Por eso se le pide al que entra que se mantenga preparado, en forma diríamos, para desempeñar con ese estilo de integración los ministerios de la Compañía. Ésta necesita a sus hombres así, para trabajar en la viña del Señor²¹⁴”.

3. Conclusão

Ao final deste capítulo podemos ressaltar algumas chaves inicianas que nos ajudou a compreender melhor a missão de reconciliar os desavindos. A dimensão experiencial da reconciliação vivida por Inácio e pelos primeiros companheiros, sua referência bíblica e teologal, a força carismática presente na Fórmula do Instituto e a unidade inseparável entre vida e missão, fé e justiça à luz da reconciliação.

Em um mundo onde cada vez mais as técnicas de superação de conflitos ganham espaços do ponto de vista empresarial, jurídico, social é importante resgatar a experiência inicianas de reconciliação que parte do fim da Companhia de ajudar as almas para a maior glória de Deus. Este é o motor que leva os primeiros companheiros a se encarnarem em diversas realidades de conflitos para reconciliar.

O modo de proceder de Inácio e dos primeiros jesuítas estavam sustentados na própria experiência de Jesus e dos apóstolos. Paulo apresenta a Jesus como aquele que

²¹⁴ CORELLA, J., *Constituciones de la Compañía de Jesús, Introducciones y notas para su lectura*, Sal Terrae, Bilbao-Maliaño 1993, 17.

reconceiliou a tudo e todos em Deus. Além disso, nesse mesmo Jesus recebemos o ministério da reconciliação. Por tanto, a Companhia assume este ministério à luz dos mistérios de Jesus que se encarna para fazer a “redenção do gênero humano”, que vive as bem aventuras, morre e ressuscita para a nossa salvação e glória de Deus.

Para entender o ministério de reconciliar na Fórmula do Instituto não só foi necessário resgatar as bases bíblicas que coloca a Jesus como o centro desta missão, mas, também foi preciso acompanhar o processo vivido por Inácio e pelos primeiros companheiros que passa pelos votos em Montmartre, pela deliberação dos primeiros companheiros até a sua Fórmula definitiva.

Neste itinerário vale ressaltar o discernimento em vista da missão que leva a unidade e ao cuidado do corpo apostólico, a obediência discernida, encarnação na realidade, a vida compartilhada com os pobres, a uma reconciliação que caminha com a justiça e implica a reconciliação com Deus, consigo, com o outro e com toda a criação.

Podemos dizer que a Fórmula do Instituto em seus ministérios continua a atualizar uma mensagem e uma prática cristã de reconciliação desde o carisma imprimido no coração de Inácio, dos primeiros jesuítas e que chega até os dias de hoje com relevante importância.

CONCLUSÃO FINAL

Este trabalho sobre a “Espiritualidade Inaciana e Reconciliação” buscou fazer um itinerário que passou pelo processo de conversão de S. Inácio; pela experiência do perdão que brota dos Exercícios Espirituais e reconcilia o sujeito inaciano com Deus, abrindo-o para outras autênticas relações; e por fim, pela resposta livre à chamada para assumir a missão reconciliadora à luz de Jesus Cristo que inspira a vida e a missão da Companhia desde suas origens.

A espiritualidade inaciana, assim como a reconciliação, é relacional. A primordial e fundamental relação é aquela da criatura com o seu Criador [*Ej* 15, 23] que afeta todas as demais relações do ser humano consigo mesmo, com os demais e com a criação. Para que estas relações sejam autênticas é preciso viver processos de reconciliação, tal como significa literalmente esta palavra: “volver juntos a chamada”.

Com a isso, a primeira conclusão que fazemos é sobre os diferentes níveis de reconciliação que estão entrelaçados entre si: a reconciliação consigo mesmo, a reconciliação com Deus, a reconciliação com os outros e a reconciliação ecológica. Em nossos trabalhos fomos refletindo sobre os diversos elementos que são importantes para cada uma dessas dimensões.

Acompanhamos na primeira parte deste trabalho a S. Inácio como arquétipo do ser humano que precisa ser reconciliado em seu próprio ser, volver a uma relação autêntica consigo mesmo. Vimos que na busca de si mesmo ele precisou se reconciliar primeiramente com Deus. Uma reconciliação que só é possível pelo caminho de uma profunda conversão pessoal. Na sua experiência de conversão ele se deixa abrir os olhos, permite ser alcançado pela misericórdia de Deus e se sente um homem transformado,

como ele mesma atesta depois da Iluminação do Cardoner: *“le parecia como si fuese otro hombre y tuviese otro intelecto”* [Au 30]. A experiência de S. Inácio vivida no Cardoner nos ensina a abrir os olhos e mirar a realidade desde a mirada de um ser humano transformado que ver o mundo com confiança e esperança, sem perder o sentido da realidade que necessita ser reconciliada.

Abrir os olhos para o que agita, gera conflitos e feridas dentro e fora de nosso interior é um passo importante no processo de reconciliação. São muitos os instrumentos da realidade atual que dificultam uma séria tomada de consciência do que realmente passa dentro de nós e ao nosso redor. Não raras vezes vivemos distraídos e aceitamos o círculo vicioso gerado pela história de pecado contrária ao projeto de salvação que nos conduz ao princípio e fundamento e nos configura a Jesus Cristo. Por isso, faz necessário estar atentos as afeições que desordenam a vida, a humanidade e a criação nos afastando de Deus e das autênticas relações.

O recorrido que fizemos em seguida nos ajudou a relacionar estas experiências humanas e espirituais de S. Inácio com a dinâmica interna dos Exercícios Espirituais que colaboram no processo de reconciliação. Ressaltamos nos exercícios a sua capacidade de transformação interior que mobiliza o sujeito inaciano para uma experiência de reconciliação. Esta dinâmica afeta profundamente o exercitante que sente-se movido a configurar sua vida à vida de Jesus Cristo que assumiu a missão de “reconciliar todas as coisas consigo” [Col 1, 20]. Uma reconciliação que passa pela cruz devido as sérias consequências do nosso pecado. A crise que fere a vida em suas diversas dimensões tem suas raízes mais profundas na ruptura da relação do ser humano com Deus gerada pelo pecado.

Os Exercícios conduz o sujeito inaciano ao conhecimento interno dos pecados e aborrecimentos deles. Aqui não se trata de conhecer a realidade do pecado para fechar-se em suas culpas, angústias, enchendo-se de escrúpulos e desesperança, mas ao contrário, este conhecimento interno é uma graça de Deus que acompanha o sujeito inaciano até as raízes do pecado; para que, da mais frágil realidade experimente o perdão amoroso de Deus que reconcilia e o envia a reconciliar. Este é um processo fundamental vivido por S. Inácio em sua conversão e pelo exercitante na dinâmica dos Exercícios Espirituais.

O perdão de Deus é outro elemento essencial a ser destacado neste processo reconciliador e que esteve presente em nosso trabalho. O deixar-se perdoar é a acolhida

do perdão, dom incondicional de Deus que vem ao encontro de nossa realidade pecadora: “onde o pecado abundou superabundou a graça” [Rm 5, 20]. Na experiência de ser alcançado pela misericórdia de Deus doada na cruz de Jesus, S. Inácio e o sujeito inaciano aceitam sua condição de pecador perdoado e se sentem mais capazes de perdoar e serem solidários com as realidades não reconciliadas. Em Jesus Cristo acontece a reconciliação que também é confiada ao exercitante. Sem esse perdão que libera para a gratidão, o serviço e justas relações este processo estaria incompleto.

O perdão reconciliador que brota da experiência vivida por S. Inácio e pelo exercitante devolve o ser humano inteiro para o mundo com uma mirada mais aberta desde os olhos misericordiosos de Deus e com a vida comprometida em reconstruir relações justas à luz da missão de Jesus como fizeram os primeiros companheiros. Homens que desde uma experiência espiritual não ficaram fechados em si mesmo, mas, assumiram a missão “saindo do seu próprio amor, querer e interesse” [Ej 189] indo ao encontro das diversas pessoas e realidades necessitadas de reconciliação.

Aprendemos que a conversão e o perdão de Deus são condições prévias à reconciliação. Sem os frutos da consolação, gratidão, alegria e serviço que brotam do coração do pecador perdoado o processo reconciliador fica bloqueado. A consolação e a gratidão que brotam do perdão não eliminam a tensão e o conflito permanente que continua ferindo nossa realidade. Ao contrário, esta experiência nos devolve mais conscientes, transformados interiormente para colaborar na missão reconciliadora de Cristo.

A missão de reconciliar confiada aqueles que fazem um processo de conversão e reconciliação por meio dos exercícios é a mesma missão reconciliadora de Jesus. Na experiência da misericórdia diante do crucificado eles recebem a resposta sobre o que fazer por Cristo.

Esta reconciliação foi primeiramente assumida por Deus em Jesus Cristo: "Se, quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida. Ainda mais: nós nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem desde agora temos recebido a reconciliação" [Rm 5, 10 -11]. E confiada como missão a todos que fizeram a experiência de serem reconciliados: “Tudo vem de Deus, que por Cristo, nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação”. [2 Cor 5, 18].

Partindo do ministério apostólico de Jesus a Companhia foi pouco a pouco assumindo e explicitando a sua missão reconciliadora. Até que na *F50* aparece como um dos seus ministérios: “reconciliar aos desavindos”, incorporando esta missão particular como parte do seu carisma originário e dando sustentação aos jesuítas que hoje, mais do que nunca, estão chamados a ser “*Compañeros de una misión de reconciliación y de justicia*”²¹⁵. A categoria de reconciliação desde a *F50*, passa pela *CG 32* onde aparece o binômio fé e justiça que “*constituye una exigencia absoluta, en cuanto forma parte de la reconciliación de los hombres exigida por la reconciliación de ellos mismos con Dios*”²¹⁶. É Recuperada em la *CG 35*²¹⁷ e aprofundada na *CG 36*²¹⁸. Por tanto, a missão de reconciliar não se trata de uma nova missão, mas, de uma atualização desta missão que nos desafia a sermos ministros da reconciliação inseridos em nossas realidades e no momento histórico que vivemos.

Somos conscientes de que vivemos tempos de grandes muros pessoais, culturais, sociais e econômicos e estamos chamados a como Jesus construir pontes desde nossa vida e missão. Por isso, afirmamos neste trabalho a reconciliação não como uma missão separada das demais, mas, como um dom que perpassa o nosso modo de proceder como “companheiros em uma missão de reconciliação e justiça”.

O discernimento em vista da reconciliação pessoal e social, deve ajudar a superar as limitações de uma espiritualidade reconciliadora intimista que não leve em conta as realidades sociais que precisam ser reconciliadas. A conversão que transforma o coração e abre os olhos para novas realidade deve necessariamente conduzir a prática justiça que brota do perdão e amadurece para uma verdadeira e integral reconciliação. Sabemos pelo caminho feito por S. Inácio e pelos sujeitos inacianos que as ações discernidas são aquelas que tem mais possibilidades de transformação pessoal e social.

Reconhecemos alguns limites deste trabalho como a grande necessidade de aprofundar a reconciliação desde o ponto de vista bíblico, eclesial, sacramental, pastoral. Embora neste trabalho tenhamos ressaltados elementos importantes da espiritualidade inaciana. Sabemos que desde esta mesma espiritualidade é possível aprofundar outras temas que perpassa a vida e a missão da Companhia. Coloco em evidência a necessidade

²¹⁵ *CG 36*, d. 1.

²¹⁶ *CG 32*, d. 4.

²¹⁷ *CG 35*, d. 3.

²¹⁸ *CG 36*, d.1 n. 21.

de aprofundar do tema da reconciliação e o discernimento tendo a missão reconciliadora como horizonte.

Além da espiritualidade inaciana outras espiritualidades e ciências podem dialogar com o tema da reconciliação. Entendemos que a reconciliação desde a espiritualidade por meio da conversão, do perdão que conduz a missão, se relaciona também com áreas do saber que é imprescindível para melhor entender os processos de reconciliação em seus mais diversos níveis: a psicologia que toca nas estruturas e os dinamismo do sujeito interno e que de modo particular joga um papel importante com a espiritualidade nesta missão reconciliadora, além da antropologia, as ciências políticas. O mundo e cada pessoa sempre necessitou e continua necessitado de reconciliação e por isso é importante dispor de todos os instrumentos que podem favorecer esta experiência e que não foi possível abordar amplamente neste trabalho.

Assim ressalta o P. Adolfo Nicolás sobre a reconciliação:

“Los procesos de reconciliación son largos y requieren ser sostenidos durante años, para dar frutos reales y duraderos. Se necesita curar heridas antiguas y recientes, como en un hospital de campaña (para usar la imagen que el Papa Francisco ha querido dar a la Iglesia). Procesos que han de producir importantes cambios en los corazones y las vidas de los hombres y mujeres de hoy y mañana para que nunca más se prefiera el bien de un grupo al bien común que afecta a todos. Procesos complejos en el que los políticos, los medios de comunicación y los líderes de los sectores culturales y sociales sean capaces de generar confianza y de estimular caminos de diálogo, para encontrar soluciones pacíficas, disipando los miedos y los anhelos de venganza”²¹⁹.

Logo a reconciliação necessita de tempo para curar as feridas. Por isso ela é processual, gradual e progressiva, ganha força na dinâmica dos Exercícios e precisa ser sempre atualizada do ponto de vista pessoal e social.

Fica evidente o potencial reconciliador presente na espiritualidade inaciana com a urgente necessidade de ser mais experimentando, explicitado e assumido principalmente no momento histórico em que vivemos. Nos toca agora o desafio de lançar uma mirada para o mundo e para a história na qual vivemos e estamos chamados a viver processos de reconciliação.

²¹⁹ NICOLÁS, A., “Respuestas a las cartas Ex Officio de 2014”, *Acta Romana Societatis Iesu XXV* (2014), 1039-1045.

A contemplação da encarnação nos ajuda a perceber a diversidade do mundo, das pessoas, da sociedade. Uma multiculturalidade que muitas vezes não é acolhida como dom, mas, como oportunidade de perpetuar na história da humanidade a opressão, a exploração, o fundamentalismo fruto do pecado pessoal e social fortemente estruturado que dificulta as relações justas.

Na experiência do Deus encarnado Jesus Cristo vem ao encontro da humanidade e da criação inteira para reconciliar o pecador e curar as situações de pecado social que afeta principalmente os mais pobres que são os desavindos de hoje: descartados, excluídos e marginalizados da história seja por razões econômicas, sociais ou culturais.

De modo particular gostaria de lançar luzes para a urgente necessidade da atualização da missão reconciliadora no Brasil e na América Latina que também está chamada a seguir este itinerário de conversão, perdão e missão. São grandes as feridas abertas que atingem profundamente as diversas dimensões da realidade latino americana como as injustiças, a desigualdade social, todo tipo de violência que mata mais do que em países que estão em guerra civil, a corrupção política, a atual situação social, política e econômica da Venezuela, a exclusão das minorias sociais e dos povos originários de cultura africana e indígena com os quais temos uma grande dívida histórica e por fim, a constante ameaça e exploração da criação.

Este cenário não reconciliado, junto com tantas outras realidades feridas do mundo é a foto da crise socioambiental da qual nos fala o papa Francisco. Mais do que nunca necessitamos assumir, explicitar e encarnar a reconciliação como dom e tarefa em contextos tão desafiadores e nesta reflexão buscamos oferecer um caminho concreto desde a espiritualidade inaciana que é encarnada na realidade e impulsiona um contínuo processo de discernimento.

Com isso, faz-se urgente a necessidade de conversão do coração que passa por um caminho de purificação pessoal como o de Santo Inácio e o mesmo caminho proposto nos exercícios espirituais. Esta conversão tem sérias consequências sociais à medida que vai junto com a libertação e purificação das injustiças presentes na sociedade, no mundo e na criação. Construir relações justas requer também penitências, renúncias, esforços e enfrentamento as forças estruturais do pecado. Aqui podemos fazer memória do Ir. Vicente Cañas e da Ir. Dorathy Satang mortos pela reconciliação da criação e tantos outros

companheiros e companheiras que assumiram até o martírio a missão de reconciliação e justiça.

Faz-se urgente fortalecer os instrumentos apostólicos como os exercícios espirituais que criam disposição e generosidade no sujeito inaciano para a reconciliação. Somente reconciliado consigo mesmo que o ser humano poderá dialogar com o diferente, conhecer, respeitar e escutar o outro. Este outro que primeiramente é Deus e o abre para as demais relações. Processo que passam pelas experiências do perdão e a consciência de serem pecadores perdoados, chamados e enviados. Junte-se a isso a necessidade da formação inaciana cada vez mais conectada a realidade pessoal de cada jesuíta, consciente do processo de reconciliação que precisa viver em sua vida sempre em vista da missão reconciliadora.

Faz-se urgente uma melhor compreensão do significado de justiça para que seja devidamente aplicado na reconciliação com clave inaciana e supere a tentação de impunidade que gere uma pseudopaz.

De modo especial faz-se urgente descobrir a força da espiritualidade reconciliadora na responsabilidade e cuidado com a criação. Talvez esta seja a reconciliação mais recente e amplamente difundida pelo Papa Francisco na *Laudato Si'* que já nos alertou que vivemos uma única e grande crise socioambiental. Um tema que fizemos algumas conexões, mas, que dado a sua grande relevância merece ser melhor aprofundado.

Não podemos esquecer dos inúmeros sinais de reconciliação que a Companhia de Jesus e outras instituições desenvolvem em todo mundo. A reconciliação em sua totalidade é uma chamada que já vem sendo respondida, mas, que ainda necessita ser melhor discernida e encarnada. Como exemplo podemos citar o trabalho dos jesuítas com os refugiados (JRS), que responde a chamada a reconciliação desde os mais pobres da sociedade, tem avançado muito na relação entre espiritualidade e reconciliação que nos ajuda a ter uma visão mais integral e justa sobre este tema de cada vez mais relevância para a humanidade. Um trabalho sobre a reconciliação e o JRS nos colocaria de diante de uma reconciliação que exige a justiça e o perdão de Deus que se estende a todos.

Entre tantos desafios que encontramos destacamos a difícil tarefa de abordar tema tão amplo de modo inter-relacionado; e a responsabilidade de refletir sobre algo de grande interesse para a sociedade, para a Igreja e para a Companhia de Jesus em tempos de

profundas rupturas e de urgente necessidade de reconciliação que precisa ser assumida integralmente como dom e tarefa.

O esquecimento ou uso inadequado deste tema pode facilmente esvaziar e instrumentalizar o dom e a tarefa da reconciliação tão bem encarnada na vida e na missão de Jesus e apresentada pelo profeta Isaías: "O espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor consagrou-me pela unção; enviou-me a levar a boa nova aos humildes, curar os corações feridos, anunciar aos cativos a redenção, e aos prisioneiros a liberdade" [Is 61, 1]. Uma reconciliação integral onde Deus tem sempre a iniciativa, mas, conta com a livre colaboração do ser humano para abrir-se a conversão, ao perdão e a missão reconciliadora.

BIBLIOGRAFÍA

1. Fontes

BROËTI, P., CLAUDII J, CODURI, J., RODERICI, S., “Epistolae PP. Paschasii Broëti, Claudii Jaji, Joannis Codurii et Simonis Rodericii, Societatis Jesu, ex autographis vel originalibus exemplis potissimum de promptae”, *MBr* (ed. Madrid 1903) 265 -267 (MHSI 24).

IGNACIO DE LOYOLA, *Obras* (Iparraguirre, I. / Dalmases, C. / Ruiz Jurado, M., eds.) BAC, Madrid 2014.

_____. “Constituciones Societatis Jesu”, *Mco* I (ed. Roma 1934) 268 – 355 (MHSI 63).

_____. “Espistolae et instructiones”, *Epp* VII (ed. Madrid 1908), 422 – 423 (MHSI 34).

_____. “Epistolae et instructiones”, *Epp* I (ed. Madrid 1903), 111-113 (MHSI 22).

LAÍNEZ, D., “Epistola P. Lainii”, *FN* I (Zapico, F, D. / Dalmases, C., eds. Roma 1943). 54 – 145 (MHSI 66).

NADAL, J., “Comentari de Instituto Societatis Iesu”, *Mnad* V (Nicolau, M., ed. Roma 1962), 220 – 488 (MHSI 90).

POLANCO, J., “Sumario de las cosas más notables que a la institución y progreso de la Compañía de Jesús tocan”, *FN* I (Zapico, F, D. / Dalmases, C., eds. Roma 1943). 146 – 256 (MHSI 66).

RIBADENEYRA, P., “Dichos y hechos de N. P. Ignacio, de santa memoria, o cosas tocantes a su persona, recogidas de lo que algunos padres han notado, según que en la margen va señalado”, *FN* II (Dalmases, C., ed. Roma 1951). 472 – 499 (MHSI 73).

_____. “Vita Ignatii Loyolae”, *FN* IV (Dalmases, C., ed. Roma 1965). 79 – 900 (MHSI 93).

2. Documentos da Companhia de Jesus

CONGREGACIÓN GENERAL 31 DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS, Hechos y Dichos, Zaragoza 1966.

CONGREGACIÓN GENERAL 32 DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS, Razón y Fe, Madrid 1975.

CONGREGACIÓN GENERAL 35 DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS, Compañía de Jesús – Mensajero Sal Terrae, Roma – Bilbo – Miliaño 2008.

CONGREGACIÓN GENERAL 36 DE LA COMPAÑÍA DE JESUS, Grupo de Comunicación Loyola, Bilbao 2017.

FRANCISCO, “Discurso del Santo Padre Francisco a los miembros de la 36ª Congregación General de la Compañía de Jesús” em CG 36 147-160.

NICOLÁS, A., “Respostas a las cartas Ex Officio de 2014”, *Acta Romana Societatis Iesu* XXV (2014).

SOSA, A., “*Nuestra vida es misión, la misión es nuestra vida*”. 10 de julio de 2017. Consultado em 13 de maio de 2018. <http://www.jesuitas.org.co>

3. Espiritualidade Inaciana

ALBURQUERQUE, A., *Diego Laínez, S. J. Primer biógrafo de San Ignacio*, Mensajero - Sal Terrae, Bilbao 2005.

ALDAMA, M. A., *Notas para un comentario a: La Fórmula del Instituto de la Compañía de Jesús*, Centrum Ignatianum Spiritualitatis, Roma 1981.

ALEMANY, J. Mª., “El servicio de la Reconciliación”, *Sal Terrae* 90 (2002). 783 -794.

ARZUBIALDE, S., *Ejercicios Espirituales de S. Ignacio, Historia y Análisis*, Mensajero-Sal Terrae, Bilbao, Santander 2009.

COMBLIN, J., “O tema da reconciliação e a teologia na América Latina”, *Revista Eclesiástica Brasileira* 46 (1986) 276-294.

CORELLA, J., *Constituciones de la Compañía de Jesús, Introducciones y notas para su lectura*, Sal Terrae, Bilbao-Maliaño 1993.

COUPEAU, J. C. / GARCÍA MATEO, R., “Loyola” em *DEI II*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 1143-1149.

COUPEAU, J. C., “Reconciliación”, em *DEI II*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 1534-1538.

DALMASES, C., “Autobiografía” em *Obras*, BAC, Madrid 2014.

Diccionario de Espiritualidad Ignaciana, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007.

DOMÍNGUEZ MORANO, C., “Ignacio de Loyola a la luz del psicoanálisis”, *Proyección* 53 (2006), 25 – 56.

_____. “Los ejercicios Espirituales, experiencia de reconciliación”, *Manresa* 77 (2005) 109-123.

ELORRIAGA, F., “Las heridas en la vida de san Ignacio: un largo camino hacia la alteridad de Dios”, *Manresa* 85 (2013) 125-135.

ÉMONET, P., “Primera semana” em *DEI II*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 1477-1481.

GARCÍA DE CASTRO, J., “¿Qué hacemos cuando *hacemos* Ejercicios? La actividad del ejercitante a través de sus verbos”, *Manresa* 74 (2002) 11-40.

_____. “El lento camino de la lúcida entrega”, *Manresa* 73 (2001) 333-355.

_____. “Moción” em *DEI*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 1265-1268.

GARCÍA DOMINGUEZ, L. M^a., “La reconciliación consigo mismo en la Primera Semana de los Ejercicios”, *Manresa* 69 (2007) 37-51.

GARCÍA MATEO, R., *Ignacio de Loyola, su espiritualidad y su mundo cultural*, Mensajero – Bilbao 2000.

_____. “La formación castellana de Ignacio de Loyola y su espiritualidad”, *Manresa* 58 (1986) 375-383.

Escritos esenciales de los primeros compañeros, de Ignacio a Ribadaneira, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero – Sal Terrae, Madrid – Santander – Bilbao 2017.

LADARIA, L., “Creador/creación/criatura”, em *DEI I*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 497-503.

LIBÂNIO, J., “Ecología”, em *DEI I*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 669-673.

LOP, M., *Las pláticas del P. Jerônimo Nadal. La Globalización Ignaciana*, Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander, 2011.

LOPES, E., “La espiritualidad de la reconciliación en JRS”, *Review of Ignatian Spirituality* 42 (2011) 1 – 7.

MELLONI, J., “Ejercicios espirituales”, em *DEI I*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 685-689.

_____. “El conocimiento interno en la experiencia del Cardoner”, *Manresa* 71 (1999) 5-18.

_____. *La mistagogía de los ejercicios*, Mensajero – Sal Terrae, Bilbao – Santander 2001.

_____. “Las crisis como categoría antropológica y espiritual”, *Manresa* 85 (2013) 113-123.

RODRIGUEZ OLAIZOLA, J., *Ignacio de Loyola, nunca solo*, San Pablo, Madrid 2006.

O'DONNELL, J., “Trinidad”, em *DEI II*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 1721-1727.

O'MALLEY, J., *Los primeros jesuitas*, Mensajero – Sal Terrae, Bilbao – Santander, 1993.

DIVARKAR, P., “La transformación del yo y la experiencia espiritual: El enfoque ignaciano a la luz de otros modelos antropológicos”, em *Psicología e ejercicios ignacianos I* (Alemany, C. / García – Monge, A, J., eds.), Mensajero – Sal Terrae, Bilbao – Santander, 1992, 23 - 34.

RAMBLA, J. M^a., “Autobiografía”, em *DEI I*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 197-201.

_____. *El peregrino, Autobiografía de San Ignacio de Loyola*, Mensajero-Sal Terrae, Madrid 2015.

RODRIGUES, M., “San Ignacio y la Reconciliación”, *Promotio Iustitiae* 60 (1995) 37-38.

ROLDAN, A., *San Ignacio de Loyola a luz de la tipología*, Centrum Ignatianum Spiritualitatis, Roma 1980.

“Sanar un mundo herido”, *Promotio Iustitiae* 106 (2011/2).

TELLECHEA, J., *Ignacio de Loyola - Solo y a pie*, Sigueme, Salamanca 1990.

THIÓ, S., “Ignacio: de la humanidad a la pacificación”, *Manresa* 77 (2005) 125-137.

_____. “Lágrimas”, em *DEI II*, Grupo de Espiritualidad Ignaciana (ed.), Mensajero-Sal Terrae, Bilbao – Santander 2007, 1101 – 1105.

URÍBARRI, G., “La escatología em la dinámica de los ejercicios de San Ignacio de Loyola”, *Manresa* 78 (2006) 333-355.

4. Obras Gerais

BIBLIA DE JERUSALÉN, *Nueva edición totalmente revisada y aumentada*, (Ubieta, J. A., dir.), Desclée de Brouwer, Bilbao 1976.

CONCILIO VATICANO II, *Constituciones, Decretos, Declaraciones*, BAC, Madrid 1965.

COVARRUBIAS, S. de., *Tesoro de la lengua castellana o española*, (Riquer, M., ed.), S. A. Horta de Impresiones y Ediciones, Barcelona 1943.

Diccionario de la Real Academia Española, Real Academia Española (22ª ed.), Madrid 2002.

Diccionario Teológico El Dios Cristiano, Secretariado Trinitario, (Xabier Pikaza, O. de M. / Nero Silanes, O. SS. T., eds.) Salamanca – España 1992.

FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si’, Sobre o cuidado da casa comum*. Paulus – Loyola, São Paulo 2015.

JUAN PABLO II, *Exortación Apostólica Reconciliatio et Paenitentia*, Paulinas, Madrid 1984.

PABLO VI, “Exortación Apostolica Pater cun benevolentis”, *Eclesia* 1722 (1975).